

Maria A. S. Coquemala

Além dos Sentidos

Contos e Crônicas




ALL PRINT
EDITORA

Maria A. S. Coquemala é professora de Língua e Literatura Portuguesa, autora de *Naná e o Beijafior*, (infanto-juvenil), *Círculo Vicioso* e *O Último Desejo* (contos).

Além dos Sentidos reúne narrativas cuja temática predominante envolve situações que extrapolam o comum da existência, como o transcendental reencontro no azul de famosa gruta italiana; a visão esquizofrênica da sonhadora moça da padaria; encontros e desencontros virtuais pelo sortilégio do Zahir; a revelação das faces mortas destruindo os vivos; a transformação noturna de desenhos rupestres numa aldeia africana, alterando comportamentos...

Contos onde o humor se faz também presente com as trapalhadas do crônico desempregado Papai Noel, também do milongueiro Quinzinho querendo emprego, trabalho nunca; na festa de aniversário de exclusivo doce de mamão da menina Maria de Lurdes; com o visionário professor de Geografia e seu túnel Brasil-Japão, levando café e trazendo gente; na bem sucedida pizzaria das doutoras, engavetados os diplomas delas e sonhos de papai e mamãe; com os cegos pela paixão buscando refúgio nas encostas do Vesúvio, prestes a entrar em erupção; na guerra dos vizinhos entre miados e latidos de seus animais de estimação...

Ao
Soares,
autor de Peregrinações,
texto que eu amo,
com paixão.
Se quem a
maria - 13 e ud. com. br

Além dos sentidos

ALÉM DOS SENTIDOS
Copyright © 2007 by Maria A. S. Coquemala
Todos os direitos reservados.
Edição única – proibida a venda e reprodução
parcial ou total sem autorização do autor.

Projeto gráfico, editoração e impressão:



ALL/PRINT
EDITORA

www.allprinteditora.com.br
info@allprinteditora.com.br
(11) 5574-5322

Imagem de capa:
Reprodução da tela
Guernica, Pablo Picasso, 1937

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coquemala, Maria A. S.
Além dos sentidos : contos e crônicas / Maria A. S.
Coquemala. – São Paulo : All Print Editora, 2007.

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Título.

07-4040

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93
2. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

Maria A. S. Coquemala

Além dos sentidos

Contos e Crônicas



2007
SÃO PAULO - BRASIL

Da mesma autora:

Naná e o Beija-flor (infanto-juvenil),
Ed. Itararé, 2003, Itararé, SP - 1ª ed.

Naná e o Beija-flor (infanto juvenil),
Ed. Itararé, 2005, Itararé, SP - 2ª ed.

Círculo Vicioso (contos)
Ed. Edicon, 2004, São Paulo, SP.

O Último Desejo (contos)
All Print Editora, 2004, São Paulo, SP.

Crônicas e Contos Premiados

- A Cozinheira

Ed. Paka-Tatu I - Conc. Nac. Contos - Belém PA 1.º lugar 2006
Academia Ponta Grossense de Letras - PR - m. honrosa - 2006

- À Espera

Acad. de Artes e Letras - Ilha de Paquetá - RJ - 2.º lugar - 2005
Movimento Literário Mirinha - Rio Grande - RS - 3.º lug. - 2006

- **A Face dos Mortos** - SESC Uberlândia - MG - Antolog. - 2006
Histórias do Trabalho- antol. Prefeitura Porto Alegre- RS - 2006

- **A Festa de M. de Lurdes** - ASAS - S.L. Gonzaga - 3.º lug 2006
Academia Letras - S. João da Boa Vista - SP - 3.º lugar - 2006

- Além dos Sentidos

Movimento Literário Mirinha - Rio Grande RS - 3.º lugar - 2006

- Alessandra

Academia Letras - Est. Rio de Janeiro - medalha de ouro - 2006
XIV Concurso Letras S. João da Boa Vista SP - 3.º lugar - 2006

- A Menina e o Gato Gordo

Giardini Naxos - Sicília - Itália - Ac. Il Convívio - 2.º lug. 2004
Concurso da Papyrus Editora - Santos SP - 2.º lugar - 2004

- A Noite do Papai Noel

Secretaria Municipal de Cultura, PUC, Universidade Federal de
Pelotas RS - Concurso Simões Lopes Neto - antologia - 2006

Conc. Nac. Contos - S. João da Boa Vista - SP - 2.º lugar - 2005
Concurso FALAR - Rio de Janeiro - medalha de prata - 2006

- **Artemor** - Ed. Guemanisse - Teresópolis RJ- m. honrosa - 2006

- A vida era um sonho...

Blumenau - SC-Conc. Contos- Socied. Escritores - 3.º lugar- 2006

- Campinas É Saudade

Conc. de Crônicas- Secr. Municipal- Campinas SP- 3.º lug. 2006

- **Canaã** - Conselho Munic. Cultura Caçu - GO - M. honrosa - 2005

- **Carnaval** - 3.º Conc. Lit. Nau - São Paulo - SP - 2.º lugar - 2004

Barra Bonita SP Clube de Letras -Categoria Consagrados - 2004

- **Círculo Vicioso** - Guemanisse - Teresópolis m. honrosa - 2006

Clube de Letras - Barra Bonita SP - Categ. Consagrados - 2003

S. Gonçalo do Amarante-RN-Acad. Letras- menção honrosa 2004

- Ditinho Guimarães -

Sociedade Protetora dos Animais - Piracicaba SP - 2.º lugar 2003

- Des/encontros

Concurso Abrace - Brasil/Uruguai - ant. internacional - 2006

- Enigma dos Rupestres:

Acad. Bras. de Est. e Pesquisas Lit. Rio - méd. de ouro - 2006

- **E o circo chegou.** Conc. Liter. Nau-S. Paulo 1.º lugar - 2006

- Epifania

Faculdades Taquara - V Conc. Literário - RS - 1.º lugar - 2006

- **Expectativa:** Fest. Liter. Imperatriz - MA-m. honrosa - 2004

- **Encontro em Bruges** - Prêmio Artez S Paulo m.honrosa - 2006

- Francesco de Firenze

Concurso Prof.A.C.Almeida - Bragança Pta - m. honrosa 2006

- Infância

Academia Munic. Letras-B. Horizonte- MG-m. honrosa -2006

Acad. Pontagrossence de Letras - PR - menção honrosa - 2006

- Lina e o Homem Feio

Academia Pontagrossence de Letras - PR - 2.º lugar - 2004

Congresso Socied. Lat.Mogi das Cruzes SP- m. honrosa - 2006

- **Na Aldeia Medieval** ASAS-S. L. Gonzaga RS 2.º lug - 2005

- **Nico e Nina:** P. Missões - R. Gonzalez RS m. honrosa - 2005

- **O Buraco** - Acad. Bras. Est. Pesq. Liter. Rio - m. prata - 2004

Taba Cultural - Rio - Concurso Letras do Brasil-3.º lugar- 2005

- O Mocinho Jardineiro

São Lourenço RS - Concurso Pérola da Lagoa - 3.º lugar - 2004

- **Os Gatos do Telhado** - Conc. Nau - S.Paulo - 3.º lugar - 2007

- **O Prefeito** - S.José SC - Conc. Nac. Contos- m. honrosa 2004

Acad. Cult. Barretos SP Conc. Nacional Contos - 2.º lug - 2004

- O Santo Roubado

Suplemento Pensar - Correio Braziliense - Brasília - DF - 2003

- O Último Desejo

Assoc. Chapecoense de Escritores- Chapecó SC-1.º lugar - 2004

- Presente de Natal

Acad. Letras e Artes - Araguari - MG - menção honrosa - 2006

- Professor de Geografia

Acad. de Letras do Est. do Rio de Janeiro - medalha ouro - 2006

Prêmio Artez de Literatura-Conc. Nac. S.Paulo 2.º lugar - 2006

- **Quinzinho** - Revista Estalo - B. Horizonte -MG 1.º lugar 2006

- **Vesúvio** - Sec. Munic. Educ. Cordeiro MG - m. honrosa - 2007

- Viagem à China -

- **Conc. Relatos de Viagem** - Porto Alegre - RS - 2.º lugar - 2007

Ao Walter, saudade...

Ao Waldir, ao Walton e à Vanessa,

estrelas da sorte.

Agradecimentos

Ao grupo de leitores que ajudou na seleção destes contos:

Ana R. Tavares - diretora de escola

Andréia Machado - professora

Ângelo Cerantola - fiscal

Aparecida Alécio Jinks - advogada

Carmem D. Moraes - professora

Djalma S. Moraes - engenheiro

Daphne S. Shimidt - médica

Domingos F. Cardoso - engenheiro

Edicléia Vasconcelos - professora

Edinaldo R. Oliveira - universitário

Fernanda Lages - jornalista

Isabel C. V. Marson - professora

Jair Drago - engenheiro

Josleide S. do Vale - universitária

Luísa Ferreira - funcionária pública

Marina Campos - designer

Maria Aparecida Montes - bancária

Maria Aparecida Rocha - professora

Marissol Pires - funcionária pública

Mário H. P. Gouveia - advogado

Thomas S. Meyer - dentista

Regiane C. Nacli - universitária

Rita Velosa - escritora

Rivelino E. Delgado - universitário

Rodrigo Duarte Martins - secretário

Vanessa Coquemala - bióloga

Walton Coquemala Filho - professor

Wellington Finotti - professor

Sumário

Contos

1 - A Gruta Azul.	13
2 - A Cozinheira	15
3 - À Espera	18
4 - A Face dos Mortos.	20
5 - A Guerra dos Latidos	23
6 - Além dos sentidos.	26
7 - Às Margens do Yamuna	30
8 - A Noite do Papai Noel	33
9 - Ariel e a Moça Gentil	38
10 - Artemor	42
11 - A Rotina de Madalena.	44
12 - A Sobremesa	46
13 - À Sombra da Mangueira	48
14 - Aventura em Bruges.	52
15 - A vida era um sonho....	55
16 - Charme	59
17 - Chuva	63
18 - Des/encontros	68
19 - Despedida.	71
20 - Do alto da sua inocência....	73
21 - Enigma dos Rupestres.	76
22 - Mercedes	80
23 - Na Aldeia Medieval	84
24 - No coração das mulheres inocentes...	87

25 - No Jardim do Milionário	90
26 - Os Bois.	94
27 - O Casarão	96
28 - Os Gatos do Telhado.	99
29 - O Soberano Turco	102
30 - Psicopatas	107
31 - Presente de Natal.	111
32 - Quinzinho.	115
33 - Senhor	117
34 - Sócrates: a busca	120
35 - The End	124
36 - Vesúvio	127

Crônicas

1 - A festa de Maria de Lurdes	134
2 - Alessandra	136
3 - As Meninas.	139
4 - E o circo chegou...	141
5 - Infância	144
6 - Pizzaria	148
7 - Professor de Geografia	150

Classificação dos contos e Crônicas

De amor

- 1 - A Gruta Azul
- 2 - À Espera
- 3 - Além dos Sentidos
- 4 - Às Margens do Yamuna
- 5 - Ariel e a Moça Gentil
- 6 - Des/encontros
- 7 - Enigma dos Rupestres

Semi-eróticos

- 1 - A Cozinheira
- 2 - Aventura em Bruges
- 3 - Na Aldeia Medieval
- 4 - O Soberano Turco
- 5 - Vesúvio

De humor

- 1 - A Festa de Maria de Lurdes
- 2 - A Guerra dos Latidos
- 3 - As Meninas
- 4 - Artemor
- 5 - A Rotina de Madalena
- 6 - E o circo chegou...
- 7 - Pizzaria
- 8 - Professor de Geografia
- 9 - Quinzinho

De ficção científica

- 1 - Charme
- 2 - Psicopatas
- 3 - Senhor
- 5 - Sócrates: a busca

De temas variados

- 1 - A Face dos Mortos
- 2 - Alessandra
- 3 - A Noite do Papai Noel
- 4 - A Sobremesa
- 5 - À Sombra da Mangueira
- 6 - A vida era um sonho...
- 7 - Chuva
- 8 - Despedida
- 9 - Do alto da sua inocência...
- 10 - Infância
- 11 - Mercedes
- 12 - No coração das mulheres inocentes...
- 13 - No Jardim do Milionário
- 14 - Os Bois.
- 15 - O Casarão
- 16 - Os Gatos do Telhado
- 17 - Presente de Natal
- 18 - The End

A Gruta Azul

Eu me perguntava, vendo-a mergulhada na mortal tristeza, se os que partem para sempre tornam culpados os que ficam. Os que os amavam. Como se vida ou morte tivesse dependido deles. Culpam-se pelo que fizeram... Culpam-se pelo que não fizeram... Ela não era exceção. Amigos e familiares a cercavam de carinho pela perda do companheiro. Não reagia. Companheiro que arrastara com ele os laços que a prendiam à vida. E me perguntava qual o limite para a dor da perda, até quando resistiria, pobre ser incompleto, perdido qualquer interesse pela vida, anulada qualquer alegria... Vida que já não tinha importância alguma... Então consegui convencê-la a ir comigo numa viagem à Europa. O jeito que encontrei para tentar amenizar a dor da perda.

E lá estávamos na “bella” Itália, no ônibus que corria através da excelente rodovia, rumo a Capri, em plena primavera, eu apreciando a paisagem, as oliveiras, as construções de tempos imemoriais remetendo a tantas histórias, mas amiga ignorando os atrativos da viagem, calada e triste... Passamos pelo Vesúvio. Quantas as lembranças... Mais de dois mil anos tinham-se passado desde que tinha soterrado Pompéia, o famoso balneário, com seus jardins, ruas sulcadas para as bigas, casas inteligentes, fórum, casas de banho, Arte por toda parte... Um flagrante da vida romana, eternizada pelas lavas.

Não sou romântica, pelo menos tento que sentimentos e emoções não sobrepujem a razão. Uma renitente cartesiana, brincam amigos. Mas a tristeza da amiga silenciosa, a beleza do Sul italiano, a música, tudo me emocionava...

E assim, chegamos a Capri, à Gruta Azul na manhã ensolarada, mar de azul puríssimo, raros turistas. Escolhemos um pequeno barco, entramos na gruta famosa, apenas nós

duas e o barqueiro napolitano. Ninguém mais havia lá dentro naquele momento de esplendor que palavras não podem expressar. O homem cantava e era como se com seu canto melodioso complementasse a beleza revelada aos nossos olhos... Então, do que se seguiu, apenas ele e eu fomos testemunhas. E tacitamente, para sempre calamos. Por quê? Respeito aos que fizeram de suas vidas um ato pleno de amor? Pelo que os olhos viam, mas sem acreditarem no que viam? Como quer que seja, não importa os anos decorridos desde então. Pois, como esquecer os momentos ali vividos no azul que tudo envolvia, a romântica canção se elevando na voz dolente do barqueiro, a existência parecendo se redefinir em paragens que transcendiam a realidade... Surpreendida, via minha amiga se transformando, saindo da mais profunda tristeza para incontida alegria... Alegria que se expandia em ondas suaves por toda a gruta, se dilatando, levando para longe qualquer vestígio de tristeza.

Busquei explicações sensatas, talvez o esplendor do momento a alegrasse por instantes. E eis que veio vindo em nossa direção o amado companheiro no seu pequeno barco, uma aura de luz esbranquiçada o envolvendo, sozinho. Gentilmente, a fez mudar de barco, partiram em direção ao fundo da gruta, dois vultos se esgarçando, desaparecendo do nosso olhar atônito, rumo certamente ao infinito de um amor que o ligava para sempre. Nossa perplexidade comovida nos paralisava, nenhuma palavra dizíamos, mudos de espanto. Até que desapareceram...

Sem saber de imediato como proceder, comunicamos às autoridades italianas que a amiga se jogara ao mar, sem que pudéssemos salvá-la, apesar de todos os esforços. O corpo jamais foi encontrado. Quero acreditar que o companheiro tenha mesmo vindo buscá-la e estão em algum lugar, onde a morte já não pode separá-los.

A Cozinheira

A chuva não cessa, o aroma de café recém-coado traz lembranças da cozinha da casa da avó, do enorme fogão de lenha em cujas cinzas gatos friorentos se aninhavam nas noites frias, o café recendendo pela casa, bolinhos de chuva boiando no óleo quente da frigideira, a expectativa infantil... E o avô contando histórias de assombração, do espectro assustando viajantes nas encruzilhadas em noites de lua plena e piar de corujas; da moça loira, assassinada pelo amante ciumento, surgindo e se esvaindo com seu triste canto...

Casado e fiel há tantos anos, tão ocupado sempre, profissão e família o absorvendo, os anos tinham trazido as inevitáveis mudanças no corpo, quase imperceptíveis no começo, se somando, sem retorno, cabelos grisalhos, barriga em avanço, coluna se curvando... A noiva sedutora transformada na tranqüila mãe de seus filhos, avó carinhosa, solidária sempre na alegria e na tristeza... A mulher com quem ainda dorme e apazigua o corpo. Mas, morto pela rotina o erotismo que embalara os dias da juventude. Para sempre? E a repentina sensação de urgência, de pegar o último trem... Talvez melhor descer à cozinha antes que o café perdesse o frescor, espantar a sonolência, os pensamentos inoportunos...

E lá está ela, a nova cozinheira, preparando pães e bolos, suando... Percebe os seios empinados sob a camiseta transparente, os joelhos redondos que a saia mal encobre, os dentes brancos no sorriso aberto, tão moça ainda, tão bonita... Cheiros de molhos, de pão assando, de café, dela própria se mesclam ao odor da sua despertada virilidade, na atmosfera tépida da cozinha... Bebem na mesma taça o vinho recendente se derramando das bocas ansiosas, línguas se buscam entre beijos, os corpos atraídos pela febre dos desejos se desnudam, rolam no chão oleoso

trocando secreções, envoltos na fumaça precedendo chamas do fogão da cozinha da casa da avó, a frigideira esquecida ao fogo à espera dos bolinhos trazidos pela chuva, entre cantigas do espectro da moça loira, com a ponta dos dedos tocando lentamente seu pescoço, percorrendo lábios que prenunciam beijos, mais e mais se achegando, buscando a realização dos desejos tornados irreprimíveis...

E o acordar suando, na tarde chuvosa. Haveria mesmo uma nova cozinheira? Ri dele mesmo, descarregando em loiras fantasmagóricas e cozinheiras assanhadas o imprevisto desejo de orgia, e justo na cozinha da casa da sua virtuosa avó. Tudo perdoável, pois até a Igreja criara os dias de carnaval para liberação dos anseios carnavais. Nos sonhos se realizam os desejos reprimidos, postulara Freud. Um truísmo.

Começa a sentir fome, o café ainda recende, o cheiro de pão assado chegando, tão vivas as imagens oníricas, bolinhos de chuva boiando no óleo quente... Desce dos sonhos à cozinha. Cozinha silenciosa, não fosse o ressonar da nova cozinheira, cabeça debruçada sobre a mesa. Vagaroso se aproxima, toca-a de leve, *o pão pode queimar...*

Cozinheira que prepara para ele o melhor de pães e bolos, os molhos mais finos com as mais frescas ervas aromáticas, bolinhos de chuva recheados de sonhos... Sente o homem desejoso nas formas vigorosas entrevistadas na camisa aberta, pernas fortes escapando da bermuda, dentes perfeitos no sorriso aberto, tão moço, tão bonito... Os cheiros se mesclam na atmosfera tépida da cozinha, dela, de molhos, de pão assando, da virilidade se desprendendo dele... Enchem com o café recendente as xícaras chinesas, bebem juntos na febre dos corpos em chamas, línguas se buscam entre beijos frenéticos, o café se derramando sobre corações acelerados, se desnudam, rolam no chão oleoso misturando secreções, envoltos na fumaça pre-

cedendo chamas do fogão da casa da avó da sua infância, ao calor da frigideira esquecida ao fogo à espera de bolinhos com sabor de chuva, o grito do espectro das encruzilhadas entrando pela janela, espectro que tem a cara do marido havia tantos anos falecido...

E o acordar confusa, suando, na cozinha aquecida. Haveria mesmo um patrão bonito? Ri de si mesma descarregando as ânsias do corpo num patrão desconhecido, na cozinha da própria casa dele. E, de repente, o toque advertindo, *o pão pode queimar...*

Estão agora frente a frente, dois estranhos. O homem respeitoso, meio curvado, cabelos brancos, veio por café, se explica. A mulher humilde, envelhecida do trabalho, confusa, limpando a testa suada com o avental, o serve.

Voltara às plagas do sonho o homem cheiroso, levando com ele a jovem cozinheira e a moça loira...

À Espera

Bem que tenta um marido, mas tem faltado sorte. Muitos os descasados, os solteirões, fregueses da padaria, mas tranqueiras de homens arredios ao casamento. *Namorar, sim; casar nunca*, já ouviu de um deles, rindo, parodiando o grande Marechal Rondon. Padaria de onde quase nunca sai, há que sustentar pai e mãe, e os maus políticos dos grotões brasileiros, raça de sugadores do povo, conforme vê na TV, nunca mais vai votar em ninguém, tudo farinha do mesmo saco, pensa descarregando neles as frustrações da vida.

Anos escorrem, o tempo flui implacável, mas ainda há esperança de um lar próprio, filhos, gatos e hibiscos, marido e ela juntinhos, atendendo na padaria, a vida em construção... Sonhos que não se realizam, *sonhos concretizados, só mesmo os recheados da padaria*, brincam fregueses gozadores. A mesmice dos dias se sucedendo até que...

Até que ele, tímido e desajeitado, começasse a vir à padaria, apontando com o dedo o pão da preferência. Traz o dinheiro contado, é silencioso, paciente esperando a vez, vem sempre no mesmo horário... Mas, um dia... E que dia! O homem sorri olhando para ela ao entregar-lhe o pão errado, sorriso generoso, cúmplice, se espraiando pelo rosto... Sorriso de ternura, de amor, de esperança de sonho se realizando. Assim interpretado.

E o que não passava de atencioso atendimento se transforma em súbita paixão. Sem pedir licença, desconhecido e mudo, o homem do sorriso se entranha nas suas fantasias. Tinha sorrido para ela... Homem bonito, aliança nenhuma, certamente solteiro, o homem com quem vai casar e ser feliz para sempre, como nas belas histórias de amor... Mas, tem que ser dela a iniciativa, e é agora ou nunca, qual general

às vésperas da batalha decisiva. Na manhã seguinte, vai lhe um oferecer café e...

Manhã de frustrações, o homem não vem, como não virá nas outras. Conta os dias no calendário... Dúvidas se acumulando... Doente? Morto? O tempo se alonga, a vida se esvai na solidão que é só sua nas manhãs da padaria... Acabrunhada, a cada dia mais estranha, guarda para ele o pão da preferência, cestos se enchendo... O mesmo pão- oferenda todo dia, uma espera sem limites, um olhar fixo e esquisito, no qual uma pessoa mais atenta poderia ver vestígios de sonhos de uma mulher perdida em seu desvario esquizofrênico...

A Face dos Mortos

Aos poucos, sem sustos nem surpresas, a menina saiu de seu cantinho, trocou bonecas por criancinhas mortas, colocando flores, fechando olhos, ajeitando cabelos, ajudando a mãe nos serviços funerários. Uma tradição de família, pois que também a mãe ajudara a avó desde muito cedo no seu mister de banhar os defuntos, vesti-los e maquiá-los.

A princípio, apenas se envolvia com as criancinhas natimortas. Com o passar do tempo, também com adultos, homens e mulheres, mortos de causas naturais ou violentas, mendigos anônimos, qualquer um que chegasse. E assim, calma fluía a existência, trabalhando na funerária, indo à noite à escola, a vida se construindo na rotina das horas se alternando entre os mortos do dia e os vivos da noite... E como não lhe faltasse excepcional sensibilidade, se foi dando conta de que as marcas das faces mortas revelavam vestígios da travessia vida/morte, bastando observá-las com atenção, enquanto as mãos habilitadas os preparavam.

E o que não passava de simples curiosidade se foi transformando em atenção obsessiva, percebendo ironias no quase imperceptível levantar nas extremidades dos lábios, serenidade na profundidade dos olhos apagados, inconformidade nas faces crispadas, horror, revolta, espanto, aceitação... Ali os registros da hora derradeira, as lutas agônicas, o desdém dos suicidas, a confusão dos que partem emendando sonos... Revelações se sucedendo... E transcendeu, mergulhando na intimidade dos mortos, nas histórias das vidas extintas. História dos noivos mortos juntos em acidente, entre embevecidos olhares, como só se olham mesmo os noivos apaixonados; história do homem poderoso no passado, a prisão, a perda dos bens, o desfecho final na rua; da mulher, um dia criancinha, súbito adulta sem adolescência, a vida exaurida no trabalho, na pobreza, na cria-

ção dos filhos sumidos pelo mundo, o alívio trazido pela morte bem visível no esboço do sorriso. Tantas outras histórias, da moça prostituta assassinada, a morte chegando violenta, justo ao desabrochar de um amor acima das conveniências sociais; da dor da jovem mãe partindo aos gritos dos filhos pequeninos; do menino morrendo nas ondas, entre as inúteis tentativas do pai para salvá-lo... E a do mais estranho dos mortos, chegando com a boca ainda escancarada na última gargalhada. Pobre louco que vagava pela cidade querendo matar o tempo com sua faca enorme, pensando ter descoberto seu segredo, interrompendo-o, vendo o que só ele via, bebês parados entre o útero e a luz, passos incompletos, freado o último suspiro dos moribundos; ouvindo o interminável zumbido das cigarras, o tique-taque de relógios marcando sempre a mesma hora. E assim se divertia, mas morto finalmente pelos invisíveis tentáculos do próprio tempo se vingando, matando-o antes que o matasse, pagando com a vida a descoberta do segredo, conforme histórias correndo no imaginário popular.

Realidade e imaginação se confundiam na mente obcecada da mocinha, descobrindo a cada dia novos conflitos vividos, o olhar se especializando, a fama crescendo...

O caso transcendia qualquer explicação, já que não só mergulhava no passado dos mortos, como por vezes o fazia com precisão assustadora, revelando fatos sombrios perante a família e a sociedade estupefatas. Pensou-se na encarnação de algum espírito maligno, sendo então exorcizada, afastada do trabalho, depois que aterrorizara a população da cidade, revelando que o homem recém-falecido, considerado até então virtuoso e pai exemplar, era, na verdade, assassino de jovem estuprada e morta havia anos no parque da cidade.

Internada, para que não fosse eliminada como indesejável testemunha de outros crimes do passado, sem trabalho e sem escola, passava os dias cuidando de pequeno jardim

de um hospital psiquiátrico, observada sempre por médicos e psicólogos, tornada objeto de estudo, desejosos de chegar à explicação de tão estranhos poderes. Sensibilizados, todos a cercavam de carinho, em especial um jovem enfermeiro a cada dia mais enamorado, falando de amor, tornando-se íntimos...

Mas, como saber-se tão amada quanto amava, se apenas sabia ler as faces dos mortos? Como comprovar a veracidade do imenso afeto declarado? E enlouquecida, o matou enquanto dormia a seu lado.

E viu na face morta a paixão retribuída na sua plenitude.

A Guerra dos latidos

Vívio, sem filhos, aposentado, Balthazar morava sozinho, melhor dizendo, morava com Gaspar, gato sem raça definida, tranqüilo e obeso, sete quilos, pelos dourados, desfrutando da maior mordomia, dando suas voltinhas pelo quarteirão, desfilando altaneiro pelos muros, espantando passarinhos, dormindo onde bem lhe apetecesse, no sofá, nas gavetas deixadas de propósito abertas, no telhado sob o sol da manhã, enfim, um *vidão*. Viviam tranqüilos na rotina humano-felina, nada os incomodava, a vida corria serena até que...

Até que o barulho começasse bem ao lado. Estranharam. De repente, a casa até então silenciosa, com o novo proprietário se tornava a fonte contínua de latidos, acordando-os no melhor do sono de manhã, no meio da noite, a qualquer hora, a qualquer dia, respeito nenhum por eles, era preciso agir. Daí o educado bilhete, mandado via correio. Balthazar já sabia que moravam ali uma mulher, seu cão e mais ninguém,

Senhora, peço-lhe encarecidamente que faça calar seu cão, pois seus latidos têm perturbado minha vida e a de Gaspar, meu pobre gato, dia e noite. No aguardo, obrigado, Balthazar.

Surpreendido, leu o bilhete-resposta, vindo igualmente via postal,

Senhor Balthazar, Teodoro, meu cão, é de paz e silêncio, só tem latido respondendo às provocações de Gaspar, a qualquer hora, dia e noite, sobre o muro que separa nossas casas. Peço-lhe que o prenda para o bem de todos e felicidade geral de nossos lares. No aguardo, obrigada, Natércia.

Ah, então a engraçadinha ainda brincava com ele plagiando o "Fico" de Dom Pedro? A atrevida culpava o pobre Gaspar pelas desordens? Pois haveria de saber com quem estava lidando, a bandida, desgraçada, ela e seu cão vira-lata.

Senhora Natércia, Gaspar tem a fina educação dos felinos bem criados e educados, não provoca cães, menos ainda um vira-lata, que certamente late porque as pulgas não o deixam em paz, quem sabe sarna... Sugiro que o leve ao veterinário para o bem de todos e felicidade geral da sua vizinhança. Balthazar.

Ficou na expectativa da resposta, a guerra estava declarada, ele era de paz, mas não de engolir desaforos de vizinha autoritária, que aprendesse a respeitá-lo e ao inocente Gaspar, não querendo proibi-lo dos relaxantes passeios sobre o muro divisório. Mulher desalmada...

Senhor Balthazar, condutas como a sua revelam comportamento esquizóide, sugiro visita urgente ao psiquiatra. Aproveite e leve o obeso Gaspar ao dieticista. A substituição de osso por saladinha de alface certamente lhe vai fazer um grande bem. Natércia.

Ignorava o que era exatamente ser esquizóide. Consultado o dicionário, retesou os punhos. Ah, mulher miserável, cria do Capeta... E ainda chamar Gaspar de obeso...

Senhora Natércia, sem mais delongas... Dou 24h para fazer calar seu vira-lata sarnento. Findo o prazo, vou atrás de meus direitos. Balthazar.

E aguardou que os latidos se calassem. Que não se calaram.

Senhor Balthazar, todos os seus direitos serão respeitados, desde que respeite também os nossos, livrando-nos da presença desse felino vadio, provocador de cães alheios. Natércia.

Bilhetes ainda se sucederam, as ofensas cresciam, os passeios provocadores de Gaspar se intensificando, também os latidos de Teodoro. Miados, latidos, rosnados de cá e de lá que acabaram por levar os dois vizinhos ao Tribunal. Onde, envergonhados perante a fisionomia solene do juiz, perceberam a insignificância dos motivos que os tinham arrastado lá, brigando como crianças.

Era a primeira vez que se viam: a mulher tinha cabelos grisalhos combinando delicadamente com os olhos azuis,

jeito simpático, nada lembrando a *fera* dos bilhetes. Ele parecia constrangido, tímido, perdidas as garras leoninas dos ataques postais.

E sem que o juiz dissesse uma única palavra, sorriram, se desculparam e intimamente bendiziam os miados e latidos que os tinham aproximado.

Além dos sentidos

Se a vida é um suceder de eventos numa reação em cadeia, as marcas da varíola contraída na minha infância foram o evento primordial, o Big Bang do meu destino, definindo rumos, gerando sentimentos de inferioridade, pautando estudos, profissão, casamento...

* * *

Eu era uma adolescente revoltada, enfiada em mim mesma, obsessivamente imaginando como seria minha vida sem as marcas da varíola na face, se minha mãe tivesse me vacinado. Minha mãe, mulher rica, ocupada demais com sua projeção social, que não tivera tempo pra pensar na vacina da filha pequenina.

Por conta disso, a desprezava e aos que faziam da minha adolescência um tempo de humilhação, meus irmãos, colegas, com suas brincadeiras... E odiava meu padrinho, chamando-me *Bexiguinha*. A seu modo tosco, queria ser carinhoso, através das minhas marcas?

Marcas que, em vão, eu ia tentando erradicar, enquanto buscava a compensação na escola e no trabalho. Tornei-me bióloga, mestra, doutora. A escolha da profissão ligada aos agentes do meu sofrimento. À humilhação do rosto escavado lembrando planícies lunares com suas crateras, como eu comparava, sarcástica.

Formada, tornei-me dedicada pesquisadora da varíola, mesmo depois de erradicada no mundo, preservadas apenas algumas amostras em dois países, atendendo-se aos clamores dos que se opunham à deliberada extinção de uma forma de vida. Mas eu só pensava nos milhões de vítimas, mortas ou

desfiguradas através dos milênios. Mais de cento e cinquenta anos atrás tinha sido aplicada a primeira vacina. Tanto tempo! E eu vítima ainda da doença. Por Incúria de minha mãe. E me decidi pela destruição das amostras. Fui trabalhar num desses laboratórios, enquanto o mundo ainda discutia seu potencial de contágio num mundo sem vacinas. Até que um incidente num dos laboratórios desencadeou a doença, matando um funcionário. O clamor da população exigiu a destruição das amostras. Restavam as do outro. Para onde, consegui me remover.

Mais rigorosa ainda a segurança, mas jurei destruí-las. Se danassem os levianos defensores das malignas formas de vida, tivessem a mesmas cicatrizes e pensariam de outro modo. Hoje, sei, não era bem contra elas a minha guerra destrutiva. Eu queria me vingar de minha mãe. Canalizando meu ódio aos vírus, fazer com eles o que não poderia fazer com ela. Porque eu continuava querendo o rosto bonito que a vida me destinara. Via namorados passando de mãos dadas, se fitarem à luz do sol, cenas comuns da vida cotidiana com que eu não ousava sequer sonhar. Recuava, quando algum homem me atraía, incrédula quanto à possibilidade de alguém me amar. Em vão, percebendo meus recalques, um deles tentara fazer-me crer no amor além da aparência. Citava os deficientes físicos, os feios, os de pouca inteligência, que também amavam e eram amados. Mas eles não eram gente com quem eu me identificava, gente saudável, gente bonita.

Mas, acabei casando, queria um lar, marido, filhos... A paixão ficou de fora.

Anos depois, após um bem sucedido tratamento com laser, eu tinha finalmente um rosto sem cicatrizes, rosto de uma mulher bonita, reconciliada com o mundo. Deixei de imediato de desprezar minha mãe, irmãos, padrinho... Era maravilhoso sair à luz do sol, conversar cara a cara com as pessoas. Estranhava que alguns conhecidos de tantos anos

nada notassem, como se o rosto fosse o mesmo de sempre. Até mesmo na família, passado pouco tempo já nem se falava nisso. Continuei trabalhando com pesquisas, mas as amostras tinham deixado de me atrair, até com elas estava reconciliada. Então aconteceu...

Meu novo assistente, com alguma dificuldade, trabalhava numa cadeira de rodas. A princípio, imaginava como lhe seria maravilhoso levantar-se, libertar-se da cadeira, correr pelos campos, praticar esportes, namorar como namoram mesmo os homens normais. Como imaginava também os ressentimentos, a frustração... Eu era uma mulher de quarenta anos, tinha tido as mesmas experiências, ou o que eu supunha serem as mesmas. Não eram. Ele interpretava como fatalidade o acidente que o deixara paraplégico. Tinha esperança num futuro tratamento com células-tronco e, enquanto não vinha, continuava dando os mesmos múltiplos sentidos à vida, trabalhando, pintando telas... Acidentes acontecem, dizia, e perdoara ao motorista que o vitimara, jogando seu carro contra o dele, tentando se desviar de uma criança. Casado, perdoara também à mulher, que o deixara após o acidente.

Surpreendiam-me tais reações. Por muito menos, eu tinha desperdiçado anos da minha vida? Terminado o trabalho, gostávamos de ficar conversando, trocando idéias e, pela primeira vez, contando minhas mágoas do passado. Tentávamos encontrar explicações para reações humanas tão diferentes, as minhas, as dele, as da sua ex-mulher... Que afeto era aquele que não resistira a uma mudança de posição corporal? E que afeto era aquele que crescia em nós, sem condicionais? Ele era o homem que eu queria para o resto da minha vida. Porém, como proceder em casa, contar ao marido, aos filhos? Marido que eu não amava, nunca tinha amado, mas a quem devia respeito e gratidão. Fui adiando o momento difícil das explicações, enquanto acontecia no próprio laboratório o que os corpos exigiam. O amor podia,

então, florescer nos ambientes mais improváveis, entre tubos de ensaio, cheiro de clorofórmio, vírus, bactérias... Entre um deficiente e uma mulher bonita.

Chegando certa manhã, não o encontrei. Tinha incidentalmente quebrado o tubo dos vírus da varíola, se ferira, e já levado ao hospital. Exatamente como acontecera no primeiro laboratório, matando um funcionário. Imaginei-o coberto de bexigas, as cicatrizes, as seqüelas, o inferno entrando na nossa vida. Os vírus sobrevivendo no corpo dele? Alguma ignota forma de vingança? Morreu dias depois. Não quis vê-lo morto. A imagem que guardo é a do homem com quem fui feliz, que amei e amo em lembranças. Amor além dos sentidos.

* * *

Se a vida é um suceder de eventos numa reação em cadeia, as marcas da varíola contraída na minha infância foram o evento primordial, o Big Bang do meu destino, definindo rumos, gerando sentimentos de inferioridade, pautando estudos, profissão, casamento...

Às Margens do Yamuna

A viagem de ônibus, velho e desconfortável, por estradas esburacadas da Índia, já durava dias. Um velho ventilador, amarrado à primeira janela, tinha sido a solução encontrada pelo motorista na tentativa de amenizar o calor. Vacas, multidões de homens magros, de mulheres em trajes coloridos, antigos palácios se transformando em ruínas, eis o que eu via em toda parte. Impotente para mudar o programa turístico, montada num velho elefante com uma pata ferida e se arrastando pelo aclave, eu tinha visitado um dos velhos palácios no alto de uma colina. E elefante de pata ferida subindo morros se tornaria para mim o símbolo maior da insensibilidade humana.

Naquele dia, rumávamos para Agra, iríamos ao Taj Mahal, uma das maravilhas do Mundo Antigo, túmulo da rainha Muntaz Mahal, morta ao dar à luz o décimo quarto filho. Shah Jahan, o esposo, mandara construí-lo em sua homenagem, em nome do amor. Já me habituando à decadência dos monumentos, tinha poucas expectativas positivas em relação a ele. E a surpresa! Palavra nenhuma poderia descrever o mausoléu. O Taj era arte arquitetônica como jamais tinha visto, eu, que já tinha viajado por tantos países e visitado tantos monumentos.

Passando por belos jardins que contornavam o lago ornamental, cheguei ao edifício principal, construído entre quatro minaretes. O mausoléu inteiro se refletia no lago, duplicando sua beleza. Tirei os sapatos, calcei os chinelos de visitante e entrei no recinto de irretocável pureza, paredes brancas de mármore, claros mosaicos e pedras preciosas formando delicados desenhos. No centro, o túmulo da rainha, morta aos trinta e nove anos. Por muito tempo, nenhum outro corpo estaria ali, até que enterrassem ao

lado, em contrastante túmulo negro, o amado esposo. Um chocante desrespeito à clara beleza do projeto original, mas concretização do desejo de que os corpos permanecessem juntos até depois da morte.

Sozinha, comovida com a grandeza do que via, saí, caminhei pelos arredores, querendo refletir sobre aquele amor que se traduzia em mármore e granito. Ouvia a música trazida pelo vento, passando pelos jardins... A emoção me remetia àquele rei apaixonado pela esposa, já mãe de tantos filhos, ele, que poderia escolher entre as numerosas mulheres do harém, certamente bonitas e mais jovens. Imaginava a dor da perda, a busca de consolo no mausoléu ali, às margens do Yamuna, rio tranqüilo e bonito. Que lembraria a magnitude do amor que se dedicavam nos bons e maus momentos, pois que até nas guerras estavam sempre juntos. O mausoléu, um jeito de mostrar ao mundo a infinitude do afeto que os ligava.

Por alguns momentos, aquele amor me reconciliava com os homens. Eu, que tinha viajado justamente para me desviar das lembranças do casamento fracassado. Eu, que pensara fosse para a vida inteira a união com o homem amado e, no meu delírio de apaixonada, até depois da morte. Quanta ilusão... Como tinha sido difícil segurar os restos do casamento se esvaindo, deixando um rastro de malquerenças. O destino tinha tramado sem piedade contra os que tinham um dia se amado, se unido, jurando fidelidade. Noivos inconscientes das imprevisíveis paixões. Da tristeza com que se tecem as separações... Chorei. Inevitável comparar minha própria vida à história do amor daquele rei por sua rainha e da rainha por seu rei.

Chorava ainda quando um andarilho se aproximou. Sequer o estranhei de tal modo se ajustava ao ambiente, traje árabe, os longos cabelos brancos, o livro sob o braço,

“- Se choras por ter perdido o sol, as lágrimas não te permitirão ver as estrelas...”

Falava árabe, língua que eu desconhecia mas, inexplicavelmente entendia os versos.

“Se não falas, vou encher meu coração com teu silêncio, e agüentá-lo...”

Ficarei quieto, esperando, como a noite em sua vigília estrelada...

A manhã certamente virá, a escuridão vai-se dissipar, e a tua voz se derramar em torrentes douradas por todo o céu...

Então as tuas palavras vão chegar em canções a cada ninho dos meus pássaros...

E as tuas melodias vão brotar em flores por todos os recantos da minha floresta.”

Tentei falar com ele, mas o poeta se afastava, caminhando vagaroso pela margem do rio, perdendo-se entre as árvores...

Nada falei do encontro a ninguém. Há momentos que não se dividem. Como aqueles com Tagore, o poeta, morto havia séculos. Ou alguém se passando por ele, parte de um programa para turistas? Como quer que seja, momentos de inesquecível beleza e emoção vividos um dia no Taj Mahal...

A Noite do Papai Noel

Engordei demais, sequer faço a barba, agora se encaracolando, sequeiras do desemprego que já dura anos. Mais uma vítima do capitalismo selvagem, vivo repetindo, plagiando políticos, talvez porque me tenha tornado preguiçoso até para ter idéias próprias. De algum modo, tento me justificar, mais ainda perante minha mulher, um contraste. Inesgotável a energia que a move, trabalhando na escola, vendendo cosméticos, cuidando da casa... E condescendente comigo, porém sei o que ela pensa, sou vítima, sim, mas do temperamento briguento, daí que poucos me aturam. Mas, nada me cobra, sabe que é inútil querer torcer o pepino já crescido. Sintomaticamente, adora a citação das mulheres nordestinas, *homens são todos diferentes, mas marido é tudo igual*.

E aconteceu naquela noite, em frente à loja de brinquedos, Natal chegando. Uma criança me chamou de Papai Noel, grudando-se em mim, pedindo presente. Fechei a cara, repeli o guri importuno, falei um palavrão. O tempo tinha esfriado, lá estava eu de jaqueta vermelha, gordo, barba e cabelos prematuramente brancos. Natural que o menino se confundisse. Minha mulher apaziguava, sem conseguir segurar a risada.

E daí lhe viera a idéia.: por que não fazer uns bicos como Papai Noel, um modo de ganhar algum dinheiro sem muito esforço? Ajudaria nas inevitáveis despesas de fim de ano. Sugestão que topei de má vontade, pois não temos filhos, nem sei lidar com crianças.

Assim, me tornei um entre os papais-noéis de uma grande loja de brinquedos. E na véspera do Natal, parti para as entregas. Já no primeiro semáforo, o guri humildezinho se aproxima, gesticula apontando os sacos de presentes, quer um, tantos no carro. Abaixo o vidro, me compadeço, é preciso explicar que nada ali me pertence. Guri que aponta um

revólver imenso, ou leva presente ou atira. No sufoco, pego qualquer um. Prossigo, paro na lojinha ainda aberta, compro o macaco "made in China", que requebra cantando *ai, Chiquita, linda muchacha, te quiero mucho...*

Reposto o presente, parto para as entregas.

Como poderia imaginar que criancinhas de aparência inocente pudessem atormentar Papai Noel com suas artes? Mal termino a entrega do presente, o menino, sorrateiro, tenta me arrancar a barba. Barba que é minha mesmo. Leva beliscão, grita feito doido, mamãe não entende, mas papai, sim, autor intelectual da safadeza. Tudo explicado entre risadas. Controlo impulsos assassinos jamais imaginados.

Prossigo, encontro o belo sobrado no bairro nobre, todo iluminado, imagino sofisticadas pessoas à espera dos presentes caros. No salão mergulhado no esplendor dos lustres de cristal, me surpreendo: só ela e tão velhinha, cabelos brancos, rugas se entrecruzando nas faces, traje de festa, passou dos oitenta, posso imaginar. Cadê a família, convidados, amigos? Faz-me sentar, serve champanhe, fazemos um brinde, feliz Natal, a mim, a ela, ao Abílio... Abílio? Que Abílio? Prepara-se para receber os presentes, passo-os devagar, solene... Vai abrindo cuidadosa um estojo, acaricia o colar, explica,

- Abílio gosta de pérolas... Gosta de me ver com jóias...

Abre outra embalagem, pega o livro,

- Os sonetos líricos de Camões, edição antiga, encontrei num sebo. Abílio gosta de declamá-los. Ouça estes versos: "A cordeira gentil que eu tanta amava, perpétua saudade da minha alma". Abílio está aqui, a saudade o traz de volta... Observe este quadro... Adquiri de um marchand francês... Tão perfeita a mensagem de amor nos olhos que se fitam, amor até além da morte, como todo verdadeiro amor... Como Abílio gosta de telas que me falam ao coração...

Quero dizer alguma coisa, reforçar-lhe a crença no marido presente, a emoção me corta as palavras... Do mais fundo do coração, fico desejando que Abílio e tantos outros velhinhos se reencontrem com suas companheiras em seus vestidos de festa e colares de pérolas, declamando poemas líricos, nesta surpreendente noite de Natal.

Um serviçal aparece, pergunta se fico com *madame* para a ceia. Agradeço, bem que gostaria, mas tenho outras entregas, me desculpassem, me despeço, ainda sem saber o que dizer à *madame* nesta noite de Natal sem a presença do marido... Ou presente? Quem é que sabe?

Continuo, chego à mansão, o empertigado mordomo me atende, e eu que pensava que mordomo fosse espécie extinta, coisa agora só de romance policial, sempre culpado de ocultação de cadáver. E ali um bem vivo e solene. Tantos os convidados, me atrapalho, mas, enfim, entrego o presente ao rico menino. O macaquinho canta e dança, a cara de todo mundo é estranha, ninguém acha graça, *papai Noel, eu pedi aquele maravilhoso celular faz-tudo, dá até pra ver filminho e fotografar, procure direito aí no saco.*

Chamo papai a um canto, gaguejo, tento me explicar, falo do menino de rua e sua arma, do presente trocado... Papai me olha desconfiado. Vai telefonar à loja, alguém vai ter que devolver o dinheiro etc, etc e etc. Saio, levo o macaquinho ainda cantando... Deixo pra pensar depois como me livrar de encenças, e já imaginando o moleque de rua vendendo o celular por alguns trocados e montando a própria festa.

Mais uma entrega, a menina me espera, sentada, quieta, na sua cadeirinha enfeitada. *Levante, meu amor, tento ser gentil, Papai Noel chegou com lindos presentes para você.* Menina que não levanta, só então percebo, está doente, pernas e braços fininhos, mal sustém a cabeça. Mamãe chora disfarçando, papai

fechou a cara. Papai Noel gostaria de ser pássaro, voar pela janela aberta, desaparecer no infinito céu estrelado. E voltar, não só com sacos cheios de brinquedos, também com a mágica de devolver a saúde a todas as crianças doentes em suas caminhas e cadeirinhas enfeitadas.

Tantas as entregas já feitas, sinto as botas apertando, os pés incharam, devo ter bolhas, a dor incomoda... É a penúltima entrega, subo a escadaria, me aguardam lá em cima, tão longe, pertinho do céu, todo mundo cantando, noiiiiiti felizzzz... Tantos os menininhos e menininhas. Mas tenho que descer, errei de saco, era o outro, o imenso. Subo outra vez, os pés doem, *meu Deus do céu, como aceitei a sugestão da louca da minha mulher sem pensar nas implicações?*

Já rodei quilômetros, estou na periferia, última entrega, é meia-noite, bebi mais do que devia. E, afinal, onde moram Leide Daiane e Lovenilson? Que nomes, pqp!

Enfim, a pequena casa. papai, mamãe e filhos à porta, ansiosos, sorrindo, o vira-lata latindo sem parar... Tem carrinho de plástico para Lovenilson, Barbie chinesa para Leide. E me pergunto quem teria patrocinado a entrega de tão míseros presentes e assim fazendo a alegria de uma família inteira.

Tenho que ficar para a ceia natalina, é parte do programa deles, está na mesa, mas ceia composta de duas latinhas de cerveja, tubaína, frango assado de TV de cachorro, arroz com feijão, sagu na sobremesa ou algo parecido. Jamais gostei de frango. E arroz e feijão à meia-noite não me apetezem, mas decido ficar, honrar a pobre gente. Então me lembrei do macaquinho. Que encheu a pequena sala de requebros, a musiquinha saindo pela janela, se espalhando pela rua... Vizinhos vieram e juntaram-se a eles com suas pobres ceias, a pequena casa se enchendo de tal modo, que trouxeram também cadeiras e mesinhas, se espalharam pelo quintal, e vieram gatos e cães, até um papagaio apareceu. Um casal chegou, tão

pobrezinho, de nomes Maria e José, assim se apresentaram. E todos acharam que uma das estrelas brilhava mais ainda, envolvendo tudo numa luz dourada. Três homens que passavam pediram licença, de algum modo queriam também confraternizar, então presentearam o casal pobrezinho com seus modestos pertences: um velho relógio de pulso, uma escura correntinha dita de prata e uma aliança sem brilho. Mas aceitos como jóias preciosas naquele momento mágico. Posto o que, também comeram e beberam, depois humildes se despediram e se foram, Maria e José com eles. Ainda se ouviu o ronco do carro partindo... E súbito, alguém se lembrando que todos tinham chegado a pé.

Voltei com o sol nascendo. Como explicar à minha mulher as desventuras da noite que findava, carro roubado, pagar o celular do menino rico? Então a presenteei com o macaquinho requebrando e cantando, *ai, Chiquita, linda muchacha, te quiero mucho...* Estrelas brilharam em seus olhos... Paz na terra às mulheres de boa vontade...

Ariel e a Moça Gentil

"O amor move o céu e as estrelas". (Dante)

A miséria já tinha sido banida da Terra, mas se esfarelavam os laços sentimentais e os bons costumes, segundo os Altos Poderes controladores do planeta. Que houveram por bem mandar para lá o Anjo Ariel, de voz doce aliada à inocência do coração, encarregado de fazer voltar às boas práticas entre os terrestres.

E sob o repetido alerta do perigo das tentações humanas, podendo até perder para sempre a condição celeste, Ariel desce no parque de uma grande cidade, local tranqüilo, cheio de pombas e crianças, parecendo adequado ao início da missão. Crianças que logo o rodeiam curiosas... Para atraí-las, começava a contar a história de Chapeuzinho Vermelho e do Lobo que queria devorar a avozinha dela, quando foi interrompido entre risadas,

- Anjo, nunca, nunca o Lobo vai conseguir. Chapeuzinho pega o celular, manda um torpedo à avozinha, o Lobo vai quebrar a carantonha quando lá chegar, exceto se vovó estiver naqueles dias de assanhamento e achar que é melhor namorar Lobo que ninguém... Conta aquela da Nave plutônica Zap e dos guerreiros luminosos do Big Bang.

Nave plutônica? Jamais tinha ouvido falar disso, a avó Angelita nunca lhe contara tal história. E quase de repente, vê-se rodeado de meninos e meninas, que arrancam penas das suas asas... Vai ficando zozzo, voa, mas vôo tortuoso, entre gritos de entusiasmo da criançada. Alguma forma de publicidade, imaginam adultos rindo...

Melhor procurar as mães. Como não tinha pensado nisso? Discorreria sobre a importância da presença delas na educação das crianças, fator de respeito e bem-querer, na família, na sociedade... Mas estão trabalhando nas fábricas, nas lojas, desfilando em passarelas, malhando em academias, discutindo nas câmaras municipais, estaduais e federais, governando estados e países, participando de testes em naves espaciais, não têm tempo para discutir educação de crianças, assunto mais sem graça, pra isso pagam psicólogos e pedagogos etc, etc e etc. Bye, Anjo.

Pensa então nos pais, homens poderiam ser sensíveis às palavras da razão, que ele envolveria com a mais autêntica emoção, mesmo porque muitos ocupam agora o lugar das mães, de tal modo a mudança de costumes se acelera. Mas, estão mais ocupados ainda, tratando de atividades profissionais, substituindo mães nas tarefas caseiras, cozinhando, lavando banheiros, limpando chão; ou em grupos secretos, discutindo animados a manipulação de loiras calorosas, recém-chegadas de país gelado, qual mesmo o nome? Ah, Finlândia... Dispõem de tempo nenhum, falasse com as vovós. Mas vovós que estão de volta às academias, aos mestrados e doutorados, aos cursos de inglês e de dança, tanto de preferência, querem distância de crianças, já tinham criado as suas no devido tempo, está na hora de os "poderes lá em cima" entenderem que os tempos são outros, têm que começar a mexer nos milenares códigos de conduta, coisa ultrapassada, *xô pra lá, meu Anjo, estamos ocupadas...*

Quem sabe então os adolescentes... Reunidos ali à beira da piscina, conversam em estranha língua, nunca antes ouvida, como se as palavras tivessem se reduzido a sílabas. Que não eram certamente a estrutura natural de uma língua, mais se assemelhando a grunhidos fanhosos, coisa deles, que milagrosamente se entendem. Não ele, pobre Anjo, de repente tornado analfabeto auditivo, por mais que apurasse os ouvidos. E antes que pudesse dizer uma única palavra, qualquer uma,

o jogam na água, as asas encharcadas o puxam para o fundo, para a seguir, às gargalhadas, o salvarem, tremendo e humilhado, ele, uma glória dos Altos Poderes. Que vexame!

Exausto, asas em frangalhos, pingando água e frustração, os últimos fiapos de esperança se esvaindo, o Anjo desce numa praia, se arrasta até a Moça sentada na areia, o olhar perdido no horizonte crepuscular... Em êxtase. Um ser humano! Enfim. Um ser humano desfrutando da beleza do dia que finda... Comovido, sente a grandeza do momento. Nem tudo está perdido, alguém se interessa pela beleza de um pôr-do-sol.

Ariel se aproxima, a Moça é compassiva, quer ouvir o Anjo. Que fala de sua missão, do fracasso diante das portas fechadas dos corações de homens e mulheres, até de adolescentes e crianças.

Mas, a Moça sorri, tenta explicar, penas arrancadas podem ser lembranças preciosas das crianças, um dia surpreendidas por um Anjo na praça, e carinhosamente guardadas; a múltipla presença das mães em tantas diferentes atividades não exclui o amor aos filhos; pais muito ocupados, mesmo que discutindo estratégias de sedução de louras finlandesas, podem ter infundáveis reservas de carinho e responsabilidade familiar; adolescentes brincalhões se tornariam um dia adultos responsáveis; vovós moderninhas e saudáveis vêm substituindo vovós ranzinzas e reumáticas de outros tempos...E finaliza: transformação de conceitos e costumes não significa necessariamente um retrocesso. No caso, ao contrário, traduz um viver mais prazeroso, mais livre, mais consoante com as leis da natureza.

Assim falava a Moça de modo desinteressado, porém as palavras soando persuasivas aos ouvidos de Ariel. Que pensa nos petrificados conceitos e costumes lá do Alto, mas também sobre a relatividade das percepções, como tudo a princípio lhe parecera desnaturado na Terra, como desvirtuara procedimentos que tão bons lhe parecem agora, vistos pelos olhos da Moça... Porém, tudo relativo? Bem ou mal,

feio ou belo, tudo dependendo tão somente do ponto de vista de quem olha? Conseguiria ele compreender esse mundo plástico e perigoso?

O sol se vai, a noite chega devagar, montanhas, praias, pescadores, barcos, vão se acinzentando, perdendo contornos... Piscam ao longe os navios passantes... Foram-se as nuvens douradas do crepúsculo que tanto encantavam a Moça, observa com tristeza o Anjo, já mergulhado na escuridão. Tudo transitório...

Mas ela explica, outros crepúsculos estão em gestação, a beleza e o bem não morrem, apenas se renovam em outras formas... E enquanto fala, a Lua plena vai surgindo no horizonte, a maresia embriaga os sentidos, um frenesi se eleva da areia, das águas, das estrelas... Há um chamado sensual no piar dos pássaros noturnos... A brisa traz o sussurro dos casais estendidos na areia...

Ariel sente forte atração pela Moça. Certamente amor, contra o qual tanto o tinham prevenido: fugaz, fonte de sofrimento e morte, armadilha da natureza para perpetuar a espécie... Manipulação da mente pelos sentidos excitados, numa dolorosa inversão?

A Moça explica, não tem poderes para decifrar os enigmas da existência... O segredo das estrelas... Sabe apenas que eliminados os preconceitos, o bom e o belo estão em toda parte. Que é necessário respeitar as leis da natureza. Que, como disse o poeta Gibran, "quando o amor chamar, é preciso acreditar nele, embora possa despedaçar os sonhos como o vento devasta o jardim..."

E Ariel se rende à atração pela Moça Gentil, sentindo-se capaz de amar um ser humano, mesmo sendo anjo. As asas desprendem-se do corpo, torna-se tão humano quanto ela, e capaz de amá-la tão intensamente que por este amor poderia mover o céu e as estrelas, como disse Dante.

Artemor

Tinha que decidir... Separação? Difícil segurar os farrapos do casamento fracassado. Sufocava... Optou pela morte trágica, saltaria do alto da Pedra da Gávea, fim do sofrimento, das humilhações, das expectativas, das sucessivas mentiras, da cara hipócrita, da solidão no leito, bumbum versus bumbum. Sabe da outra, sabe que nada mais representa na vida dele, traidor, Judas... Antevê seu corpo despedaçado nas pedras, gente chegando, a notícia, as crises de consciência dele, os comentários dos vizinhos, *o mascarado nunca valeu nada mesmo, levou a pobrezinha à morte, tão jovem...* E as fotos nos jornais, talvez a legenda, *como era bela no seu rosto a morte*, como tinha escrito um dia um poeta, quem mesmo?

E assim decidida, chegou ao alto do morro vestida de preto, sapato salto quinze, quer dar um toque de elegância à morte, dispensou o táxi, traz carta com marca vermelha de batom, o beijo da despedida... Tão bonita a paisagem lá em baixo, a morte será bela, um contraste com as desgraças da vida... Prepara-se, vai saltar... Súbito, o homem que a segura, se apresenta, há todo um serviço para os que querem se matar, improvisação é sempre um risco de maus resultados, é preciso pensar nas conseqüências, quer ajudá-la, preço acessível, pessoal de apoio altamente qualificado, vai morrer como é preciso... Tem que haver estética até na morte, coisa feia seria um corpo despedaçado, intestinos rompidos, o mau cheiro, gente tapando o nariz, ou não, talvez corpo pendurado nas escarpas, pensou, moça? Cabeça enroscada lá em cima, uma perna pra lá, outra pra cá...

Surpreendida, ouve as ofertas, mal acreditando, mas sim, eram ofertas do dia, suicidas rejeitam as segundas-feiras de manhã, daí o preço especial, assim falava o marqueteiro da boa morte, convincente, e tem a alternativa de escolher

saltar sem nada, só com nossas preces de boa queda, mas, então, fim dos nossos serviços, nos reencontraremos no céu, assim espero, nunca se sabe... Se escolher saltar com equipamento, temos duas modalidades, pense na que melhor se aplica a você, vai pagar um pouco mais caro, mas é certa a integridade do corpo, e tão pequena a diferença de preço...

Como não havia pensado nisso antes? Pois não é que quase salta, assim sem mais nem menos, por sorte ali o empresário da morte bonita, planejada e, claro, quer morrer com equipamento, salvar o lindo corpo/defunto, ou defunto/corpo, o que quer que seja... Mas, explica sempre gentil o homem da morte estilizada, pode escolher ainda entre salto solitário e salto acompanhado, com paragliser ou asa delta, desenhos, cores, tempo de queda... Apresenta três instrutores, terá a morte mais bonita e confortável que possa imaginar, cronologicamente acompanhada, nada de improvisos, pedaços pendurados por aí, gosta de enfatizar, pensou? A demora do resgate, urubus sobrevoando, bombeiros mal humorados, a chuva, o vento, ossos, cabelos, dentes, unhas se despencando lá de cima... Um dos instrutores é novo na profissão, o outro já está com a gente há mais de um ano, aquele que está vendo ali é moço experiente, até cursos no estrangeiro fez, terá a morte que se pede a Deus, não vai se arrepender, digo, pena que não vai se ver depois, mas, quem é que sabe? O preço é quase o mesmo, e faremos um desconto por ser segunda feira, conforme já lhe expliquei...

Após o que, escolhido o salto duplo, asa delta na cor lilás, desenhos geométricos, pagos os serviços, vestida de preto e sapato salto quinze, acompanhada do treinador experiente e bonitão, a moça deslizou suavemente morro abaixo, rasgou a carta jogando os pedacinhos ao mar e juntos comemoraram na praia a perfeição do salto para a vida...

A Rotina de Madalena

"Sintam-se perplexos ante o cotidiano". (Brechet)

Aposentada, todos os dias tinham-se tornado igualmente iguais numa rotina de dar dó: levantar, servir-se do café, caminhar, tomar sol... Se chovesse, precaver-se contra a umidade, reler velhos livros e revistas, escrever alguns poemas metrificados que guardava na gaveta e que haveria de queimar um dia. E as pequenas compras em lojas e mercados. Sem filhos, a vida se resumia aos três, ela, o marido e a funcionária doméstica quase tão velha quanto eles, considerada membro da família com direito até às mesmas rabugices, tanto era já o tempo juntos.

Não tinha amigas. As apressadinhas tinham partido antes dela. E nada de crochê, artesanato... Faltava paciência. E tinham se esfarelado os sonhos de viagens, não que dinheiro faltasse, o que faltava mesmo era companhia, pois como viajar sozinha, idosa, marido recusando-se a deixar a casa e os gatos adorados. Então aconteceu:

– Bom dia, Dona Madalena, não cumprimenta, não?

Ainda caminhou alguns passos surpreendida. Então voltou e cumprimentou o homem que sorria meio debochado e nada mais disse.

Mas o incidente tinha quebrado a rotina das caminhadas matinais. Aquele homem provavelmente morava ali havia muito tempo, um humano a mais na massa dos anônimos que a cercavam, desde que mudara, fazia anos. Nunca notara sua presença, ou ausência, nunca lhe chamara a atenção. Mas o homem existia, concreto, por certo a observava em frente à velha oficina. E nunca o tinha percebido? Espantoso como

vamos nos alienando do mundo, nos enterrando em nós mesmos, certamente preparo para o outro enterro na poeira do tempo, pensou tristemente.

Mas, no dia seguinte, penteou-se com mais atenção e lá estava o homem.

- Quanto mais velha, mais bonita, Madalena!

Que ousadia, pensou, atrever-se a falar desse jeito, faltando ao respeito. Mas conteve-se, agradeceu,

- Obrigada, são seus olhos.

O homem sorriu e nada mais disse. Era velho também, as idades por certo empatavam, a cabeleira branca brilhava ao sol. Sentiu-se envaidecida. Há quanto tempo não lhe dirigiam palavras assim? Mas, melhor mudar o rumo das caminhadas, não fosse ele pensar que se assanhava com os elogios, ela, que se dava ao respeito etc e tal... Até que a vaidade, ou auto-estima em baixa, ou o que quer que fosse, a fez voltar ao mesmo percurso. O homem não estava em frente à sua oficina, se absteve de olhar pra dentro, seguiu seu caminho. Mas voltou pela mesma rua e lá estava ele atravessado na calçada e o cumprimentou e ele respondeu sorrindo e ela se atrapalhou qual adolescente tímida e ele continuou sorrindo e a olhando inteira, divertido, aprovando e ela abaixou a cabeça e continuou a caminhada quase morrendo de vergonha. Ela, mulher velha, casada, paquerando vergonhosamente? Coisa feia, jamais imaginada, tomasse vergonha, se auto-recriminava severa...

Mas, voltou às caminhadas, ao mesmo percurso, dias, semanas, meses, anos escorrendo, sempre lá o homem à espera, sorriam e se cumprimentavam, às vezes um elogio... Só. E certamente as mesmas fantasias enchendo os mesmos sonhos...

Até que se tornou tudo tão rotineiro que perdeu a graça.

A Sobremesa

Sózinha em casa, atarefada, cozinha por limpar, roupa pra estender, bolo ainda na batedeira, ouviu o toque da campainha. E lá estava ele, um homem já velho, ereto, de terno, mas gasto... Pregador de alguma nova religião? Não, nada de Bíblia sob o braço. Mendigo? Não, estava limpo, ar impositivo, nada a ver com esmolas. Talvez alguém precisando de informação... Então a mulher suspirou resignada por atrasar as tarefas, mas rápida opôs ao pensamento utilitário o humanismo praticante que tanto bem lhe fazia, *ama teu próximo...* Forçou um ar de amabilidade, abriu a porta e atendeu o homem,

- Madame, boa tarde, não quero incomodar...

Claro que incomodava e não gostou do "madame", porém tentou sorrir, perguntando em que poderia ajudar.

- Madame poderia me servir um almoço?

Servir um almoço? Teria ouvido bem? Estava acostumada a pedidos de um prato de comida, pão velho, qualquer coisa pra comer... Mas, *servir um almoço?* Porém, concordou,

- Claro, aguarde, volto logo...

E voltou com prato feito: salada de alface, arroz, carne de panela, purê de batata- sobras do próprio almoço, devidamente arrumadas no prato oferecido. Mas o homem pediu educadamente talheres, não saberia comer com aquele garfinho de plástico de festa de aniversário de criança.

Ah, sim, ela concordava, se avermelhando. Entrou, voltou trazendo garfo, faca e guardanapo, já pensando em quanto se desprezam os coitados que nada têm para comer, servindo-os de qualquer jeito, *cadê seu verdadeiro senso de humanidade?*

Então o homem explicou que comer sem algo pra beber era difícil, um suquinho que fosse faria a comida descer melhor, o sabor é outro... *Madame teria algo na geladeira?*

Claro, tinha sim, como não tinha pensado nisso? Temos que dar o que temos de melhor, nunca o que está sobrando, o que não nos faz falta, se recriminava, entre lembranças dos ensinamentos de Gibran e o inesperado dos incríveis pedidos, as críticas implícitas a atordoando...

Então o homem, prato na mão, copo cheio de laranjada na outra, explicava à *madame* que não se pode comer dignamente assim, em pé, na verdade, enfatizava ele, nem se pode comer. *Madame* teria um cantinho numa mesa onde pudesse sentar e comer como se deve?

Tinha sim, a copa, decorada com samambaias pendentes, telas de natureza viva e morta, um gato gordo, vivo, dormindo no tapete felpudo, sob a meia-luz da claridade solar, filtrada pela cortina transparente... Lugar aconchegante e bonito.

O homem entrou vagaroso, apreciou o ambiente, parecendo aprovar com o olhar... Almoçou sem pressa, ar de imensa satisfação, perguntando sobre tão simpática família, gostaria até de agradecer também ao marido, conhecer os filhos, certamente boa gente como ela, *madame sabia como receber alguém, uma verdadeira senhora, sem preconceitos...*

Mais uma vez, a mulher se auto-recriminou intimamente pelo incômodo que o homem a princípio lhe causara, interrompendo as atividades, tirando-a da rotina. E, se redimindo, sentou-se para um papinho, explicou que o marido era representante comercial, viajava, filhos estavam na escola, mas certamente lhes falaria do homem que a fizera compreender melhor o respeito ao próximo, sem preconceitos, mais ainda alguém como ele, educado...

Então o homem se levantou, tirou um revólver do bolso, mandou que ela fosse para o dormitório e a estuprou. *Gosto de almoço com sobremesa, explicou.*

Apavorada, ouviu ainda o som da moto se acelerando...

À Sombra da Mangueira

Fêz o tablado entre os galhos grossos da mangueira, estratégico ponto de observação de passarinhos, insetos, gente indo e vindo lá em baixo. Espia a menina além do muro, brincando com o gato... Não resiste, prepara o estilingue, atira a manguinha. O gato some, a menina perscruta os arredores, vê ninguém, corre, entra em casa, a mulher sai. Tem menino lá em cima, imagina... E volta pra dentro falando nome feio, sempre ocupada, tem tempo nenhum a perder com moleques malcriados.

O menino já caiu da árvore, se enchendo de escoriações. Esquece fácil os contratempos, lá está de novo preparando a corda, seu improvisado cipó. Vai lançar-se do alto, é Tarzan, descuida-se, toca a taturana, ui... Nem vai contar à mãe, é castigo na certa, pode perder o tablado, seu reino de insetos, pássaros, segredos... Já viu o pai urinando no quintal, terá algum dia *um* do tamanho do dele?

Assobia imitando passarinho... A menina volta. É primavera, é moleque, é rei da mangueira, pássaros, insetos...

Princesa

Ama, sonha, vai marcar o casamento... Debruça-se no muro no fundo do quintal, à sombra da mangueira, conversa com a moça, sua namorada, com quem vai casar tão logo junte o dinheiro necessário. Já comprou um velho caminhão. O trabalho é árduo, serra troncos na floresta, piedade nenhuma pelas árvores imponentes gemendo nas quedas... Vão tornar-se casas, móveis, papel, lenha... Sente-se orgulhoso, agente do progresso. Vai construir sua casinha com madeira que ele próprio seleciona e traz, onde vai morar com sua princesa... Sai cedo, antes mesmo do nascer do sol, labuta o dia intei-

ro, retorna com o brilho das estrelas, desencalha caminhão quebrado nas estradas lamacentas, conserta rodas entortadas nos buracos, enfrenta insetos e cobras peçonhentas, até em onças já atirou.

Desencontros

Do que mais gosta nestes domingos ensolarados é deitar-se na rede, à sombra fresca da mangueira, ouvindo pássaros, vendo as folhas caindo silenciosas, atapetando o chão... Procura divisar alguma rara manga, tantas no verão, abasteciam vizinhos e parentes, transformavam-se em doces e sucos, um nunca mais acabar, até a lata de lixo se enchendo. Ri lembrando-se das varejeiras atraídas, pequenas jóias azul-esverdeadas, brilhando ao sol... A mulher vê beleza nenhuma, nojo sim, espanta-as, fala braba com ele. Ignora-a. Há muito desistiu de discutir, menos ainda sobre varejeiras, mal se falam, mulher que só tem olhos agora para os filhos. É cada um pra seu canto, quartos separados, procura moça na rua quando lhe bate a vontade de corpo de mulher. A rotina transforma princesas em matronas insuportáveis, pensa irônico. Ouve o cricri de um grilo chamando o par perfeito... Que falta faz ao homem um canto assim... Uma fruta o arranca dos pensamentos, se esborrachando no chão, como também ele se estatelara um dia, qual desajeitado Tarzan. É árduo o trabalho do dia a dia, jamais será rico, foram-se as oportunidades. Não, ele não nascera para negócios, para enriquecer, só para o trabalho incessante, criar filhos, estudá-los em caros colégios, como quer a mulher sonhadora. Será feita sua vontade, enquanto as forças permitirem.

Solidão

Sentado à sombra, ouve o chiar da cigarra na tarde quente, mas é outra a árvore, outro o banco, outro ele mesmo... A

nora se preocupa, traz café recém-coado, biscoitos de polvilho, senta, conversa, quer saber se está bem, se passou a dor nas costas, se quer jogar cartas à noite, se... É alegre, disposta, ganha a vida na máquina de costura, nunca uma reclamação se ouve, como se o cansativo costurar a elevasse a outros parâmetros, agulhas realizassem apenas sonhos e não ferimentos doloridos nos dedos... Os netos são moços responsáveis, estudando, trabalhando, orgulho desta mãe incansável, sua nora. Sorte morar com gente assim, mesmo com seu filho sempre longe, viajando, porém a dor nas costas é um constante perturbar, bem como perturba a sensação de deslocado entre tantas mulheres, um entra e sai o dia todo, falando de moda, de bailes, de filhos, de escolas, de empregadas... Deus abençoasse aquela nora costureira e seus filhos exemplares, mas...

Mas, morta a mulher, morando sozinho por meses, ele tinha sido o rei da sua casa, sentido o gosto da liberdade, da autonomia, regando flores, pagando contas, cuidando da horta, tratando dos gatos, orientando a funcionária doméstica, miudezas que lhe enchiam a vida... Mas, o filho insistira,

- Um homem de oitenta anos não pode morar sozinho, precisa de companhia, de assistência... E o trouxe.

Precisa recolher-se, o vento sopra forte, levando as folhas e as lembranças...

Susto

Acorda com batidas na porta, levanta-se rápida e o susto, ali está ele, o sogro, a faca enterrada na barriga, o sangue escorrendo, segura-se no batente, um espectro... Ela grita por socorro, vizinhos vêm, surge um carro, pneus rangem, a noite se enche de gemidos, de perguntas, de espantos, de solidariedade...

- Tiraram dele as pequeninas/grandes razões do seu viver. A vida se esvaziou...

Assim falava o médico...

Coberto de flores

Tem outra vez jardim e horta pra cuidar... O chão é um tapete de flores da velha mangueira na floração da primavera. Senta. Um descanso. Mas logo se levanta, tanta coisa pra fazer... Falta força... O vento derruba as flores, a vista se atrapalha, vê Tarzan pulando no cipó, longe, muito longe tem uma taturana verde, e vem chegando a menina-princesa com seu gato, encalhou no lamaçal o caminhão, tonteia, cai.

Coberto de flores. Assim o encontraram à sombra da mangueira. Morto

Aventura em Bruges

Ainda hoje me pergunto onde inserir os momentos vividos naquela noite em Bruges, se na realidade ou na fantasia, fruto do encanto da cidade, do estresse, do encontro com o homem desconhecido que tanto me falou ao coração e me tocou os sentidos...

* * *

A viagem, que já se estendia por semanas, tinha transcorrido por tantos e tão belos lugares que pouca expectativa havia de que algo pudesse ainda me surpreender. Mas Bruges surpreendeu, mesclando o medieval e o neo-gótico, num efeito sumamente agradável, naquela primavera ainda bastante fria. O ambiente transpirava nobreza, tranqüilidade, romance, expectativa, ou assim me parecia, talvez por algum inconsciente desejo nunca realizado...

Entardecia, eu passeava de barco pelos canais da cidade com amigos turistas, cruzávamos com outros, acenávamos, saudações se faziam em línguas diferentes, ríamos felizes, um barquinho parou, ganhamos flores das mocinhas belgas nos dando boas vindas. A vida era bela em Bruges...

Atraída pela beleza arquitetônica, fiquei em pé, tentando com minha câmera registrar os melhores ângulos, quando, numa virada, senti um ligeiro esbarrão, caí na água, algo impensável, dada a segurança da embarcação. Mas aconteceu. Acaso? Ou parte da seqüência de causas e efeitos de que se constituem os destinos humanos, de algum modo programados? Grande a surpresa/susto de todos. Um turista pulou na água, seus braços fortes me agarraram, voltamos ao barco, eu tiritava de frio, mas o decidido salvador me cobriu com seu casaco, um gentil cavalheiro, ele próprio exposto então ao vento

frio. E tentando me amparar em seus braços. Achei que exagerava. Para logo me recriminar, *ah esta minha mente venenosa, aquele prestativo cavalheiro tinha arriscado a vida por mim e eu pensando em safadezas?* Um carro nos levou de volta ao hotel, por sorte, era o mesmo.

Passado o susto, banhados e refeitos, me convidou para caminharmos ao longo dos canais. Queria que eu superasse os maus momentos na água fria, falando deles, vendo-os como necessários ao nosso encontro que, de outro modo, não teria ocorrido. *O fim poderia justificar os meios*, dizia sorridente. Só agora, anos passados, penso que entendo plenamente o sentido maquiavélico da frase.

Anoitecia, o charme estava no ar, nas construções antigas, nas torres, na quietude, nos casais passando de mãos dadas... E nas palavras brincalhonas do meu gentil salvador, cabelos despenteados pela brisa, fisionomia amiga...

Passamos pela velha catedral, entramos, a nave inteira brilhava à luz das velas, santos e anjos barrocos nos rodeavam, o incenso recendia... Tomada de espiritualidade, como se a existência se redefinisse em místicas paragens, meu salvador das águas se afigurava um santo protetor. Ouvia suas palavras, mas confusas palavras, quase se perdendo entre hinos monásticos, parecendo dizer da sua esperança de um forte vento varrer a nave inteira, todas as velas se apagarem, levando para longínquas plagas o gentil cavalheiro e o santo protetor, restando ali somente um homem esfomeado. Fome de amor e... Não, certamente o incenso me confundia, meu salvador não estaria me propondo o que me parecia estar ouvindo...

E, como respondendo à sua vontade, forte vento sacudiu a velha igreja, todas as velas se apagaram, ficamos mergulhados na mais negra escuridão, a igreja já não era igreja, nossos corpos se atraíram, se buscaram na mesma febre de desejos recalcados de tantos outros amantes de tantas outras religiões

de tantas outras eras... Como descrever os momentos vividos ali mesmo na catedral?

Acordei com o telefone tocando, estava atrasada para o ônibus, dei-me pressa, só então me dei conta de que quase nada sabíamos um do outro, sequer quando partiríamos de Bruges, nenhum endereço trocado. Meu gentil parceiro não estava em nenhum dos grupos esperando no saguão do hotel. O ônibus me levou ao aeroporto, de onde voei para Madri.

E porque nunca mais o vi, o amor cristalizou-se sem o desgaste impiedoso do tempo. Nada consegui saber dele através do hotel, turistas nem sempre deixam rastros... E desejaria ele que o encontrasse? Uma aventura em cada cidade, nenhum laço que o prendesse, o coração livre para novos salvamentos de turistas ingênuas caindo na água com suas câmeras? O pequeno esbarrão me fazendo cair no canal não teria sido dele mesmo, propositado, para me salvar? Ah, malvado... O tempo passou, às vezes me pergunto se vivi os momentos inesquecíveis daquela noite de todos os amores, ou fantasia da minha mente, querendo inserir na encantadora cidade uma história de amor da qual eu seria a personagem principal...

A vida era um sonho dourado...

Minha mãe, lápis e papel na mão, chamava,
- Vamos ver o que querem que Papai Noel traga...

Nossos gritos de alegria soavam juntos. Ver papai Noel chegar carregado de brinquedos era a maior das emoções de todos nós.

- Quero um autorama, mamãe, com um corvette verde e um vermelho...

- Quero a boneca Gui-gui, mamãe...

- E você, Rê?

- Ah, quero uma bicicleta vermelha, com cestinha... Igual à do menino da quitanda.

Minha mãe tudo anotava, seria porta-voz junto a Papai Noel, no qual meu irmão mais velho não mais acreditava, mas fingia acreditar; eu já tinha algumas suspeitas, dado que a voz dele se assemelhava à de meu avô, e minha irmã não tinha dúvida nenhuma, afinal ela só tinha cinco anos.

Anotados os pedidos, fomos ajudar na decoração da casa. Era domingo, meu pai pegou a escada, desceu do alto dos armários as caixas com as peças da decoração natalina. Apressados, íamos desembalando cada uma delas sob a repetida recomendação de *calma, muito cuidado*, frente à nossa incontrolável ansiedade.

Aos poucos, incansáveis e felizes, montamos o presépio. Meu pai trazia grama do jardim e a colocava cortada numa grande bandeja rasa, com areia molhada, seria o pasto dos animaizinhos. Minha irmã segurava o menino Jesus, mamãe, mais uma vez, recomendava *cuidado*, mas, de repente, Jesus caiu, a cabeça rolou longe do corpo, meu pai deixou escapar um palavrão, minha irmã ficou séria, fez-se um silêncio que só o canto do bem-te-vi lá fora quebrava, o mundo se paralisando por alguns instantes. Meu irmão saiu, voltou com a

cola e recolocou a cabeça. E Jesus-menino ficou lá fora, secando... *Tomando banhinho de sol*, dizia minha irmã segurando o choro, um indício da fortaleza humana que ela seria um dia, quando outras cabeças rolariam na sua vida, mas não haveria cola que as religasse...

O presépio ia se configurando num verdadeiro estábulo em miniatura. Ficávamos ali fascinados, apreciando as figuras de Maria e José, os reis magos, a estrela, anjos pairando suspensos por fios invisíveis, vazio ainda o bercinho de Jesus. Pequeninos animais pastavam na graminha, vacas, ovelhas, burrinhos, até um leão, deslocado ali por vontade de meu irmão, *é o rei dos animais, mamãe, não pode ficar fora*.

As horas passavam, ninguém sentia fome... Mamãe preparava alguns sanduíches, *depois jantamos devidamente*, ela explicava, certamente não querendo interromper o trabalho resultando tão bonito. Sanduíches que devorávamos na ansiedade de continuar também...

Passamos então ao pinheirinho que papai fora buscar na mata e plantara num vaso enorme. Aos poucos, mãos cuidadosas iam enchendo a pequena árvore de bolas coloridas, anjos barrocos, bichinhos, cometas, laçarotes, que brilhavam sob o efeito do pisca-pisca...

Enfim, véspera de Natal, quase meia-noite e a imensa alegria: Papai Noel chegando com os presentes pedidos, e outros dos avós, dos tios, dos amigos... Era tanta a gente que se reunia na minha casa... Lá estava o autorama do meu irmão com seus corvettes, a Gui-gui de minha irmã, minha bicicleta vermelha reluzindo... Brincávamos com os novos presentes entre outras crianças, igualmente felizes e presenteadas por todos. *A vida era um sonho dourado*, como disse um poeta inspirado.

No dia seguinte, todos ainda dormiam, acordei agitado, na verdade, mal dormira, tocado pelas emoções da noite. Queria experimentar a bicicleta nova. Saí de mansinho, ninguém percebeu. Rodei por ruas ainda desertas, desfrutando

da minha liberdade, da minha bicicleta, me afastando, o sol mal aparecendo...

Cheguei à periferia da cidade, vi gente aglomerada em frente a uma casa pobre, alguma coisa anormal parecia ter acontecido. Eu fora tão longe, aquele não era mais meu mundo, mas queria saber por que uma mulher chorava e gritava em desespero na bonita manhã de Natal.

Entrei na casa, cheirava a flores e a vela queimando... Estendido sobre a mesa, estava um menino dormindo, um menino do meu tamanho... Aproximei-me, pus a mão, senti a frialdade. A mulher continuava gritando, outras se abraçavam a ela, todas chorando muito. Aquele menino de olhos semi-abertos, gelado, envolvido pelas flores, algodão nas narinas, à luz de velas, era o primeiro ser humano morto que eu via na minha vida. Apavorei-me, queria voltar, não queria que meninos ficassem assim, frios, imóveis, entre choros desesperados...

Alguém me puxou de um lado, *quem é você?* Não respondi, saí correndo, a bicicleta tinha sumido, eu queria minha mãe, estava longe, sozinho, assustado... Alguém me alcançou, falou comigo, dei meu nome.

- Ah, é filho do Dr Morales.

E me levaram para casa. Todos dormiam ainda. Bati na porta do quarto de meus pais e, gritando feito doido, contei soluçando o acontecido.

Papai procurava me acalmar,

- Sim, meninos morrem, até no Natal, mas morrer é só mesmo partir para outro mundo onde todos se juntam novamente e nunca mais morrem, nunca mais se separam...

Mamãe reforçava me abraçando, chorava também.

Passei o dia grudado a ela. A imagem daquele menino morto não saía da lembrança, o cheiro de flores misturado ao das velas grudara-se às minhas narinas, ouvia por toda parte os gritos da mulher... O lindo presépio com seus animaizinhos

tinha perdido o interesse, o pinheirinho deixado de brilhar, nem mesmo a outra bicicleta trazida por meu pai me alegrou.

Foi assim meu primeiro choque no mundo dourado em que eu vivia. Choque ao me deparar com a tristeza, com o menino morto entre flores e velas numa casinha pobre, sem árvore enfeitada, sem presépio.

Ainda hoje me pergunto se as experiências da infância traçam um destino, se o menino é mesmo o pai do homem, como tão bem citou Machado de Assis. E então da minha infância, em especial daquela manhã de Natal, esta permanente sensação de transitoriedade, de saber-me sempre partindo, descartável, fazendo de mim o homem pessimista que sou.

Charme

— **P**reciso de ajuda, Senhor Planck. Sinto dificuldade até para contar o que aconteceu.

- Tente.

- Dizem que estou apaixonado... Que vejo o mundo enviesado... Que a paixão deforma, que o amor é cego... Até concordo. Mas só a paixão não explicaria o ocorrido.

- Conte, se eu puder ajudar...

- Sou repórter, Senhor Planck, acostumado a relatar experiências científicas, sei como distinguir fato e fantasia...

- Por favor, vá do começo.

- Bem, minha namorada parecia uma jovem comum. Vendia bijuterias num shopping, onde, uma tarde, fui comprar presente. Ajudou-me na escolha, conversamos, a convidei para um sorvete e assim fomos nos encontrando. Nada de extraordinário. Dois jovens que tinham simpatizado um com o outro à primeira vista. Passamos a nos encontrar na praia depois que ela saía da loja e eu do jornal, ambos cansados, querendo relaxar, sentar na areia, tomar água de coco, conversar... Sempre gostei de histórias. Ela as criava para me agradar, as personagens eram seres pequeninos, tão pequeninos, sempre enfatizava, que sequer poderosos microscópios eletrônicos da atualidade conseguiriam ver. E contava suas ações com muita competência narrativa, atribuindo a eles nomes de particulares elementares...

- Que nomes?

- Charme, Botton, Down, Up e outros de que nem me lembro. Ríamos muito de suas peripécias. Ela se auto-apelidava Charme e me chamava de Botton. Entendia a escolha, sou mesmo meio gordo, e a palavra "botton" com seus "os" lembra gorduchos. De tal modo as histórias se multiplicavam, que já me parecia conhecer esses pequeninos seres, intelligen-

tes, imprevisíveis, poderosos, fugidios, difusos... E unidos de tal modo que, se um se partisse, mesmo que em milhares de fragmentos, todos os outros se partiriam também, do mesmo jeito. E cada pedaço se transformando na unidade partida, integralmente. Esses os personagens, sempre envolvidos em guerras com forças poderosas, inclusive humanas, que tentavam separá-los em laboratórios, longos túneis, por vezes com fins destrutivos. Uma exímia narradora que me encantava. Eu insistia para que escrevesse as histórias, reunisse em livro, cuidaria da edição. Prometia pensar nisso. Mas, aconteceu...

- Aconteceu?

- Aconteceu o fato extraordinário. Faz poucos dias, era domingo, estávamos na praia sob o guarda-sol, havia muita gente ali na manhã ensolarada, depois de vários dias de chuva. Charme acabou cochilando. E sem que nada anormal acontecesse, nada mesmo, se transformou numa onda multicolor, avançou sobre o mar, deixando um rastro colorido na areia. Banhistas estupefatos mal acreditavam no que os olhos viam. Mas era ela mesma se afundando na água, reaparecendo, ora figura, ora onda colorida, num espetáculo de indescritível beleza. Ansioso, confuso, eu tentava entender. Via a multidão aplaudindo, certamente pensando tratar-se de alguma forma de publicidade, sob algum tipo de mágica, tão extraordinários eram os acontecimentos naquele momento.

- E tem certeza de que não era mesmo propaganda?

- Absoluta. Conforme lhe disse, sei que estou apaixonado, que a racionalidade fica submissa aos sentidos excitados. Mas, como explicar que ela, sentada ao meu lado, cochilando, sem mais nem menos se transformasse em onda colorida, avançando mar a dentro? E voltando à superfície como figura sorridente, acenando. Também eu e todo mundo acenávamos. A quem mesmo?

Depois, saiu da água, a vi correndo na praia, fugitiva e difusa, os cabelos esvoaçando e de repente um vagalhão a atingir.

Corri em seu socorro, mas, ao impacto, fragmentou-se em milhares dela mesma, todas íntegras e iguais. Atordoado, entrei no mar, queria agarrá-la, tirá-la dos feitiços. Mas, atingida por uma bola, se curvava, surgiam milhares outra vez. E outra vez o espetáculo de rara beleza...

- E?

- Saiu do mar, desapareceu na multidão. Achei melhor sair dali, me interrogavam, quase sufocava. Do meu celular, liguei a ela. Ninguém respondeu. Liguei na portaria do seu prédio. Não tinha ainda retornado. Pude então refletir sobre o que estava acontecendo, associei o ocorrido aos pequeninos seres das histórias que me contava. Uma incrível semelhança entre ações e atitudes. O mesmo jeito de ser. O mesmo jeito de agir. O mesmo de parecer. O mesmo de transformar-se. Minha pequena Charme tão parecida com suas mágicas personagens. Receio estar enlouquecendo, Senhor Planck.

- Depois?

- Passei o resto do dia tentando em vão me comunicar com ela. Na manhã seguinte, não fui trabalhar. Liguei ao shopping, não aparecera. E, por telefone, já tinha pedido dispensa do emprego. Liguei à portaria do prédio. Estava viajando sem dia certo para retornar.

- E os jornais?

- Falavam da maravilhosa mágica ocorrida na praia no dia anterior. De recursos tecnológicos... De quanto os banhistas tinham se maravilhado... Por aí. Procurei um psicólogo, contei em detalhes o ocorrido. Falou em estresse, coração partido, propagandas engenhosas, perguntou sobre as caipirinhas tomadas, me recomendou repouso, água benta e outra mulher. É um psicólogo que atua numa nova linha de trabalho, adepto do poder dos bruxos Azande, sei lá o que é isso. Não o mandei tomar num determinado lugar, Senhor Planck, me considero educado, mas confesso, pouco faltou. Amigos

me aconselharam que o procurasse. Pensam que poderia ter explicações diferentes.

Então Planck, peagadê em Física, teórico dos “quanta”, pacotinhos de energia trocados entre sistemas, um especialista em partículas atômicas, me falou sobre o estranho mundo quântico, o micro universo, local de ocorrência de fenômenos bizarros, devidamente comprovados em laboratório, como a dupla personalidade das partículas, ora ondas, ora corpúsculos, sempre difusas, fugidias... E da possível divisibilidade de cada uma delas em milhares, e sem prejuízo da integridade individual, da intercomunicação perfeita, mesmo separadas por milhares de quilômetros. E alterando-se uma, alteram-se ao mesmo tempo todas as outras. Com ar saudoso, me contou sobre sua ex-assistente que um dia surpreendera em experiências de que preferia não falar, sabe Deus a que a teriam levado. Se fora, havia mais de ano, sem nenhum aviso. E não mais a vira e nem ouvira falar dela. Uma moça aparentemente comum. Gostava de contar histórias, adorava bijuterias, passaria facilmente por uma vendedora em qualquer shopping...

Ansioso, tentei falar outra vez sobre a paixão que me consumia, associando intimamente os acontecimentos da praia com o que acabara de ouvir...

Mas Planck sentou-se ao piano e dedilhando de leve uma composição de Mussorgsky, preferiu falar da paixão humana, quando vemos o que não existe, e existe o que não vemos, tudo se enviesa, tudo extrapola, realidade e fantasia se confundem, todo o potencial do ser humano – soma, mente, psique – se concentram na paixão. Paixão talvez simplesmente resultante do excesso de serotonina no corpo. Um desequilíbrio funcional. E me recomendou cuidado. Muito cuidado. Evitasse comer chocolate... Que aumenta a serotonina...

O que Planck não me contou naquele dia – ai de mim, pobre apaixonado – foi o nome da sua assistente-robô desaparecida: Charme.

Chuva

Expectador 1

Entretém-se observando os passantes na chuva, consumindo lentamente a cerveja, enrolando o tempo... O bar se encheu de refugiados da tempestade, conversando, trocando impressões sobre a violência do temporal, lembrando fatos... Porém, mais do que falar, ele gosta mesmo é de ouvir, depois, em casa, registrar histórias ouvidas, fantasiando... Vai destruir um dia os escritos, antes que a mulher leia e ria debochada, perguntando se pirou. A mulher que ele despreza... Tarde demais... Está velho. Está cansado. Triste. A vontade não é livre, ou a dele não é, nunca foi... O irremediável acomodar-se aos mais fortes...

Vê a moça desviando-se das poças, o rústico balé, temporal regendo, a ligeira parada sob os pingos amarelos do ipê. Está encharcada, leva a pior no confronto com a chuva, mas prossegue no cinzento do tempo convulsionado. E a súbita parada, o aceno ao ônibus se aproximando. Ônibus que não pára. Pobre moça... Imagina-a ansiosa para chegar em casa, onde é rainha, mesmo que de um bando de crianças sujas, gatos e cães, no mísero palácio/casebre. Um companheiro vagabundo à espera... Ou não? Quem altiva se desvia assim das poças, quem enfrenta tamanha tempestade, tem vagabundo nenhum em casa, exceto para noitadas se estendendo pelas madrugadas, em plena consumação carnal. Vida sem meios termos, vida que ele viveria se tivesse coragem...

Vê o homem encharcado se aproximar, o aguaceiro chitoteando o corpo, a chuva vem de todo lado. De pouco vale o guarda-chuva já desenganchado das varetas, o vento debochado já o virou no avesso. Mas, quer dividir com a moça... *Ama teu próximo*, assim também aprendera ele na igreja, *há que repartir*. Mas, mesmo um guarda-chuva imprestável?

Consulta o relógio, tem que voltar pra casa, respeitar a divisão do tempo que a mulher faz, hora pra sair, hora pra voltar, hora pra comer, hora pra dormir, hora pra banhar-se, só não tem mais hora para o amor. Acabou. Como tem que respeitar outras leis da Constituição Doméstica, o que beber, o que comer, leite pode, café um pouquinho, uísque jamais; cereais para o intestino, macarrão engorda... Mulher que fora um dia moça atraente com quem se encantara. *O homem casa com a mulher que o escolhe pra casar com ela.* Lembra-se da irônica brincadeira do pai. E mais uma vez se pergunta como teria sido sua vida se naquele distante domingo não tivesse ido ao cinema, sentado casualmente ao lado dela e... Levanta, sai no temporal, caminha para casa...

Patroa

Ela sabe que vai chegar bebunzinho, o palerma, pingando água pela casa, sequer levou o guarda-chuva, o distraído; que mal a vai olhar, depois jantar como quem cumpre indesejado ritual, se trancar no quarto, passar horas escrevendo... O que? Bobagens, coisa de desocupado, mais ainda agora aposentado, desinteressado de tudo que não seja escrever, escrever e escrever. Sempre assim parado, subalterno, sem vontade própria, *pois não, claro, será como o senhor quiser, sim, tem razão...* Não vai mudar nunca. Já tentou ler alguma coisa, falta paciência, a letra é puro garrancho. Coisa para psiquiatra, como diz a vizinha, em fase de novo namoro, voltando a acreditar no amor dos homens. Em especial, no do homem que ela ama, com quem deve estar agora, por quem enfrenta raios e trovões...

Expectador 2

Ri do encharcado Dom Quixote oferecendo o imprestável guarda-chuva à moça. Enfim, cavalheiro é sempre cava-

lheiro, sob o sol ou sob a chuva, está nos genes, algures ou alhures... *Algures ou alhures?* Por onde andaria a professorinha de português e seus caducos advérbios? Por que lembrar agora? Advérbios que jamais ouviu, jamais usou... Ah, os inúteis conhecimentos da escola, fatores da má vontade dos alunos... Mas, *algures ou alhures*, ali o cavalheiro e a gentileza recusada no gesto altivo/negativo da mulher, certamente vê na gentileza convite suspeito, homens fazem por merecer desconfianças, a natureza capricha nos assanhamentos masculinos. Mas com um tempo assim e seu imprestável guarda-chuva? Tudo incoerente... Onde também o professor-filósofo e suas "coerências"? Como se a vida fosse coerente... Fosse, e não estaria ali, o carro no atoleiro, a roda quebrada, as rosas murchando, namorada à espera, telefones mudos. A caótica tempestade decidindo rumos, a imprevisibilidade comandando a vida... E ele trocando horas de prazer com a mulher amada pelas grosseiras conversas do bar à luz de velas, trovões ribombando, a rua transformada em rio lamacento, o dia escurecendo...

À Espera

Virá sob a chuva? A mulher se pergunta, segurando as lágrimas. Ou a paixão se foi, como se fora um dia a do outro? Pode imaginá-lo chegando, as rosas vermelhas, a água escorrendo pela roupa, os amassos de saudade, o rolar molhados pelo chão, o desfecho na cama... Como pôde acreditar nas palavras, no carinho, nas promessas? Tudo passageiro, fogo de palha dos sentidos, amor verdadeiro nenhum... Melhor voltar pra casa e...

Expectador 3

Ele bem que gostaria de massacrá-las todas como baratas fedorentas. Ignorá-las. Como fez o motorista do ônibus, ignorando a mulher à espera. Assim como ele, motorista

também, tinha ignorado um dia uma mulher na tempestade... Ainda se lembra do pensamento malévolo, *que um raio a pegasse e descarregasse no inferno...* Também chovia demais, turvando a visão, o pára-brisa impotente pra tanta água, o volante exigindo atenção máxima e ele se perdendo nas lembranças da sua mulher apanhada no flagrante de traição, esmurrada e ensangüentada, amante fugindo pela janela... E, de repente, o buraco se fazendo enorme em frente ao ônibus, os gritos, os feridos, o hospital, a dor... Por sorte, ninguém tinha morrido... Mas o emprego se fora por condução negligente...

O temporal não ameniza, vai pra casa, corre até o carro.

Vislumbra o acidente, o carro em frente derrapou, bateu no poste... Pára, foca os faróis, corre em socorro. Vê a moça presa nas ferragens, balbuciando... Chove demais, tem ferramenta nenhuma, só o que consegue é amparar a pobre cabeça ferida, ouvir a confissão, *demorou, meu amor, pensei morrer de saudade, e esta chuva, temi que não viesse, e esta dor que me apanhou assim de repente...*

A moça delira nos seu braço, nunca uma mulher lhe falara assim, esquece as mágoas, as traições, o ódio obsessivo... Pede humildemente a Deus que a salve, mas a vida se esvai, a voz sumindo entre gemidos... Chuta o carro, esmura a lataria... Protesto contra a traição da mulher leviana, a perda do emprego, a morte da moça bonita, levando com ela um amor como ele jamais tivera...

Vizinho

Há tanto tempo ele mora ao lado, cumprimentava, ela respondia, mal encarada. Percebe agora a animosidade indo embora, alguma coisa se rompeu, assim parece. E sem que nada de anormal acontecesse... Responde amável aos cumprimentos. Estranhamente, há dias lhe perguntou se costuma usar guarda-chuva, se costuma oferecê-lo a mulheres colhidas por chuva imprevista. Ficou sem saber que responder, *pode ser*

que sim, pode ser que não, depende, é difícil dizer... Confundiu-se todo, ela sorriu. Sorriso azedo, meio contra a vontade, mas, sempre um sorriso. Sentiu-se abençoado, o agente do sorriso. Ficou bonita sorrindo, bonita não era bem o termo, ficou simpática, também não era isso, ficou como mesmo? Ficou a mulher que ele gostaria de convidar pra sair, mas não sabe se deve... E pra isso, teria que comprar um novo guarda-chuva, vá que chovesse. Melhor comprar logo dois.

* * *

Inspirado no conto "O Homem que Ofereceu um Guarda-Chuva", de Silas Corrêa Leite.

Des/encontros

Talvez porque o acaso e não uma formidável inteligência divina direcione os destinos humanos... Ou porque despeitadas deusas do Olimpo, se contorcendo na dor dos cotovelos, tramem contra os que se querem demasiadamente bem na Terra e contra as quais nada se pode... Ou por razões outras, Riomar e Lael se desesperavam em seguidos desencontros, podendo-se ouvir até em altas horas da noite, os lamentos do apaixonado Riomar contra as abstratas paredes que lhe tolhiam a realização dos sonhos mais acalentados... Lamentos que Lael ouvia mergulhada em telepáticos sonhos do agitado sono, querendo fugir das mesmas castradoras paredes, de tal modo a envolvia a paixão por Riomar...

Que loucura era aquela que os obcecava, dominando a vontade? Assim se perguntavam eles, cujas vidas no universo real até então respondiam a projetos cuidadosamente estudados, sempre senhores da sua vontade, fazendo das noturnas escapadas virtuais um contrapeso fugaz e brincalhão às pesadas responsabilidades do dia a dia. Não mais depois que se encontraram, quando passaram a criar recíprocas perspectivas, nunca sequer imaginadas e que os deixavam perigosamente vulneráveis e eriçados. E sem que pudessem chegar a qualquer explicação, tornavam-se progressivamente mais frequentes e perigosos os obstáculos aos encontros pelos caminhos eletrônicos. Conseguídos, tinham logo que se separar, pressionados por injunções domésticas, quedas de conexões, defeitos no micro... E como se um elo os ligasse como siameses, eram exatamente os mesmos, os infortúnios. Mal iniciavam uma conversa, sempre interessante, tanto pelo que se diziam como pelo prazer de estarem juntos, e já tinham que suspender o que se diziam, adiar o que pensavam em dizer, para talvez não dizerem nunca mais....

Sem que percebessem, o Zahir tinha entrado em suas vidas... *Zahir, algo ou alguém com quem se entra em contacto e acaba por ocupar pouco a pouco o pensamento, até que não se consiga concentrar-se em nada mais*, como ensinam os alfarrábios árabes. De algum modo, Riomar e Lael tinham se tornado reciprocamente o Zahir de si mesmos. Pois de tal modo se atraíam e se queriam que só mesmo ele poderia explicá-los, levando-os até mesmo a pensar que os intervalos forçados, fugas precipitadas, sumiços repentinos, tudo enfim mais os alimentasse na recíproca busca, a cada dia mais intensa, como numa espécie de Mil e Uma Noites, em que ambos se alternavam no papel de Sheerazade, empenhados em alimentar nas migalhas do tempo dos encontros, os sentimentos a cada dia mais possessivamente intensos.

E começaram a se perguntar o que era aquilo que os tomava por inteiro, corpo e alma, verdadeira obsessão no decorrer dos dias e das noites, sem tréguas, numa simultaneidade sub-reptícia e de tal modo que Riomar foi absorvendo Lael na mesma proporção em que ia sendo absorvido por ela. E desse modo, nos longos dias dos progressivos desencontros, a solidão na tela os angustiava mais e mais, trazendo o mesmo desassossego, o mesmo desejo tornado mais violento...

Então, perceberam neles o Zahir. E porque a vontade humana pode ter mesmo algo da grandeza do super-homem de que nos fala Nietzsche, antes que ele os dominasse para sempre e por inteiro e se transformassem em abúlico e indivisível ser, juntaram os últimos farrapos da vontade bruxuleante e se insurgiram em nome do próprio afeto que paradoxalmente tanto os ameaçava na exacerbada união. Queriam fazer dos sentimentos algo maior e mais belo. Algo que transcendesse o poder manipulador do Zahir, e por isso mesmo fosse verdadeiramente belo. Da beleza que não tolhe, que nada cobra, que tudo oferece. E simultaneamente permitindo se terem intensamente, falando de filosofia, música e poesia, um poema lírico, uma composição de Mussorgsky, de Sócrates e de Van Gogh, mas pelo prazer maior da companhia. Que permitisse que noi-

tes e noites viessem e fossem deixando sempre no caminho percorrido a esperança de outras noites iguais; algo que não os impedisse de desejar e sentir o que as palavras não traduzem, por prescindíveis; que lhes permitisse continuar palmilhando o caminho que não sabiam bem aonde ia dar, mas nem era preciso saber, pois que era caminho melhor que a certeza da perda irreparável de si mesmos. Queriam ter em suas mãos o próprio destino, tecer conscientes a própria história.

E para isso lutaram sem tréguas, até que o Zahir foi derrotado e as noites voltaram a ser serenas, os encontros agradáveis. Faziam assim dos sentimentos o que tanto tinham desejado, algo maior e mais belo, que não tolhia, que nada cobrava, que tudo oferecia, se tendo tão intensamente quanto desejavam, falando de poesia, filosofia e música, mas pelo prazer maior da companhia.

Porém, com o rolar do tempo, longos intervalos lentamente foram se infiltrando nas conversas, o que não os incomodava. Lael sabia que rivais astutas farejavam brechas, entendia, não era possessiva. Assim como Riomar aceitava de bom grado as incursões de Lael em salas diversas, levada pelo seu espírito sempre indagador.

E aos poucos, falhavam as noites de encontro, não se importavam, reconheciam a mutabilidade de tudo, que encontros podiam já não ser tão ansiosamente aguardados... Por vezes, um deles não comparecia, ou ambos, sem explicações, sem sutilezas, sem que se frustrassem, senhores de suas vontades, conscientes de que desse modo se renovavam, escapando da rotina. Mas, lentamente, Riomar e Lael realizavam impotentes, a separação que não buscavam. Foram deixando de se ver, até que não mais se encontraram. Sem que se dessem conta, esqueceram os e-mails. Depois os cognomes. Até a própria história. Inexplicável ansiedade passou a afligi-los sem causa conhecida. Sempre simultânea. Uma tristeza mansa pontilhava as horas, como a sombra de algo belo que se fora para sempre...

O Anti-Zahir tinha entrado sorrateiro em suas vidas.

Despedida

Estaciona no acostamento, fita pela última vez o edifício do outro lado, um esgarçado destaque branco na madrugada, entre as pálidas luzes ao redor. Despede-se na noite que finda, como se findam também os sonhos e anos nele vividos...

Uma ambulância chega, são rápidos os movimentos de socorro. Cães ladram ao longe... Outros carros chegam... A madrugada se enche dos mesmos sons que ele tão bem ouvira nos longos plantões ali vividos. E agora, se despedindo atrás dos vidros escuros, alquebrado e envelhecido, não quer que o reconheçam, não quer a compaixão dos colegas.

Mais que local de rotineiro e longo trabalho, o hospital em frente tinha sido o ponto de convergência de toda a sua vida, nele correndo sua energia vital, assistindo enfermos, consolando, se exaurindo... Quantos bebês tinha ajudado a trazer ao mundo? Quantas vidas tinham dependido do seu correto diagnóstico? Da habilidade de suas mãos? De quantos moribundos ouvira o último suspiro? Quantas vezes tivera que controlar a própria revolta frente à violência do sofrimento, da morte, da sensação de impotência? E quantas outras tinha se alegrado com a derrota da doença, rápida alegria, apagada pelo suceder da chegada de outros enfermos. E os erros, por mais que quisesse acertar. Marcas que nunca se apagam. E o mais grave de todos, o erro que o afastaria pra sempre do hospital.

E mais uma vez se pergunta se tudo na vida acontece porque tem mesmo que acontecer, todos títeres do destino ou... Por sua imperícia, uma jovem fora confinada a uma cadeira de rodas, assim fora dito na sentença final, no rumoroso processo. Cassado o diploma, vai agora para longe cuidar de horta e jardim, como convém a um velho médico incompetente.

Abandonando a cidade, poupa-se da compaixão humilhante dos colegas. O fim. The End. Como naqueles filmes ame-

ricanos em que se sabe que a história terminou, resta levantar e ir embora. Chegara jovem, transbordante de entusiasmo, de amor à profissão. Casado, tinha visto os filhos partirem, mas não arredara pé. O hospital, a missão de uma vida: médico, diretor clínico, conselheiro dos mais jovens... E agora se despedindo, silencioso, triste...

A mulher ao lado, calada, absorve a tristeza da despedida... Não há nada a dizer. Sabe que palavra nenhuma atenuaria a profunda frustração. Ele não cedera às injunções do momento. Em vão, lhe tinham aconselhado se defendesse melhor com advogados experientes, cheios de artimanhas. Um preço a pagar pela continuidade de seu trabalho. Tudo neste mundo tem seu preço, ponderavam, lembrando, maquiavelicamente sensatos, que os fins muitas vezes justificam os meios, só não se pode carregar demais na mão. Mas ele não cedera, tem valores cristalizados, ética perfeccionista, o que quer que a explique, lucidez, teimosia, temperamento... Errara, ponto final. Paga pelo erro.

O veículo da Guarda Municipal pára ao lado. Guardas estranham o carro de vidros escuros ali estacionado na madrugada. Pedem documentos.

- Ah, desculpe, doutor, vimos o carro estacionado, pensamos que fosse algum bandido. O senhor está aqui há quanto tempo?

- Faz quarenta anos.

O moço não entende. Com poderia?

O carro parte, o som se estende pela estrada... Cães ladram ao longe, os latidos ecoando pela madrugada...

* * *

A jovem paraplégica sonha com jardins floridos, onde corre tentando pegar borboletas azuis...

Do alto da sua inocência...

*Tratem de achar um remédio para o abuso.
Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.*
(Brechet)

Miúdo, feioso, mas tinha a altitude do nome famoso, o que não era pouco. E do alto da sua importância, olhava o mundo cá embaixo, vendo superiormente os funcionários na casa, no escritório ou quando percorria a empresa cujo espaço ocupado não era menor que sua soberba, literalmente falando, pois que se estendia por cidades, estados, países... De pouco falar e muito agir, milionário e ambicioso, o moço se destacava pela dedicação ao trabalho, como se o suor pingasse do rosto e dele dependesse o pão sem manteiga de cada dia. E assim procedendo, fazia elevar-se ainda mais o orgulho da família, em especial do avô, fundador da empresa, seu mentor, o único a quem abaixava a cabeça. Que por sua vez jamais abaixava a sua. Nem mesmo quando a namorada enfeitou-lhe a testa com os chifres da traição e teve que enfrentar - não os risos debochados, ninguém ousava - e sim o próprio coração ferido. E nas artérias imprestáveis, substituídas um dia por pontes de safena, podiam-se ver vestígios dos impulsos reprimidos, das histórias jamais contadas, dos sapos engolidos, do sofrimento mais intenso... Mas nada o fazia abaixar a crista. Um modelo para o neto.

Entre as funcionárias que serviam o jovem na suntuosa mansão, uma configurava o perfeito contraste milionário/miserável, poder/submissão: a jovem faxineira, magra e alta, mas reduzida à pequenez dos desventurados, olhos sempre voltados para baixo. Vinda do sertão, fugindo da

seca, considerava milagre da santa da sua devoção ter encontrado tal trabalho.

A princípio, até se desnor-teara vivendo entre riquezas sequer imaginadas, a começar pela abundância da água jorrando generosa das torneiras, na piscina, nos esguichos do jardim, um contraste com a sofrida carência do sertão. E com a comida sempre farta e variada, sequer sabendo os nomes, estranhando sabores. Cumpria sua função com o perfeccionismo dos necessitados de boa vontade, fazendo brilhar cada peça do mobiliário nobre, lavando e perfumando banheiros de contos de fada, dedicação sequer agradecida, como se aquele doar-se toda fosse parte integrante dos acontecimentos da natureza, como a chuva e o sol, e não ação voluntária de um ser humano, sob o comando da necessidade.

Um dia, o novo jardineiro lhe falou da importância de ler e escrever, de cursos noturnos de alfabetização. Que passou a frequentar. Aprendia... Meses se passavam, o mundo se ampliava aos olhos surpreendidos, se revelando através dos professores, dos livros... E dos jornais deixados pela casa. Lia até madrugada, se integrando ao mundo lá fora, na mesma medida em que decaía a qualidade da faxina. E os que jamais tinham tido palavra de reconhecimento passaram a ter de re-criinação, ameaçando-a de desemprego, proibindo leitura, mandando queimar livros e cadernos, proibindo escola...

Os meses escorriam. Mesmo sem leitura, de modos diversos, foi conhecendo mais de perto a injustiça na diferente distribuição dos bens deste mundo, tanto para alguns, tão pouco para tantos, os pobres, os miseráveis... E assim descrendo da bondade dos poderosos, vendo neles de modo enviesado e tão somente o egoísmo, a insensibilidade, a exploração do outro, na mesma medida em que o ódio foi surgindo, crescendo e se canalizando rumo ao patrão, o homem que lhe destruía o acesso ao que tivera de mais sagrado: a leitura.

Assim pensava. E quando ouviu dizer que sua empresa despediria centenas de empregados, assumiu o desespero das famílias atingidas. Decidiu matá-lo, mesmo ignorando as razões das dispensas. Sabe que pode passar o resto da vida na prisão, um pequeno preço em contraste com a grandeza do bem que fará à humanidade. Seria a doação da sua liberdade, da sua vida.

E naquele entardecer, em frente à mansão, armada de uma faca, aguardou o patrão. Que estranhou a presença, caminhou para ela, pela primeira vez sentindo piedade pela moça cujos livros sua mulher mandara queimar. Decidiu ouvi-la. Tarde demais. Com uma facada certa, lhe cortou a carótida. Tombou esguichando sangue, morrendo a seguir.

Do alto da sua inocência, ela começava a falar em nome dos injustiçados, quando um dos seguranças a alvejou no coração.

Enigma dos Rupestres

A notícia enviada por amiga bióloga vinha a calhar para minha dissertação de mestrado: pequeno sítio arqueológico com figuras rupestres tinha sido descoberto por ela, entre rochedos, local de difícil acesso, quando realizava trabalhos de pesquisa com plantas, guiada por guia de antiga aldeia zande, na África. Pensou na importância da descoberta, nada contou a ninguém, era um presente que me fazia, imaginando a importância da decifração dos desenhos e reservando-a para mim. Exultei, tomei as providências para a viagem de estudos, marido em desacordo com tudo, mas a firme vontade superando obstáculos.

Tomei o avião para a África, viajei horas e horas de carro por estrada precária, até chegar á aldeia indicada, onde procurei o guia. Que me explicou, já tinha compromisso assumido com engenheiro recém-chegado, Senhor Diego, também em trabalho de pesquisa a serviço de sua empresa, nos mesmos rochedos. Um presente do céu, pensei, não estaria apenas com o guia, aquele gentil cavalheiro de fala mansa e jeito tímido seria meu companheiro de pesquisas.

No dia seguinte, mal a aurora se anunciava, iniciamos a caminhada, subindo a colina. Súbito, o moço zande estacou e estendeu os braços em direção ao nascente. Podíamos ouvir seu mantra melodioso, certamente parte de um ritual diário, homenagem ao Sol, fonte de luz e vida... Como quer que fosse, uma visão emocionante, formada pelo perfil escuro do homem primitivo contra o céu avermelhado.

Continuamos a caminhada na floresta rumo aos rochedos, preocupados com as cobras, nos desviando das lianas, ouvindo o canto dos pássaros... Nas passagens inclinadas, o engenheiro me dava a mão, acabando por não mais largá-la,

certamente preocupado com a minha segurança, uma gentileza enternecedora.

Percorremos longa distância, parávamos para descanso à sombra das árvores, bebíamos a água fresca dos regatos que brotavam das pedras, milhares de borboletas por vezes nos cercavam, chegando a turvar a visão. Meu gentil acompanhante me surpreendeu colhendo uma orquídea e me oferecendo. Emocionou-me seu gesto, comecei a imaginar-me Jane, ele Tarzan, dos antigos filmes de Hollywood, mas... O homem usava aliança, sempre fui esposa fiel, enxotei o pensamento bobo...

À tarde, chegamos ao sítio arqueológico, examinei, fotografei. Aqueles estranhos desenhos constituídos de duas figuras distanciadas, de braços estendidos, traços denotando sofrimento intenso, desafiavam meus conhecimentos. Tentava decifrar a mensagem, enquanto o engenheiro examinava os rochedos, colhia amostras, fazia medições, fotografava também. Eu passaria ali dois dias, mas ele ficaria por mais tempo, devendo o guia me reconduzir à vila e voltar para acompanhá-lo no trabalho de semanas.

Anoiteceu, o guia subiu ao rochedo mais alto, repetiu o ritual da manhã, voltado agora para a lua plena, a mesma bela imagem da manhã, o homem integrado à natureza na saudação melodiosa. A seguir, preparou três pequenas tendas, estaríamos devidamente alojados e protegidos, podíamos dormir tranqüilos. Ofereceu-nos um pouco da sua bebida. De frutas da região, ele explicou. Estávamos todos cansados, fomos dormir.

Acordei ouvindo vozes dolorosas trazidas pelo vento, como se as mágoas todas do mundo se condensassem naqueles lamentos. Era de arrepiar. Senti compaixão, senti muito medo. Diego me chamou, se preocupava comigo, não tinha encontrado o guia. Percebemos que as vozes vinham do sítio arqueológico. Cautelosos, fomos averiguar. O luar dourava os

rochedos, as copas das árvores, pássaros noturnos piavam... Chegamos. O sítio me parecia agora muito estranho, dinâmico, pois, para nossa imensa perplexidade, as duas figuras rupestres pareciam mover-se em direção uma da outra, os lamentos aos poucos se transformando em vozes de alegria, corpos e rostos se assemelhando aos nossos... À claridade da Lua, eu podia me ver e ao engenheiro naqueles desenhos feitos havia milhares de anos. Súbito, as figuras pareciam libertar-se das pedras, me senti confusa, como em transe... Diego me tomou nos braços, me apertava contra seu corpo excitado, tinha adquirido os traços rústicos dos homens das cavernas. E nos amamos, como só se poderiam amar aqueles que por milhares de anos tinham esperado, petrificados, a realização de um sonho de amor. E através dos nossos corpos.

Acordei extenuada, estava na minha pequena tenda, tinha manchas roxas pelo corpo. Confusa, me perguntava se eram sonhos ou realidade os desvairados amores da noite. Saí, vi o guia no ritual de braços estendidos ao sol nascente, o mantra melodioso. A voz me parecia agora conhecida, tão semelhante às da noite na dor e na alegria. Diego estava a meu lado, eu nada dizia, um grande constrangimento me calava, perdida entre a normalidade do dia e os exacerbados amores da noite. Fomos ao trabalho, ele me acompanhou aos rupestres e... Nada havia mudado, os desenhos continuavam com as mesmas desesperadas figuras, braços estendidos, se buscando. Ainda os examinei muitas vezes, buscando explicações. Decidi voltar imediatamente, fugir dos feitiços, sob o pretexto de pesquisa encerrada. Diego ficaria. Não podia faltar aos compromissos com sua empresa. O guia me acompanhou. Perguntei então sobre eventuais ocorrências noturnas no local, referindo-me às vozes lamuriosas, mas nada disse sobre o encontro amoroso. Ele não tinha explicações, nunca soubera de qualquer fato incomum.

Muitos anos se passaram desde então. Não incluí na dissertação os estranhos momentos vividos na África, não mais procurei qualquer informação sobre o engenheiro nem sobre o guia zande. Minha amiga, testemunha da existência dos rupestres, com quem poderia trocar idéias, tornou-se missionária, perdi o contato.

Penso em muitas interpretações para aquela noite. Teria o guia, consciente ou inconscientemente, servido de intermediário para que dois apaixonados do tempo das cavernas realizassem milênios depois seu desesperado sonho de amor, encarnados em nossos corpos, através da força mental de um zande?

Não há acasos, disse o engenheiro ao despedir-se, mas sem estender-se em explicações. O que agora, nas lembranças, o torna suspeito. Até que ponto estaria mancomunado com o guia e sua estranha bebida numa encenação que lhe proporcionaria aquela delirante noite de amor?

De volta pra casa, mergulhei em pesquisas. Aprendi que os Azande não acreditam também no acaso. Haveria sempre uma força psíquica, produzindo eventos aparentemente casuais.

Restam as indelévels lembranças do engenheiro/troglodita, quem quer que seja. Sonho freqüentemente com ele... Gosto de fantasiar que no futuro, nossos espíritos vão reencarnar configurados em figuras rupestres, em cavernas onde outros pesquisadores e outro guia com seus poderes mágicos vão permitir que continuemos aquela noite de todos os amores...

Mercedes

- Você de cozinheira, Pat? Cadê a Zenilda?
- Não veio, pai, mas caprichei no jantar: maionese, arroz e frango à moda “telefone”.
- Assim, também sou cozinheiro, Pat, mas... Cadê a Zenilda?
- A mãe morreu...
- Que aconteceu?
- Foi assassinada, ontem...
- Tempo de violência, minha filha...
- Um dos assassinos estava na prisão, pai. Você o soltou...
- Eu? Pat, minha filha, sou juiz, não sou charadista, quer me explicar essa história?
- A mãezinha da Zenilda estava na fila de consultas, pai, na longa fila dos pobres, esperava a vez, a doença não esperou, sofreu um derrame... Morreu ontem, justo na hora em que um dos seus assassinos saía da prisão...
- Como assim, Pat, quem?
- O homem que você soltou, pai...
- Que homem, Pat?
- O homem que corrompeu, que roubou, que mandou milhões para o exterior, e com os milhões as escolas dos pequeninos, as casas dos pobres, remédios... Que mandou a mãe da Zenilda para o cemitério antes da hora...
- Calma, filha...
- Que calma, pai? Um cínico! Roubou, mentiu, trapaceou, zombou... Meu sangue ferve, pai...
- Ouça, Pat...
- E pensar que você o soltou. Cadê a Justiça?
- Entendo, é ainda adolescente, quer reformar o mundo...

- Você não tinha o direito de soltá-lo, pai, o povo vai clamar por justiça...
- Engana-se, Pat, agi em nome do Direito.
- Que Direito é esse que favorece os corruptores?
- Vivemos sob a lei, Pat, sou apenas um cumpridor delas.
- Então é preciso mudar as leis e jogar no lixo o lixo humano.
- Leis são feitas pelos nossos representantes, Pat. Boas ou ruins, melhor com elas. Ou voltaríamos à barbárie, nos atacando com paus e pedras.
- Agora usamos armas de fogo, mais fácil.
- Pat, você não conhece todos os ângulos da questão da soltura...
- Ou é com palavras que nos guerreamos? E chora menos quem tem melhor defensor?
- Pat, entenda. O homem não foi preso por corrupção e outros crimes, os processos não terminaram. Era outra a razão. A prisão não se justificava, os advogados provaram.
- É um ladrão, cínico, deboche de humoristas...
- Eu não tinha como mantê-lo preso legalmente, Pat. O que sinto como indivíduo não conta. Cumpro a lei, o coração não entra nisso. Os advogados provaram, não havia motivos para mantê-lo preso, mesmo com dezenas de processos contra ele.
- O homem compra advogados às pencas, como quem compra bananas. Os melhores, mas que fazem deste país um oásis de impunidade para os ricos...
- Advogados precisam comer, Pat. E o lixo humano distribui-se igualmente entre ricos e pobres...
- Mas com os ricos desfrutando de mordomias até nas cadeias...
- Os dias na prisão podem valer por anos, Pat, pelas seqüelas. Você já deve ter visto o aspecto de alguns abastados saindo das prisões, mesmo que por pouco tempo...
- Ora, meu pai, homens assim são grandes fingidores, como diria Fernando Pessoa. Na intimidade do lar, certa-

mente gargalham do fingimento. Bando de desalmados, ladrões, exploradores... Cínicos. Tinham que morrer todos na prisão, cobertos de piolhos...

- Não exagere, Pat, ou teriam que ser levados também às barras dos tribunais, reis, papas, heróis proclamados, gente que guerreou, que matou... Até chegarmos à Eva, culpada de oferecer a maçã a Adão, e daí os nossos males.

- Não brinque, meu pai...

- São muitos os ângulos de um julgamento, minha filha. Teríamos que discutir muito e não chegaríamos à nenhuma certeza. A verdade tem muitos aspectos, Pat, então me atenho à lei, mesmo porque é o que me cumpre. Vai aprender com o tempo que condenar ou absolver são muito mais complexos do que pode imaginar...

- Não vai levantar desta mesa sem me explicar melhor essas afirmações, pai.

- Poderia tentar, mas faltaria a você a sabedoria que somente os anos podem dar.

- Tente, o homem está atravessado na minha garganta...

- Tanto quanto você, Pat, estou convencido de que mandou ilegalmente para longe milhões de dólares, como tantos outros mandaram também, alguns agora presos, mas em seus domicílios confortáveis, ou mesmo soltos, desfrutando de vida nababesca... Mas nada se provou concretamente até agora. Ele nega sempre, o que só aumenta seu cinismo, concordo com você. Mas, sou apenas um servidor da Justiça, Pat. E justiça não se faz por razões subjetivas, por "achismos" pessoais, tudo tem que ser provado...

- Nunca vai ser, pai...

- Pat, minha filha, talvez nunca seja mesmo, talvez ele e todos os outros morram sem pagar pelos seus crimes e os membros de suas famílias herdem suas fortunas, senão as bloqueadas, pelo menos as que se escondem em dezenas de outros lugares, sob outros nomes, outros países, num cofre embutido

na parede, quem é que sabe? Todos muito ricos, esquiando na Suíça, se banhando em Cancun, nascendo e morrendo no Albert Einstein...

- Enquanto suas vítimas morrem como a mãe da Zenilda, nas longas filas de espera de consultas, crianças crescem anal-fabetas, vai longe o suceder das seqüelas...

- Concordo Pat, como disse nosso escritor maior, "as pessoas não foram ainda terminadas...". São como crianças possessivas... Acredito que nem é a maldade que as move e sim a inconsciência, a ignorância de que do mal só pode mesmo resultar o mal, até pra si próprias.

- Culpa também dos advogados e seus escritórios de apagar crimes, pai...

- Já disse, Pat, advogados também precisam comer. Mas, claro, a maioria prefere caviar e Dom Perignon...

* * *

- Vi há pouco sua entrevista pela TV, meu pai. Você mudou de time rapidamente...

- Ora, Pat, lá vem você de novo, e bem no café da manhã. Como mudei de time?

- Deixou de ser o paladino do Direito para transformar-se no Santo Padroeiro dos Ladrões Sofredores. *Soltei o homem porque tive pena dele.* Foi o que declarou ontem à noite aos repórteres.

- Cuidado com as palavras, Pat, minha paciência tem limites...

Pat retira-se bruscamente, corre à garagem, quer pegar o carro, sair, espairecer, se precipitou, o pai deve ter boas razões pra ter falado assim aos repórteres... E pensar que o chamou de Santo Padroeiro dos Ladrões...

E a surpresa! Brilhando, zerinho, ali outro carro... Um Mercedes!!! Como???

Na Aldeia Medieval

Deixa o Hotel dos Toureiros, caminha pelas *calles* de Madri, observando detalhes da velha cidade... De algum lugar, chegam árias ciganas, os sons se espraiando pela rua, a música o remetendo ao tempo dos primeiros contatos com a mulher, uma virtuose do violino. Chegara até ela através da música vinda de uma janela aberta. É preciso ler os sinais, ensinam os mágicos. O namoro e o casamento. Uma ponta de saudade... Pode imaginá-la chegando dos ensaios da orquestra, a alegria dos filhos pequeninos, a cachorrinha festejando, o gato gordo dormindo no sofá... Cenas lembradas do casal vivendo para os filhos, trabalho, casa... A vida em construção... Relutara antes de aceitar o convite para o congresso, mas eram tantas as razões, se reciclar, o contato com os colegas estrangeiros, conhecer a terra dos antepassados...

Caminha para a praça, a colega o aguarda, médica também. Tinham-se tornado amigos desde o início das palestras. Muitas as afinidades na profissão, o alegre conversar os vai unindo... Casada também, o marido jornalista cobre os Jogos da Amizade em Barcelona, ansioso por juntar-se a ela no domingo, quando finda o Congresso e começam uma turnê pela Espanha. A tentativa, mais uma, de salvar o casamento em crise, cimentar os cacos do amor que desfalece...

Tomam o táxi rumo à aldeia, atendendo à recomendação do gerente do hotel,

- Uma aldeia estratificada no tempo, quase nada mudou, amostra perfeita da vida medieval. Construções típicas, cortinas nas portas para proteger do sol, mulheres de mantilha, a taverna onde podem beber e comer como viajantes da Idade Média. E no caminho, entre oliveiras, vão cruzar com Quixote e Sancho Pança rumo aos moinhos de vento de Dulcinéia...

Tinham-se animado com a descrição, rindo da fantasia final. Iriam depois dos trabalhos da manhã, voltando ao anoitecer.

Passam por campos de vinhedos, oliveiras milenares, árvores envergadas pelo vento na paisagem seca, entre lembranças da rica tradição espanhola, El Cid, morto e cavalgando contra os mouros, toureiros se esvaindo em sangue nas arenas, a glória fugaz ao preço de uma vida... Garcia Lorca morrendo na madrugada sangrenta... Os corpos despedaçados de Guernica... O sangue sempre presente. A marca de um povo.

Chegam. Uma medievalidade cinzenta recobre o velho casario. Caminham pelas ruelas, janelas curiosas se abrem, velhinhas de lenços escuros se debruçam, cantos se elevam da igrejinha milenar... De algum lugar, chegam as árias ciganas de um violino... Contemplam as pipas colorindo o céu, flutuando, cada vez mais altas... E o rebentar de uma linha, a queda sobre um velho telhado, espantando passarinhos, agitando um cão... E ela? Romperia também os laços que a prendem? Pairando em liberdade ou mergulho fatal, qual pipa desatada? Inevitável a comparação. Como segurar os restos do casamento que se esvai, entre desconfianças e ameaças?

Súbito, trazidas pelo vento, nuvens escuras antecipam a noite... Aos flashes dos relâmpagos, vêm ao longe, a velha hospedaria entre muros... Cai a chuva, a água escorre pelos corpos... Seguem ladeira acima. Chegam exaustos. Um cão late anunciando. Sob a luz mortiça, a mulher serve o vinho encorpado, recendente, como tem que ser o vinho dos encharcados pela chuva. E pão e azeitonas. Como nos tempos medievais...

A noite cai de vez, a chuva não amaina. E, sem nada se dizerem, como se uma força os arrastasse a seus destinos, deitam-se nus na cama rústica do quarto oferecido. Secam as roupas junto à lareira de tempos imemoriais, a lenha crepitando... Silenciosos, sôfregos, os corpos se buscam, se entregam aos mesmos prazeres de tantos outros amantes de tantas outras eras...

A noite expira, vestem-se, vão embora. Os raios do sol nascente se refletem nos olhos constrangidos. Súbito, o carro que chega, o homem que atira, o sangue que escorre dos corpos caídos. Vai desmaiando o sol, a escuridão desce vagarosa, gemidos vão se extinguindo... Vultos se aproximam, entre gritos e o latir do cão... O assassino foge. A terra absorve o sangue que escorre... Os ecos dos gemidos, levados pelo vento, atravessam mares, mesclando-se aos sons de um distante violino...

No coração das mulheres inocentes...

Francisco e Soledade são pobres, sequer têm televisor. Unidos, enfrentam as dificuldades há mais de trinta anos. Mas o filho, mesmo a duras penas, se forma na Universidade do Governo, vai bem na profissão, quer presentear os pais,

- Você vai gostar de ver futebol na TV, pai. E você, mãe, vai adorar as novelas...

E no dia memorável, ali o aparelho na salinha, vai estar sempre limpo, coberto com toalhinha de crochê. Rabicó leva chinelada numa noite fria, quando aproveita o calorzinho restante do aparelho, dormindo em cima dele... E expulso definitivamente da sala, quando, sem cerimônia, marca território na tela. O gato sendo a primeira vítima. Outras viriam...

Personagens de novelas vão se incorporando ao mundo de Soledade, a TV se tornando seu universo paralelo, o coração indefeso absorvendo as desditas das mulheres, compulsões, conflitos, a violência social... Real e virtual se mesclam, encolhem-se as conversas com vizinhos, desfalece a dedicação ao marido... Rabicó muda para o quintal, a mãe velhinha se ressentida, *você não aparece mais, minha filha...* Vozes lamuriosas de tantos diferentes dramas televisivos enchem a casa, que ela ouve da cozinha, do tanque, atenta, enquanto lava a roupa, *meu pai me batia...* *Odeio família...* *Meu marido mal fala comigo, o bruto...*

Soledade se identifica nos conflitos, enquadra pais, irmãos, marido, é vítima da mãe, uma alienada, do pai prepotente; dos irmãos mal educados; do marido grosseiro... Ouve confidências em programas de entrevistas, convidados especiais aconselhando no improvisado consultório psicanalítico. Absorve sofrimento e conselhos, entre comerciais de sabão que lava mais branco, de carros mais velozes, de cerveja que desce rolando...

- Rompa com tudo que a faz sofrer, parta para uma vida nova...

- Conte os problemas, queremos ajudar...

Confidências de público a surpreendem. Sempre guarda para si os íntimos conflitos, ocupada sempre, solicitada por tanta gente, marido, filho, pais, sogra, vizinhos... Uma vítima. Como não percebera antes? Faz acusações, marido estranha. E a inesperada revelação, *um grosseiro que nem sabe fazer amor.*

Como não sabe? Ele a procura quando o corpo pede, é fiel, respeitador das vontades dela. Ou não? E lhe ocorre que jamais pergunta. Sente-se inseguro, perdeu o jeito de lidar com a mulher, antes tão conformada com as dificuldades, parecendo feliz com tão pouco. Percebe quanto imita o comportamento das mulheres da TV, parecendo membro de um grupo de sofredoras, vítimas dos pais, dos casamentos errados, da sociedade... *O filho até necessidade passara, milagre ter-se formado... Marido, um escravo, submisso aos patrões...*

- Todo mundo não pode ser patrão, alguém tem que ser empregado...

Paciente, tenta em vão explicar. Sente o ambiente se deteriorando... E a vida deles, que era de entendimento e bem querer, se transformando numa chatice, difícil de suportar... Tenta argumentar,

- Não entendo você. Nosso filho estudou, é bom profissional, temos saúde, até TV...

Afastam-se. Dorme agora no quatinho que era do filho, sente falta de corpo de mulher... Um dia, encontra Maria do Socorro, viúva e pobre. Socorro que é só ela mesma, personagem dela mesma, não incorporou os infinitos conflitos das mulheres todas da humanidade expostos na TV. Entendem-se. E o minguado salário se divide entre as lamúrias de Soledade e a alegria de Socorro, que só quer mesmo um homem que a ajude a sustentar-se e lhe satisfaça as vontades do corpo. Sequer têm um aparelho de TV.

Mas, no dia em que Socorro lhe dá a boa notícia, veja, meu Nego, nossa "televisão", novinha, fui sorteada, na Loja Mil, Francisco faz meia-volta... Dobra a esquina... Pensa nas esquinas do fim do mundo, ou para lá do fim do mundo, aonde a TV não chega. E some.

No Jardim do Milionário

Sentado em frente à piscina, o olhar passa distraído pelos matizes das folhas do jardim, rosas e margaridas, solo atapetado de flores amarelas do ipê, no auge da florescência... Porém, mais voltado para dentro de si mesmo, o milionário mal se dá conta da beleza natural. E não, não entraria na piscina neste domingo tranqüilo, como não tinha entrado em tantos outros. Gosta de apreciá-la e ao magnífico jardim, mas como coisas suas, desfrutando o inexcelsível prazer da posse. Jardim jamais esquecido pelos apreciadores da natureza que algumas vezes convida para visitá-lo. A ele, basta tê-lo, saber que lhe pertence, como lhe pertencem também supermercados em cidades diversas, fazendas, ações, apartamentos, tantos bens. Que controla pessoalmente. Saber-se tão rico lhe dá prazer indescritível. Não roubara, não assaltara, nunca tinha se aproveitado politicamente de alguém. Gosta de sentar-se ali, sozinho, sentindo-se realizado. Um milionário sem culpa. Sempre tinha trabalhado muito e aos setenta, trabalha ainda. Saíra não da miséria humilhante, mas da pobreza de um lar tranqüilo. Um Tio Patinhas. Como ele, guarda moedas dos tempos de menino pobre e, como o velho pato, gostaria sim de mergulhar, porém não na bonita piscina de águas azuis e sim numa de moedas de ouro...

O vendedor de mandioca

Mais uma vez, o vendedor de mandioca sobe ao escritório do milionário. Que acompanha passo a passo as transições comerciais do dia a dia dos três supermercados da cidade-sede. Veio receber o dinheiro da venda da mandioca. E desta vez, acompanhado da mulher. É ali com o Grande Tio Patinhas, como o chamam na intimidade, que as contas são acertadas.

O preço já fora combinado, mas ele pechincha, tem muita mandioca na praça, abaixassem o preço, é grande a concorrência. O vendedor tenta dialogar, convencer, o preço mal cobre despesas de produção. O milionário insiste, irritando a mulher, que incisiva se levanta e cresce para ele,

- Claro, faremos o desconto, ou seus filhos vão morrer de fome... Casebre vai desabar com a chuva, o cão sarnento ficará à míngua... Sua calça rasgada não cobrirá suas vergonhas... Tudo bem. Menos dois centavos por quilo... E que a terra lhe seja leve!

E vai embora. Perplexos, marido e empresário se entreolham.

Reflexões

Sentado em frente à piscina, sequer passa o olhar pelo jardim. Pensa na mulherzinha atrevida, nas duras palavras. Imerecidas. Cabe a ele estabelecer preços, zelar pelos negócios, assim fizera sua fortuna. Julga-se justo nas transações comerciais, tem conhecimento dos elogios dos que o conhecem. Como conhece também as acusações de explorador. Confundem “exploração” com habilidade de quem compra na hora certa, no lugar certo, da pessoa certa. E vende no momento certo. Tinha zombado dele. Sequer lhe dera a chance de explicação. Não gosta, jamais gostara de negócios com mulheres. Lembra-se da pouca sorte com elas, e não apenas nos negócios, pior ainda na vida sentimental. Mas, prefere enxotar os pensamentos inoportunos, sua riqueza o consola, se danassem com suas frescuras e rompantes. Pode imaginar o pobre vendedor sob as rédeas curtas da mulherzinha braba. Sorri irônico, mas está inquieto, credor do direito de se explicar, como se lhe tivessem sonogado um troco. Na hora certa, vai convidá-la e ao marido para conhecerem o jardim, dar explicações, gosta de harmonia nos negócios, até nos pequeninos.

No jardim

Como poderia ter imaginado que tal jardim existisse? Como descrevê-lo? Assim pensa ela, caminhando pelas sinuosas veredas entre as árvores floridas... Ouve o canto dos pássaros, zumbido das abelhas, vê o lago, as carpas prateadas, o regato sob a pequena ponte arqueada... Concentra-se na taturaninha verde, volta a caminhar entre as margaridas, camélias, orquídeas, tantos os matizes, os perfumes, ali os lírios-do-campo, lembra-se de Salomão que em toda a sua glória jamais se vestiu como eles. Animaizinhos correm no gramado, flamboyants se cobriram de flores, ouve a música do bambuzal soprado pelo vento. Mais de uma hora transcorre, marido e empresário discutem lá longe o preço da mandioca e que tais. Não, ela não brigaria mais por centavos. O homem que tinha construído um lugar assim tinha que ser perdoado de todas as fraquezas. Talvez a solidão o envolvesse, sem que se desse conta, desde a perda da primeira mulher, tão jovem, tão bonita, o preço da vinda do filho ao mundo. Imagina o vazio que se seguiu... Conhece a história da surpreendente infidelidade da segunda mulher, flagrada com seu amante num reles motel de beira de estrada, conforme tanto se comentara na cidade, humilhação que ele tinha enfrentado de cabeça erguida. Infortúnios compensados pela imensa riqueza? Quem sabe o belo jardim não passasse de metáfora de uma existência feliz apenas aos olhos alheios... E a ele importasse menos o perfume das flores, o canto dos pássaros, o murmúrio das águas e mais a impressão que o belo conjunto causasse nas pessoas... Como se a impressão alheia de que é feliz o aproximasse da felicidade. Algo pateticamente enganador...

E que por sua vez começava a se perguntar sobre a demora da mulher, o que tanto a encantava... Nunca andara por lá, bom conferir.

Enfim, ei-la de volta. Despedem-se. Curioso, caminha, agora, sozinho no jardim... Ensimesmado, sequer percebe as

margaridas, passa distraído pela pontezinha em arco, pelas carpas, mal ouve o canto dos pássaros, do vento no bambuzal... *Como não pensara nisso antes?* Tira a calculadora do bolso, sempre leva uma. Faz cálculos rápidos. Sorri satisfeito e volta indiferente à beleza que o cerca.

Sonhos

Abre o lugar ao público. Que paga ingressos caros nas visitas ao mais belo de todos os jardins. Exploração, acusa a mulherzinha braba. Exploração? Nada disso, defende-se ele, mais rico ainda. Confundem *exploração* com a habilidade de quem toma iniciativas na hora certa, no lugar certo. Inclusive nos jardins. Mas, enigmaticamente, dera de sonhar com passeios pelo jardim de mão dada com a mulher de um homem que lhe vende mandioca...

Os Bois

Manhã ensolarada, quente, céu azul, nuvem nenhuma. Estacionado em frente, rente à calçada oposta, o caminhão despertava a atenção da mulher: longo, muito longo, toda fechada a carroceria. Da varanda, ficou imaginando como seria difícil dirigi-lo, dobrar esquinas, transitar entre outros carros, estacionar... Jamais ousaria dirigir um veículo assim... Talvez atemorizasse até velhos motoristas, mesmo acostumados aos percalços das rodovias... Ai deles...

Na tarde mais quente ainda, sol de estourar pipoca, continuava lá o caminhão. Admirou novamente a forma alongada, pensou na extraordinária capacidade humana expressa através da ciência e da tecnologia, configurada ali no veículo. O pensamento extrapolou para as conquistas humanas, Internet, celulares, células-tronco regeneradoras, medicamentos revolucionários, a vida se prolongando, viagens espaciais, naves intergalácticas... O homem, Senhor do Universo, não fosse a morte ainda o desafiando, pensou tristemente.

No dia seguinte, quase meio-dia, lá continuava o caminhão. Sinal nenhum de chuva, calor infernal... Então sentiu cheiro de estrume, ouviu barulho, se aproximou do veículo e pelas frestas, viu estupefata muitos bois em pé, colados uns aos outros, no calor sufocante da carroceria fechada. Silenciosos. Certamente famintos e sedentos. Mas não berravam sua fome, sede, desconforto. Cadê o malvado que os deixara ali? Imagens se multiplicavam na sua mente compadecida, boi puxando carroça, boi montaria, boi fonte de leite, de carne... Boi agonizando na caatinga esturricada, bicado pelos urubus... Boi velho morrendo, abandonado no campo... Mais que na crueldade da natureza, pensou na crueldade humana, no boi espicaçado dos rodeios, das touradas, boi caminhando para a guilhotina dos matadouros, dos frigoríficos, boi se exaurindo de fome e sede

nos caminhões dos homens que em algum momento da vida tinham perdido o coração...

Era preciso salvar os animais, tirá-los do martírio da fome, da sede, do calor... Como?

Não queria precipitar-se, era preciso pensar também no outro, no homem que os transportava. Talvez rico, empedernido pela conquista da riqueza, um caminhão assim não era certamente propriedade de qualquer um. Ou... Quem sabe? Simples vaqueiro, alugou o caminhão... Denunciado, poderia perder a carga, ter problemas com a Justiça... Mas, quem quer que fosse, indiferente ao sofrimento dos animais. Procurou ouvir opiniões confiáveis de amigas, telefonou. Como agir?

- Você pode ter problemas denunciando... Poupe-se.

- De qualquer forma, os bois vão morrer... Ou não estariam sendo tratados com todo esse descaso... Esqueça.

- É o destino deles... Como de milhões de humanos... Morrem de fome. Talvez até de sede. O mundo se desigualou demais... Deixe pra lá.

Tamanha indiferença a deixou desolada. *Afinal, com que se tecem hoje os corações?*

Procurou na memória um motorista, talvez um vizinho, parente, conhecido, alguém que pudesse ter deixado o caminhão ali. Ninguém. Melhor ir à Delegacia, ter uma conversa inicial com delegado, saber como melhor proceder.

Delegado que a acompanhou, querendo verificar veículo e bois no próprio local.

Estava lá estacionado um pequeno e velho caminhão de transporte de animais. Vazio. Do marido da denunciante. Falecido havia exatamente uma semana. Um velho fazendeiro, criador de bois, conforme apurou o delegado.

A morte mexe com a cabeça das pessoas, concluiu ele penalizado. Persuasivo, encaminhou a mulher ao psiquiatra.

O Casarão

Entre lembranças recorrentes da minha infância desvalida, a busca de respostas me traz de volta ao casarão, na verdade, às ruínas do que ele foi um dia. Onde vivi por dias, meses, anos, seis, talvez sete... O cheiro é outro agora, o da relva que cresce sobre o terreno abandonado, das trepadeiras floridas se enroscando nas velhas árvores, da hera subindo pelos muros descascados. Mas os ratos que aqui se escondem, descendem certamente dos ratos da minha infância. E enterradas aqui as raízes do homem amargo e solitário que sou ainda hoje?

Infância

Eu ignorava o sabor de rato assado. Outros meninos, não. Meninos amadurecidos já na tenra idade, vultos esguios ao sol poente, as faces avermelhadas, caçando ratazanas que assavam na ponta de uma vara. O cheiro da carne queimada impregna minhas lembranças... Tentavam aliviar a fome, mas fome que nunca se saciava. Meninos como eu, colocados ali no casarão por mães que já não tinham com que criar os filhos. Mães que acreditavam na benevolência humana. Casarão que famílias ricas sustentavam.

Desconheço o sabor de rato assado, mas não o desconforto da urina tantas vezes pingando no meu corpo, tentando voltar à posição fetal na busca de um refúgio, no beliche do nosso quarto separado, o dos mijões. Ou no revezamento, eu urinando no menino de baixo, o cheiro viciando as narinas, afogando os pulmões. Urina de meninos mergulhados em sonhos, se descontraindo, válvula de escape das repressões do dia?

Tantas as recordações... Do roubo do pedaço de pão, do flagrante, da punição vingativa dos adultos... Da descoberta do gosto da bondade pelas mãos de meu irmão, me levando

num dia para sempre inesquecível, pizza e coca-cola, compradas com seus vinténs poupados. E pizza e coca-cola se tornariam para sempre para mim, o símbolo da fraternidade.

Entre as ruínas, as paredes semi-destruídas do “quartinho das riquezas”, onde se guardavam os presentes de Natal, vindos de lares ricos e da piedade anônima. Presentes que pouco durariam nas nossas mãos, pois devolvidos no dia seguinte ao Natal, nunca mais os veríamos. Vendidos? Até que ponto, se pode embotar a sensibilidade humana?

E entre moitas de cidreira cheirosa, o que ainda resta da capela... Onde se gravavam a ferro e fogo os conceitos de virtude e de pecado nas almas infantis. Que tanto me afligiam, à medida que o tempo passava e me perdia entre sentimentos antagônicos, de amor ao próximo, que tanto se pregava, e a raiva incipiente, incontida, quando me faziam sofrer... Ali, mais adiante, ainda firmes, as longas mesas de alvenaria, onde revejo os rostos abaixados sobre os pratos, a comida insuficiente, a sofreguidão... Personagens todos nós de um suceder de fatos para os quais procuro uma explicação, necessária à absolvição de todos que consciente ou inconscientemente fizeram da minha infância um tempo de humilhação, de medo, de pranto silencioso, de fome insaciada gerando o pesadelo recorrente: a mesa farta que eu tentava alcançar, as faces ameaçadoras, os impulsos para a fuga impossível, o horror... E o acordar aos gritos a que apenas o silêncio respondia... Ninguém ousava.

Frequentávamos a escola do próprio casarão, eu tocava na banda o que me permitia vez ou outra, ver um pouco do mundo lá fora, crianças com seus pais, brinquedos, bicicletas, carrinhos dos vendedores de pipoca, de algodão doce... Outro mundo, diferente, colorido, de alegria, a que eu não tinha acesso.

Aos doze anos, voltei para casa e aos treze já trabalhava e estudava à noite, aluno solitário, introspectivo, medíocre, desinteressado depois da vida acadêmica, da profissão que, embora muito rendosa, não me realizava. Meus irmãos

se dispersaram, minha mãe faleceu. Vivo hoje sobriamente de alguns bens, quase não trabalho. Um lírio-do-campo, como me apelidou uma amiga, mas sem a grandeza de suas vestes. Faço trabalho voluntário em instituições de meninos carentes, tentando, de alguma maneira, amenizar a desvalidez de suas vidas. Levo sempre pizza e coca-cola, impregnadas de lembranças, na repetição do gesto fraternal.

Solidão

Aos cinqüenta e cinco anos, continuo um homem solitário... E mais uma vez me pergunto entre estas ruínas se os fatos da minha vida ocorreram como tinham mesmo que ocorrer, numa reação em cadeia de causas e efeitos, de que não haveria como fugir... Se do tempo do casarão vieram os efeitos que decidiram meu destino, tempo de fome, pesadelos, ratos, urina... Marcas que jamais se apagam mesmo que agora a mesa seja farta e a cama limpa e macia...

A quem culpar pelo meu riso sempre abortado, pela constante consciência da transformação dos sonhos em pesadelos, paixão em ódio, amor em indiferença? A quem responsabilizar, enfim, pelo que não sou, mas poderia ser: um homem de bem com a vida, trabalho, família? À própria Natureza, autônoma e inconsciente? À crueldade humana, ela própria fruto de outras crueldades, num círculo vicioso? A Deus, cujos secretos desígnios estão além da nossa limitada compreensão? Um Ensaísta brincando com suas pobres criaturas?

Por livre escolha, durmo às vezes em bancos de jardim, entre mendigos, caminho solitário pelas ruas, me recolho por dias seguidos, quando bate a tristeza... Tenho alguns poucos amigos e amigas, que tentam de alguma forma me trazer bons momentos. É quando sinto o gosto da bondade. Então prossigo.

Os Gatos do Telhado

Não era apenas um telhado comum que protegia o casarão das chuvas e dos ventos, do calor e do frio. Era onde também os gatos se enfrentavam pelas fêmeas, correndo por telhas soltas, incomodando vizinhos, voltando estropiados dos namoros, pêlos deixados pelos caminhos...

Mas, barulho que parecia não perturbar seus moradores, envolvidos todos nas atividades do dia, exaustos à noite: o pai, construtor de belas casas, um contraste com a dele, necessitada de urgentes reparos; como não incomodavam a mulher, mãe de oito filhos, entregue aos cuidados com a família, aos afazeres domésticos, na cozinha, no tanque, costurando, remendando, o trabalho começando com o nascer do sol e entrando pela noite. Menos ainda pareciam perturbar as crianças que adoravam os gatos vira-latas, com que repartiam a comida e os afetos, pouco se importando com a miadagem lá em cima. Mas, miados que certa noite, ao menino mais novo se assemelhavam a longos gemidos que o deixavam triste e preocupado. No dia seguinte, a gata encontrada na varanda, útero exposto, mortalmente ferida, era o resultado dos namoros exacerbados no telhado. Por mais que o menino tentasse ajudar, a gata agonizou e morreu nas suas mãos.

Então, sozinho com o pai, tropeçando nas palavras, lágrimas correndo pelo rosto miúdo, tentava verbalizar a frustração face à impotência de estancar a dor e a morte.

- Eram miados dos machos disputando a fêmea, meu filho. A gata morreu em consequência dos excessos dos gatos. Você não tem poder para mudar as leis da natureza.

Tentava acalmar o filho, menino magrinho, como todos os irmãos, mas esperto, incansável, combinando escola, ajuda em casa e peladas onde o torcedor-mor, o próprio pai, via orgulhoso um futuro campeão.

- Vai, Nenê, chuta!

E Nenê, que detestava o apelido, mas apelido que ficaria para sempre grudado nele, ia, chutava, marcava gols... E assim cresceu, disciplinado, talentoso nos gramados, a fama e o dinheiro chegando muito cedo. E as mulheres... Sempre lindas... Até que uma delas engravidou. Gravidez que ele rejeitou, culpando a mulher, uma irresponsável. Como assumir a paternidade, às vésperas do próprio casamento? Mulher que desapareceu no mundo com a filhinha recém-nascida, *por onde andariam?* Pensamento importuno que chutava para longe. E que, ao contrário dos chutes bem sucedidos gerando gols famosos, retornava qual bumerangue na pergunta recorrente, *por onde andariam?*

E veio a glória nos mais diversos estádios, multidões aplaudindo, a riqueza, a ajuda à família, a separação, o suceder de outras mulheres sempre lindas, em breves convivências, perdigueiras de fama e de dinheiro.

Acordou com os miados, madrugada ainda. Estranhou. Na mansão da grande cidade, ele não tinha gatos. Mas eram miados nítidos, se prolongando em longos gemidos, como naquela noite da infância, quando a gata amanhecera ferida e ele nada pudera contra a morte. *Você não tem poder para mudar as leis da natureza.* Lembrava-se das palavras do pai. Ainda pensava nelas no dia seguinte, quando o telefone tocou: a mãe tinha acabado de falecer. A mãe que ele amava. A mãe que, ele supunha ser sadia. Um enfarte.

E qualquer que fosse o lugar em que estivesse, gatos voltariam a gemer, prenunciando momentos de dor. Miados que só ele ouvia, sem conseguir saber onde se escondiam os gatos, pois jamais encontrados por mais que os procurasse. Um poder paranormal? Procurou psicólogos. Quase todos unânimes: miados anunciadores só existiam na mente dele, condicionada a ouvi-los. Apenas imagens auditivas para sempre na memó-

ria, trauma da infância pela morte da gata, pela impotência em salvá-la... O resto, coincidências...

E a voz discordante do velho psiquiatra, *gatos talvez miassem em outra dimensão mais avançada no tempo e daí as mensagens antecipatórias, por ainda inexplicáveis caminhos e razões.*

E agora, ali, no casarão, apenas ele e o velho pai doente. O pai querido. O pai amigo. Os irmãos tinham se dispersado pelo mundo. Tinha ouvido os miados na véspera, interrompera tudo e viera. Sabe que o pai se vai. Dinheiro e fama nada podem contra a morte que se aproxima. Como não lhe tinham proporcionado um viver tranqüilo. Tivera, sim, momentos felizes com as multidões aplaudindo, o reconhecimento do grande talento e da honradez da sua vida, o prazer vindo das mulheres... Glória e fortuna... Que não ambicionara... Mas entremeadas a momentos de dor e frustração diante da impotência em direcionar a própria vida, de poupar do sofrimento os que amava. Por duas vezes, tinha fracassado no casamento; tinha sofrido a traição do "melhor amigo" e sócio, por pouco não se tornando um homicida. Só tinha voltado a ver a filha quando, finalmente encontrada, por mais que tentasse entender-se com ela, a moça o desprezara. E visto o mais querido dos irmãos se exaurir lentamente até a morte, vitimado por doença implacável, sem que toda sua fortuna pudesse ajudá-lo, como inúteis tinham sido um dia os desesperados esforços para salvar a gata estropiada. Tão claras ainda na memória as palavras do pai, *você não tem poder para mudar as leis da natureza.* Não, não tinha. O pai certamente morreria a qualquer momento, malgrado sua fortuna, por mais que os melhores médicos o assistissem.

E assim refletia, quando, em pleno meio dia, sol brilhando, ouviu o miar enlouquecido de milhares de gatos no telhado, sentiu terrível dor no peito e caiu morto...

O Soberano Turco

Elá estava eu no famoso laboratório em São Paulo, candidata às pesquisas sobre a Síndrome do Azul, surgida na Turquia, cujos sintomas começavam a chamar a atenção do mundo, provocando as primeiras reações de pânico, após as notícias de mortes em série.

O atendente foi sucinto,

- Aqui a relação do que deve estudar. Não há preferência entre os candidatos. Prepare-se bem e apresente-se no horário programado.

Li e reli as informações passadas, mergulhei em pesquisas, passei semanas a me preparar, até entrando pelas madrugadas...

Hoje, me pergunto o que de fato me arrastava a um país distante, podendo me dedicar a pesquisas de tantas outras doenças no meu próprio país. Por que a sofreguidão na busca dos agentes da síndrome longínqua, deixando para trás o conforto da casa, o consultório bem sucedido, o namorado? E correndo o risco de contágio, até de morte. Projeção internacional no mundo científico? Dinheiro? Alguma razão inconsciente?

Aprovada, viajei para Stambul, onde fiquei o tempo necessário aos indispensáveis contatos. Depois, a viagem à aldeia onde tinham surgido os primeiros casos e onde iniciei também meu trabalho com outros pesquisadores, de muito observar, muito perguntar, muito participar, uma "esfomeada", no dizer do pesquisador-chefe, mas eu me sabia correspondendo às suas expectativas, me destacava. E programei, a conselho dele, para distração e descanso, algumas visitas a pontos turísticos de Stambul, entre eles a Mesquita Azul e o antigo Palácio dos Soberanos. Mal sabia...

Era domingo, fazia frio, sendo eu a única visitante no interior da Mesquita. Súbito, me perguntei o que estaria de fato afugentando os turistas: a síndrome ou o frio? Compenetrada na apreciação das belas formas arquitetônicas, dos engenhosos revestimentos das paredes, da nave inteira mergulhada na indescritível luminosidade azul, mal ouvia as palavras do guia, que muito se assemelhava a um ser sobrenatural na sua aura azulada, nariz aquilino, orelhas proeminentes lembrando pequenas asas, magro, muito magro. A seguir, a visita ao antigo Palácio Real, com suas dependências suntuosas, entre elas, o harém. Imaginei mulheres jovens e bonitas ali confinadas, guardadas por eunucos gordos e infelizes. Mulheres esperando por uma noite de amor com seu soberano, que poderia nunca vir, ou vir matando sonhos. Escravas sexuais. Imaginava ainda os desafetos, o sofrimento ou a alegria, segundo as experiências pessoais, quando o guia orelhudo me ofereceu algumas pastilhas. Aceitei agradecida.

A seguir, me conduziu ao dormitório real, através de corredores artisticamente decorados, nossos passos abafados pela rica tapeçaria. Abriu uma porta, me fez entrar, retirou-se silencioso. O soberano turco me contaria algumas histórias, como previsto no programa. Sentado na beira da cama, majestoso, ali estava ele. A música era suave, perfume de jasmim em flor emanava do incenso, a bebida recendia servida em taças de cristal reluzente. Tudo à meia-luz. Este o cenário. Supus tratar-se de reconstituição de antigos costumes para turista ver e babar.

Pensava nos cumprimentos pela perfeita encenação, quando o soberano levantou-se, foi se aproximando e...

E foi me desnudando, as mãos me aflagavam o corpo inteiro. Então se despiu e ali estava um homem vigoroso, sorriso sedutor... Os cheiros se misturavam, do incenso, da virilidade se desprendendo dele, da minha excitação... Brindamos, bebemos juntos, línguas se encontrando entre beijos frenéticos...

Até que nos unimos sobre os tapetes, loucos de desejo, vivendo alucinados momentos de prazer...

Súbito, pareceu despertar de um sonho, pediu que me vestisse, que nada comentasse com ninguém, disso dependia seu emprego, tinha mulher e filhos. Prometi. Como não prometer? Era o mínimo que podia fazer depois daqueles instantes de loucura que me comprometiam também.

Confusa, voltei ao harém, ao guia, que sorriu e continuou me contando histórias. Nenhuma estranheza. Nada extraordinário havia acontecido? Apenas alucinação, fruto do incenso? Das pastilhas? Da bebida?

Nada perguntei, retornei à aldeia, mergulhei no trabalho, mas aqueles momentos tinham se fixado na memória, comprometiam meu trabalho, perdia a concentração. E só então associei o ocorrido com um dos sintomas da Síndrome do Azul: o desligamento da realidade, o mergulho em fantasias... Estaria contaminada? Mas eu não tinha sede intensa, febre e as olheiras azuladas, sintomas importantes. Constrangia-me falar com meu superior. Calei-me.

Voltei a Stambul, queria reencontrar o guia com as suspeitas pastilhas. Talvez tudo combinado entre ele e o soberano, que desfrutaria assim de instantes eróticos com turistas inocentes... Inocentes, mas certamente guardando para sempre as lembranças dos momentos vividos nos braços de um mestre na arte do erotismo.

Voltei ao palácio, mas era outro o guia, outras as pastilhas. Caminhei pelos corredores atapetados, desta vez com um pequeno grupo, entramos no dormitório, nos servimos do vinho. Nada tinha mudado: a mesma música, o suave perfume, o leite ricamente preparado, o gentil soberano sentado à beira da cama. Senti uma mescla de saudade, de desejo, de frustração... Como certamente as moças bonitas do harém tinham sentido um dia nas alternâncias nos braços dele...

Na saída, pedi informações sobre o guia orelhudo. Era folga dele, na semana seguinte ali estaria. Voltei à aldeia. Na minha ausência, a síndrome tinha feito sua primeira vítima entre os nossos. Tínhamos o máximo cuidado, usávamos todo tipo de proteção junto aos doentes, mas uma das pesquisadoras tinha se contaminado e mandada de volta a seu país, em estado grave. Um clima de suspense dominava, os cuidados tornavam-se extremos. Conversei mais detidamente com meu superior sem citar meu caso pessoal, pedindo detalhes.

- O que intriga é que nela a doença passava despercebida. Súbito, a febre, o delírio, falando de momentos vívidos com um soberano turco, certamente confusão mental.

E eu? Estaria contaminada? Voltei ao Palácio.

E lá estava outra vez o guia etéreo, me ofereceu pastilhas, aceitei, enfiei-as na bolsa. Repeti com outros turistas a visita à mesquita, ao harém, ao dormitório real. O cenário era o mesmo da última visita. O soberano até me reconheceu e sorriu.

Despachei as pastilhas para um bom laboratório, pedi análise, nada tinham de especial. Não me contaminei com a Síndrome do Azul, nem tive qualquer outra alucinação. Permaneci um ano na região, colaborei intensamente para a descoberta do vírus, uma vacina acabou sendo descoberta, voltei ao meu país. Antes do retorno, pela última vez, tentando ainda encontrar uma explicação, voltei ao antigo Palácio dos Soberanos. Estava em reformas, fechado por tempo indeterminado. Consegui o endereço do guia, fui visitá-lo, perguntei se estranhos acontecimentos podiam ocorrer na visita ao dormitório real. Então me contou,

- Segundo a lenda, o espírito das mulheres do harém que se sentiram alguma vez rejeitadas e infelizes, encarnam em turistas mais sensíveis, conseguindo através de seus corpos momentos de alucinado amor com o ator contratado para representação do soberano. Que nega veementemente usar tu-

ristas para satisfações sexuais, mas não sabe explicar por que, perante algumas delas, sente-se estranho, como se o tempo terrestre se interrompesse e a existência se desenrolasse em outros planos, vivendo momentos muito especiais sobre os quais prefere calar-se.

Voltei ao meu país, à minha rotina, tive a imensa alegria de ver meu nome em destaque na imprensa internacional pelo trabalho desenvolvido com outros pesquisadores. E para sempre na memória os momentos mágicos do amor vividos (ou sonhados?) com um soberano turco.

Psicopatas

Num dia qualquer

É madrugada. Sorrateiros, entram sem dificuldade. Sabem muito bem como desligar o sistema de alarme, mover-se pela casa... Todos dormem, supõem. Mas, o menino sai do banheiro, vê os dois homens, grita, os pais aparecem. Em segundos, estão os três mortos. Assim acreditam. Recolhem as jóias e o que mais pudesse ter algum valor, comem e bebem. Partem satisfeitos, como tinham chegado: silenciosos, enluvados, sem deixar pistas.

São oito horas da manhã. Vestida de branco, sorridente, cumprimentando funcionários, caminha pelo corredor, dirige-se à ala da maternidade, entra sem dificuldade no berçário, retira o recém-nascido, volta ao corredor, ao carro estacionado ali perto e...

A causa primordial

Doutor Paulo tinha perdido os pais na infância, num assalto à casa da família numa madrugada chuvosa. Sobrevivera, arrastando-se até o celular e pedindo ajuda ao avô, após a saída dos assaltantes. Jamais encontrados. Formara-se médico, psiquiatra, trabalhando com doutor Fernando, que perdera também o irmão recém-nascido, seqüestrado da maternidade, levado por mulher travestida de enfermeira, sem que se conseguisse nunca uma pista. Convalescendo de um parto difícil, a mãe acabara falecendo após o rapto do menino. Um alto resgate fora pago, exaurindo as economias da família, mas a criança não fora devolvida, não mais se soubera dela e da seqüestradora nos já muitos anos decorridos deste então.

Tinham-se conhecido na Faculdade, tornando-se amigos, irmanados pelos traumas da infância. Atendiam clientes em seu pequeno, mas já famoso hospital psiquiátrico, reservando boa parte do tempo aos estudos e contatos com os colegas do mundo todo.

Quando se perguntava o que os movia nas incansáveis pesquisas, respondiam sem hesitar: chegar à causa primordial, a que leva um humano à agressão do outro, até mesmo à morte, sem razões plausíveis, sem emoção, friamente: o psicopata.

A princípio, nada lhes era desimportante, sequer características físicas, como queria Lombroso, logo descartado. Como foram descartando a pobreza, a desestruturação familiar, o ambiente social adverso, o capitalismo selvagem, a influência da TV, a baixa escolaridade, o desemprego, a perda de valores tradicionais... Não eram fatores desimportantes, mas eram acessórios.

E sucediam-se as pesquisas, debates, intercâmbios, dias, meses e anos escorrendo... Surpreendiam-se com a abundância e diversidade dos psicopatas, ora explícitos ora sub-reptícios, homicidas, seqüestradores, assaltantes, estupradores, corruptos e corruptores, oportunistas, exploradores da ingenuidade popular... E todos em toda parte, em todas as classes sociais, ocupando posições diversas em diferentes áreas, freqüentemente inteligentes, gentis, simpáticos até mesmo sedutores, passando despercebidas as marcas da psicopatia.

Como explicá-los? O que de fato os movia? Assim se perguntavam, quando cientistas constataram através da ressonância magnética, ser menor a atividade de psicopatas em áreas cerebrais envolvidas no julgamento moral, quando comparadas às de pessoas normais. Desvendado o segredo? Na fraca atividade a explicação para a impossibilidade de um padrão moral? De se sentir emoção? Psicopatas estariam acima do Bem e do Mal, por desígnio da natureza, não por ato da vontade livre?

E como numa bola de cristal de mágicos poderes, na eventual redução da atividade do cérebro de crianças, jovens e adultos de qualquer classe social, impotentes e perplexos, os dois médicos podiam antever desde um trivial furto de carteira até um crime hediondo. Como acontecidos na própria história familiar. Como evitá-los?

Entre outros casos, chamava especial atenção de ambos o de zeloso pai de família, homem trabalhador e honesto, que se transformara em vagabundo e estuprador de mulheres indefesas, após ter o cérebro atingido por uma lasca de madeira. O trauma físico levando à transformação moral? Seria a conduta humana manipulável por agentes físicos, através de intervenção direta no cérebro? Como ter certeza?

Internado em presídio psiquiátrico, diagnosticada a psicopatia adquirida, o homem acabou aceitando ser objeto de estudo e tratamento dos dois médicos. Queria curar-se. Seria cobaia, se fosse necessário. E assim, foi submetido a sessões de choques que atingiam diretamente a área cerebral lesada. Era preciso reanimá-la, recriar padrões morais perdidos. Procedimento que seria também adotado para a cura de outros pacientes, caso fossem bem sucedidos.

Semanas transcorreram. O paciente voltou para casa. Não mais estuprava mulheres. Um homem como qualquer outro, não fosse o comportamento diferenciado: jamais mentia. O naturalismo que tanto o caracterizava agora, o levava a ponto de defecar e urinar perante qualquer um. O sexo, visto apenas como necessidade a ser satisfeita, lembrava a espontaneidade dos animais. Carecia de normas de conduta social. Um estranho no ninho, diziam dele, lembrando o filme famoso. A ressonância magnética revelou ausência de qualquer atividade em áreas cerebrais envolvidas no julgamento moral.

Os dois médicos não desanimaram. Haveriam de chegar à dosagem correta do choque, interferindo na natureza, curando a psicopatia...

Fantasmas do passado

Com o passar dos meses, acabou se tornando conhecida a terapia que doutor Paulo e seu colega dispensavam aos clientes com tanta discrição e cuidado. Sob acusações de tratamento cruel, acabaram eles próprios se submetendo sigilosamente ao teste de ressonância. Que, para a imensa perplexidade de ambos, revelou a fraca atividade em áreas do cérebro envolvidas com a conduta moral. Dois psicopatas?

E que se perguntavam então se traumas da infância seriam a causa primordial da sua revelada psicopatia. As lembranças das experiências mais remotas confundiam-se agora com o cotidiano de dramas alheios, vistos sob a ótica clínica. Questionavam-se, à revelia das teses acadêmicas, sobre o que buscavam afinal: a causa primordial da psicopatia ou um involuntário exorcismo de seus fantasmas do passado?

Num dia qualquer

Entre a notícia de mais um homicídio banal e a descoberta de novo escândalo de corrupção no Planalto, um jornal publicou em discreta nota ao pé da página, fechamento de famoso hospital psiquiátrico da cidade. Motivo: A mudança de seus proprietários e principais clínicos, que nunca mais foram vistos.

Presente de Natal

Está na rua, tem que entrar numa loja, encontrar um presente do jeito que ela gosta, mulher simples, já entrada em anos. Nada de presente caro, não aceitaria, *ora, gastando dinheiro à toa comigo, meu menino...* Menino que passou dos cinqüenta, mas menino sempre, senão de corpo, de espírito, jamais vai amadurecer, se atropelando pela vida afora, com as mulheres, com a bebida, com os negócios... E nem pensar em lhe oferecer algum dinheiro, ficaria ofendida. Mulher sem família própria, que por muitos anos servira à dele, se integrando nas alegrias e tristezas, mulher que o tinha visto crescer, a seu lado nas doenças infantis, preocupada quando se avermelhavam as notas escolares, ela, uma quase analfabeta... Que festejara chorando de emoção seu êxito no vestibular, depois na formatura, que o vira casar-se e descasar-se, jurando nunca mais repetir o mesmo erro, para repeti-lo em seguida por obra e graça de sirigaita bonita, ah, a golpista do baú, como custara caro o curto segundo casamento. Mulher que levava para cuidar da própria casa após os fracassos conjugais... Tem que encontrar um presente nesta noite de Natal, o último da vida dela, ele sabe, o médico já o tinha alertado, *está no fim, a qualquer momento se vai, fique atento*. Pára no bar para mais uma cerveja, pensa nas palavras que lhe vai dizer, com o presente,

- Você vai me perdoar, Dita, se nunca lhe falei assim antes, se nunca lhe dei a devida importância, eu só giro em torno de mim mesmo, um egoísta indiferente ao seu destino, Dita, mas é que precisei cair e levantar tantas vezes, comer o pão que o Diabo amassou conforme você tão bem sabe, sofrer traições de sócios e mulheres pra poder entender a grandeza da sua alma. É preciso ter comparações, Dita, para perceber os sentimentos não trombeteados dos humildes como você, sempre

se doando... Sei que fui sempre um grande egoísta, insensível, pior ainda, indiferente ao que se passava com você, Dita...

Mas, entenderia ela tal discurso? Melhor pedir simplesmente que perdoasse erros só agora percebidos, dizer-lhe quanto a estima.

Já escureceu, tem que encontrar o presente, comprar a ceia pronta, passará este último Natal junto a ela, só os dois, vai gostar da homenagem íntima, vai repetir histórias da sua infância de menino filho único e arteiro, histórias de braço quebrado, dele adolescente e namoradinhas assanhadas, de como substituíra sua mãe, morta tão cedo, deixando para sempre triste e calado o pai...

Entra numa loja lotada de populares, faz calor, a temperatura se elevou entrando pela noite, centenas de pessoas se apertam, o cheiro do suor recende... Vozes se misturam ao ruído dos ventiladores, ouve o choro irritado do bebê, a bandinha em frente toca músicas natalinas, carros passam gritando propagandas... Sente-se mal nesse mundo tão diferente do seu... O que comprar que fale da sua gratidão, revele seu carinho?

Está outra vez na rua, que se perde ao longe no brilho das lâmpadas coloridas, atravessa a praça, vê Papai-Noel distribuindo brinquedos e pirulitos à multidão de crianças pobres, gritando sua alegria... Cruza com amigo, há meses não se viam. Mulher viajou com as filhas, está de partida, mas há tempo para comemorarem...

- Tem aqui perto um barzinho freqüentado por moças bonitas e "generosas", é cedo, sete horas, e pode comprar o presente no bazar ao lado, tempo ainda pra comemorarmos o Natal em grande estilo...

Amigo que se vai, é quase meia-noite, sente-se grogue, misturou bebidas, melhor deixar o carro lá mesmo no esta-

cionamento, chamar um táxi... Percebe que o roubaram- carteira, dinheiro, documentos.... Certamente uma das moças do barzinho, tantos abraços, mas tem ainda o presente, o rosário de contas, sugestão do amigo.

Entra no táxi, vai tentando se explicar com o taxista, que não quer explicações, que o faz descer em frente a um clube, feericamente iluminado. Entende-se com a mulher bonita que o recebe na sua aura perfumada e o introduz no belo salão decorado. Cruza-se o brilho dos cristais, da prataria, da fina porcelana sobre a mesa com o brilho das jóias das mulheres... Grupinhos conversam alegres... Ecos da sua infância chegam através da música natalina entrando pelas janelas, se lembra dela, sozinha, doente, nesta última noite de Natal... *Sou mesmo um traste, Dita...* Garçons perfilam-se prontos para servirem.

É meia-noite, muitos os brindes, o tilintar dos cristais, também ele com sua taça de champanhe já cumprimentou e foi cumprimentado por dezenas de pessoas e ali está ela, a mesma mulher gentil e perfumada. Aproxima-se, bebe brindando, mais e mais se achegando, buscando a realização da ânsia de beijá-la... Agarra-a, beija-a frenético, mas a mulher se desvencilha, empurra-o, bambeia, se apóia na mesa, cai, arrasta com ele a toalha, pratos, talheres... Braços o agarram entre gritos de espanto, pratos e copos quebrados.

Está outra vez na rua, ferido, sujo, grogue, *Dita, me ajude, o mundo é mesmo uma grande merda, só você se salva, Dita...*

Caminha trôpego rumo à praça, a banda toca, ali o altivo maestro no seu traje de veludo adornado de dourados, um Bonaparte comandando seu exército de músicos, em frente ao pequeno trono cercado de flores. Não alcança a simbologia da homenagem, aproxima-se cambaleando, senta no trono, sente a agressão do Bonaparte, o sangue pinga do rosto sobre o rosário agarrado à mão... E o vulto que se aproxima, a mesma aura perfumada...

A mulher tenta abrir os olhos, levantar a mão na última bênção ao seu “menino”, razão de ser da sua longa existência, mas faltam forças. A voz balbucia tentando repetir a mais bonita de todas as histórias, a história da mulher abandonada pelo companheiro, mulher que, morto o filhinho recém-nascido, sozinha e doente, acolhida pela rica família, tinha encontrado trabalho, paz e uma criança para cuidar, criança que dera um novo sentido à sua vida... Lágrimas escorrem, quanto queria dizer que ele só lhe dera alegria, que as quedas na vida eram lições, e se o seu *menino* tinha errado muitas vezes, errara porque não somos o que queremos, somos o que o destino determina.

Está delirando, o médico sabe que o confunde, segura sua mão até que o coração pare de pulsar...

- Dita, trouxe seu presente... Você sabe, as mulheres nunca me trouxeram paz, só você vale por todas, Dita, minha mãezinha... Queria que me contasse outra vez as histórias da minha vida... Dita, trouxe este rosário, você gosta de rezar, Dita, você precisa me contar histórias, Dita, não quero que você morra...

A mulher se entenece, o médico explica,

- Está confuso, efeito da anestesia, certamente a confunde. Mas não há risco de morte. Nenhum osso quebrado, só ferimentos externos, mas vai precisar de ajuda nos próximos dias. Você é parente?

- Espero substituir a Dita no coração dele, doutor.

O médico não entende, mas sorri, intuindo que aquela mulher gentil e perfumada pode ser o melhor dos presentes nessa manhã de Natal...

Quinzinho

A ordem vinha de Sua Excelência, o Prefeito de São José da Curva das Araras Vermelhas aos fiscais da Prefeitura: fazer vista grossa, melhor ainda, fechar os olhos, ou, mais exatamente, ficar cego, surdo e mudo para as contas municipais, até que as eleições se encerrassem. Daí que debandaram todos para pescarias longínquas, retiros ecológicos e que tais, esquecidos nas gavetas os lápis acusadores, as canetas denunciadoras, óculos inoportunos... Sua Excelência ficava livre para contratar quem quisesse, gastar o que quisesse, sem ter que dar satisfações imediatas. Eleito, daria um jeito nas contas.

E aos poucos, o acanhado prédio da Prefeitura se foi enchendo de novos servidores, criando-se novas atividades, dividindo-se outras. Era gente amiga, ou aparentada, ou amiga dos amigos de Sua Excelência, se cruzando pelos corredores, todos querendo mostrar serviço. Serviço que não havia. Daí que o preparo do cafezinho, antes simples encargo da funcionária da limpeza, passou a ocupar nada menos que cinco auxiliares, quatro deles na função de degustador/aprovador. De tal modo as dependências do prédio se congestionavam, que novos funcionários foram admitidos para a triagem do povo que se atropelava nas salas e nos corredores. O súbito aumento da correspondência exigiu mais três lambedores de selos. Vinte novos carimbos foram trazidos para a seção do protocolo com os correspondentes carimbadores. Criou-se o cargo de Agente Ecológico, na prática, Engolidor de Insetos, já que os ocupantes, por nada terem para fazer, dormiam de boca aberta engolindo moscas. Muito respeitados por toda gente, pois de grande utilidade pública, todos temerosos do *aedes*, embora o número de novos mata-mosquitos esparraçados na cidade suplantasse de muito o dos mosquitos, se-

gundo o povo linguarudo. Tudo intriga da oposição, defendia-se Sua Excelência.

Preguiçoso e desempregado crônico, Quinzinho decidiu candidatar-se também a um emprego, não trabalho, deixou bem claro. Apresentou-se cedo, entrou na longuíssima fila dos pretendentes, até que ao entardecer chegou à presença de sua Excelência que nada mais tinha a lhe oferecer, sequer um lugar na preparação do cafezinho, agora já com vinte funcionários, nenhum outro cabendo na cozinha. Espaço nenhum havia também entre os carimbadores, já carimbadas até as paredes, em simétricos e criativos desenhos, muito elogiados por todos. Menos ainda na biblioteca, de onde milhares de livros iam sendo retirados pra acomodar os novos bibliotecários... Nenhum lugar também entre varredores de ruas, já varridas até as sombras dos munícipes, por absoluta falta de lixo. E centenas e centenas de vassouras tornadas armas de ataque do povo que queria as sombras de volta. Mandado a uma escola, Quinzinho foi devolvido, dado que a cada aluno já correspondiam vários professores, uma guerra interna se travando nas salas de aula pela disputa da cadeira única. Pediram então que se sentasse na sala de despachos de Sua Excelência, sorrisse, repetindo sempre, *que beleza*, após toda e qualquer fala ouvida dele. E assim permanecesse. Pedido tomado ao pé da letra e prontamente aceito, apesar das pisadas nos calos, empurrões, amassos, tamanha a multidão que ali se juntava, e sempre repetindo *que beleza*, noite e dia, dormindo ou acordado, pois ali mesmo comia e bebia, só saindo para necessidades básicas.

Realizada a eleição, Sua Excelência teve que deixar a Prefeitura pela vontade popular, sempre ingrata e volúvel, segundo ele. Mas não sem antes se despedir de cada funcionário, até chegar a Quinzinho, o último, comunicando entre lágrimas,

- Perdi a eleição Quinzinho, esse povo fdp me traiu...

- *Que beleza, que beleza, que beleza...* Repetia Quinzinho...

senhor

Olha-se ao espelho, se examina, tem sessenta e cinco anos. Tem que procurar recursos rejuvenescedores imediatamente. Quem foi mesmo que disse que o tempo não existe? Claro que existe, e concreto, configurado nos cabelos grisalhos, nos sulcos faciais, na dor lombar. Está na terceira idade. Como abomina a expressão “terceira idade”, coisa de norteamericano, povo mercantilista, tudo em função do comércio, carecem de um mínimo de filosofia prazerosa. O pragmatismo acinzentou a vida deles, “time is money”.

Verdade que os cabelos grisalhos fazem um belo contraste com a pele morena bronzeada e, quando caminha na praia, ar de nobre entediado, barriga zero, ou quase, mas encolhida ao máximo, ai dele, ouve comentários elogiosos. *Gatão*, suspiram as mulheres...

Sim, sabe-se atraente, bonito, culto. E vai muito bem nos negócios. Mas... Está apaixonado pela jovem recepcionista do prédio, jeito meio selvagem, formas admiráveis. Como mergulharia feliz naquele corpo de tantas promessas! Já mandou flores, um imenso ramallete de rosas vermelhas e, entre elas, um caríssimo perfume francês, cartão com versos copiados de Camões, *amor é um fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente...* Que ela agradeceu, sorridente,

- Muito obrigada, senhor.

SENHOR!? Como atingido por um raio, se deu conta da idade traiçoeira. Daí as consultas aos geriatras, especialistas em hormônios, nutricionistas, até mesmo a um bruxo de tribo africana, cuja força mental, assim diziam, tinha poderes extraordinários, sem prática de ritos, sem drogas mágicas, apenas atos psíquicos. Nada. Nada que pudesse ser considerado satisfatório diante das altas expectativas criadas em função da bela recepcionista. E finalmente a consulta ao fa-

moso biólogo, Doutor Hermann, que lhe fala da clavelina, animalzinho marítimo de bela transparência, com correntes de água a lhe percorrer o corpo, capaz de rejuvenescer num habitat favorável, depois de submetido por algum tempo a um meio inclemente. Ainda não comprovara tal efeito em humanos, mas não vê inconveniente em começar por ele, já que não haveria qualquer amadorismo...

Mas, Dr Hermann explica, terá que mergulhá-lo num pequeno reservatório aquático, sem alimento e com a água aos poucos se poluindo com excreções e dejetos de seu próprio corpo. E, à beira da morte, transferido então para a água limpa, tal como já fizera em repetidas e bem sucedidas experiências com as clavelinas, sempre devidamente rejuvenescidas.

Aceita, submete-se ao tratamento, aquele SENHOR não deverá jamais ser repetido. Sofre o inenarrável, com o corpo mergulhado no apertado reservatório mal cheiroso. A fome o faz sonhar até com um mísero pedaço de pão duro, a sede provoca alucinações, está no deserto do Saara, urubus pairando, lobos uivando sinistramente... O arrasador desconforto do corpo e do espírito fazendo-o perder até a consciência...

Acorda na água cristalina, mais jovem. O calendário retrocedera pelo menos dez anos. Exulta. Verdade que a jovem recepcionista parece ainda pouco interessada, apesar dos novos ramalhetes, perfumes e versos, *amor é um não sei quê que nasce não sei onde, vem não sei como e dói não sei por quê...* Mas o SENHOR lhe parece menos enfático. Valera a pena o sofrimento. E o insight! Por que não voltar aos vinte anos? Questão de dosagem, claro...

Faz todos os sacrifícios novamente. Um sucesso a regressão ao tempo da juventude.

E é moço outra vez, como fora um dia, um brilho no tênis de mesa, as noites boêmias voltando, o corpo a tudo resistindo. Mas, estranhamente, o charme se fora. Ignora-o a jovem recepcionista, malgrado as dúzias de rosas vermelhas, mais

perfumes, mais cartões, mais versos camonianos, bem como o ignoram as mais interessantes mulheres... O que dera errado? Que falta a ele?

Procura um psicólogo... Que lhe sorri compassivo:

- Falta o brilho da cultura, o encanto da sabedoria que os anos lhe tinham dado. É apenas um moço como milhares de outros.

Procura Dr Hermann. Que volta a lhe falar da clavelina. Se é capaz de rejuvenescer, talvez também de envelhecer no processo inverso.

Realiza experiências, várias vezes, sempre bem sucedidas.

Decide-se, quer a idade ideal, quarenta anos... Terá o vigor dos jovens e boa parte da cultura e da sabedoria dos mais velhos.

Dr Hermann atende e inicia-se o processo. E colocado no reservatório de água cristalina, depois no tanque dos suplícios: fedor, fome, sede, até desmaiar... Terá os desejados quarenta anos, segundo a lógica da experiência com as clavelinas.

Expectativa que não se realizou. E Dr Hermann tem agora nos braços um recém-nascido, menino bonito e saudável... Que, entregue para doação, é adotado por uma recepcionista de um prédio, moça linda com ar meio selvagem, casada e sem filhos...

Sócrates: a busca

Não sei quem sou, quem fui, quem serei...

Mas sei que sou, era e serei...

*Eu era em meus pais, avós, trisavós,
macacos, alga na sopa orgânica, poeira estelar...*

Sei que sou, era e serei...

Serei verme, terra, planta, animal, humano outra vez...

Sou, era e serei

no universo, se expandindo...

Se contraindo...

Eternamente serei...

Naquela manhã memorável, voz grave e emocionada, declamando este poema da autoria dele e todos nós, feito ali, no improviso, nosso novo professor de Biologia iniciou o curso. Uma novidade para nós, acostumados ao que se apresentava, indo sempre direto ao assunto, seco e objetivo.

A seguir, dissertou sobre o destino dos seres vivos: nascer, crescer, se reproduzir, envelhecer e morrer, não necessariamente com todas as etapas cumpridas. Um breve, belo e enigmático momento... Objeto da disciplina dele. A vida seria agora vista por nós sob tantos e surpreendentes ângulos e interpretações: ciência, filosofia, crença e poesia se juntando. E assim, conhecendo poetas e prosadores, antigos como Ovídio em suas *Metamorfoses*, *Antes de o oceano existir, ou a terra, ou o firmamento, a natureza era toda igual, sem forma. Caos era chamada...*; modernos, como Vinicius de Moraes, *E para isso fomos feitos, para amar e ser amados...*; românticos, como Gonçalves Dias, *A vida é luta renhida, viver é lutar...*; metafísicos, como Guimarães Rosa, *Viver é muito perigoso...*

Ninguém perdia as aulas, vinham alunos de outros cursos, professores de outras escolas, pois ele não era simples-

mente um novo professor, e sim um jovem cientista inspirado, convidado pela escola para dar algumas aulas. Fazia-nos pesquisar, pensar, sentir, associando ciência e literatura: lei da evolução de Darwin e índios de José de Alencar; o princípio de Lavoisier e passagens da Bíblia (nada há de novo sob o sol...); o Círculo Vicioso de Nietzsche e o sermão de Vieira (fomos pó e ao pó voltaremos...).

Um dia, falou de experiências se realizando no grande laboratório onde trabalhava, em que se tentava trazer para o presente, figuras importantes da história da humanidade, Sócrates, Jesus, Maomé, o Buda, Da Vinci, Einstein... Boquiabertos com tal possibilidade, perguntas se sucediam,

- Como será feito isso, professor?

- Pela recuperação das partículas que um dia os constituíram, certamente dispersas na natureza ou integrando outros seres...

- Mas, professor, poderiam então estar roubando partículas de seres vivos, você mesmo, eu aqui...

- Você está certa, é um risco. Mas o que é a vida senão uma seqüência de riscos desde a concepção até a morte?

- Mas e os sentimentos deles, as emoções, os pensamentos, professor, onde estariam?

- Nessas mesmas partículas, pensem em Lavoisier...

- Professor, por que mulher nenhuma na sua lista?

- Pois é, você é observadora, vai longe. Há grandes mulheres na história da humanidade, falha minha. Ou machismo inconsciente.

Tanto me interessavam essas aulas que acabei optando por uma carreira científica.

Os anos se passaram, me formei bióloga. E um dia, o mais esperado de todos os convites: trabalhar com aquele ex-professor, já célebre pelas pesquisas no campo de identificação e recuperação de partículas. Fragmentos das aulas voltavam à minha memória, *do pó viemos, ao pó voltaremos...* "Nada mais somos que energia configurada em gente, animais, coisas..."

Tudo que foi, voltará a ser num eterno círculo vicioso..." Vieira, Einstein, Nietzsche...

Fui então trabalhar com ele num grande laboratório internacional.

Dias, meses, anos transcorriam, a pesquisa absorvia inteiramente nossa equipe, procurando partículas em tempos remotos com a ajuda de computadores a cada dia mais aprimorados, tentando chegar aos humanos procurados e trazê-los à atualidade.

Até que um dia... E que dia! Tornou-se enfim possível trazer alguém do passado para o presente, através da clonagem das partículas que o tinham constituído, sem a necessidade de roubá-las de outros seres como tinham um dia temido os alunos. E nos decidimos por Sócrates, pela dignidade com que conduziu sua vida e a própria morte. Identificadas as partículas, nós as clonamos, unindo-as, reconstituindo a identidade somática, mental e psíquica do filósofo. Um longo e magnífico trabalho a que nos dedicávamos dia após dia...

E ali estava ele. Nada tinha de excepcional à primeira vista. A princípio parecia atônito entre computadores, centenas de livros, telefones... Nosso professor lhe explicava, falando grego antigo, como fora resgatado do passado. Uma conquista humana através da ciência e da tecnologia. Os olhos brilhavam, sorria, parecia surpreendido e encantado...

Ouvia sempre atento, perguntava muito, como se cada palavra fosse pensada. Pediu que os instrumentos do laboratório lhe fossem explicados em detalhes. Conheceu computadores, robôs, o progresso, os costumes, a história da humanidade desde sua época, as guerras, algumas em processo...

O homem pouco mudara em seus conflitos, constatava. E uma tarde, fitando o crepúsculo como gostava de fazer, confessou sua imensa saudade da Grécia... E entre perguntas e respostas, falou da excelência de se conversar numa praça ateniense, discutir filosofia...

Então o professor se levantou, manipulou alguns comandos de uma máquina e desapareceram. Como trazê-los de volta? Tentamos de diversos modos, sem conseguir.

Falou-se em seqüestro, as experiências foram suspensas.

Muitos anos se passaram. Hoje me pergunto sobre a possibilidade de dois Sócrates, lá na antiga Athenas - um original e um clonado - e um cientista do nosso tempo conversando com eles. E me pergunto qual deles foi condenado à morte bebendo cicuta, se o clonado ou o original, e o que faz lá meu professor. Sinto saudade dele. E de Sócrates.

The End

No hotel

Leva a mala ao corredor e volta cuidadosa ao quarto. Observa-o adormecido, o rosto sedutor que a idade só fizera realçar. Quanto tempo estivera a seu lado, na longínqua madrugada em que se amaram no carro dele? Como medir em tempo cronológico os momentos fugitivos da exacerbação do amor? Um contraste com a noite que agora se arrasta, a noite da despedida...

E fita-o ainda uma vez, cobertor resvalado para o lado, meio descoberto, na madrugada fria. Aspira lentamente o perfume... Perfume que se misturara um dia ao outro, o exalado pelos poros dele, o odor da virilidade... Silenciosa, aproximase, cobre-o suavemente, beija-o em pensamento... E mais silenciosa ainda, torna a deitar-se ao lado, cuidadosa, não o fosse acordar. Controla-se pra não chorar entre as nítidas lembranças dos momentos vividos há tantos anos, na noite das debutantes... Depois, o casamento dele... E a tristeza, a frustração... Até que seu próprio casamento acontecesse e a vida se transformasse em trabalhos, crianças, cuidados...

O tempo escorrera como num relance. E agora ali o homem por tanto tempo obsessivamente amado... Por quem sofrera ao longo de dias, meses, anos... E a melancólica constatação de que tudo se findava. Num quarto de hotel convencional. Ao tumultuado amor adolescente se opõe a piedade pelo homem que a buscara no seu irremediável caminhar para o fim. Atendera ao seu chamado, viera, mas, não se pode entrar duas vezes nas águas do mesmo rio. Quem dissera essa verdade cristalina em tão bonitas palavras? Tem clara consciência do que o momento exige. E assim, do seu jeito, se despede, quieta, sem adeus, sem constrangê-lo... Como se, súbito, se desmoronassem as paredes do seu castelo de sonhos, deixando entrever seu vazio na crua luz da realidade. Então é preciso finalizar, arrematar a história. É outra agora a água do rio.

Baile de debutantes

Relutara antes de aceitar o convite dos padrinhos. Baile de debutantes? E já imaginando a “caipirada interiorana” enfarpelada, a alegria dos lojistas, o bonito advogado vindo da capital, solteiro ainda, o patrono. Ele próprio. Verdade que já noivo, mas a noiva não viera. E aqui está, distribui beijinhos, ri zombeteiro das mães na moda, conforme as posses e os corpos permitem. Dança com as meninas que lhe falam de sua maravilhosa leitura, claro, do Pequeno Príncipe, leitura obrigatória para o baile, não fossem passar por incultas. Também o tinha lido na infância, perdendo o melhor da história, conforme lhe disseram depois, *livro para adultos e de alma bem formada*. Que seria uma alma bem formada? Advogado bem sucedido, lidando com tão diferentes causas, orgulhava-se de conhecer um pouco da conduta humana. Questionando, argumentando e contra-argumentando em tão variados processos, livrando inocentes da prisão, mas culpados também, nenhum princípio ético o incomodava. Tem filosofia própria, o homem nasce programado, mas o ambiente também molda, mudanças acontecem, os mais aptos sobrevivem... Darwin adaptado. E não seria ele o reformador do mundo...

Dança agora com a também afillhada dos padrinhos, por eles criada e educada. É bonita, beleza própria dos quinze anos, a entrefechada rosa, o entreaberto botão, como dissera poeticamente Machado de Assis. Ou seria o contrário? Quer ser gentil, pergunta sobre o Pequeno Príncipe, gosta da resposta da mocinha, *se como-vera com as lembranças da raposa vendo no trigo maduro os dourados cabelos do amado príncipezinho*. Sente a emoção da menina, a fisionomia enfatizando as palavras. *O essencial é invisível para os olhos*, ela arremata. Depois confessa, não leu o livro, só os comentários. Ele ri da franqueza, dançam mais vezes, a mocinha ficará sob seus cuidados, é madrugada, os padrinhos se foram. O lobo e a ovelhinha, pensa excitado pela bebida, vendo-a tão bonita... Na volta para casa, no próprio carro dele, acontece o que tinha mesmo que

acontecer, pensa ele, sem culpa, mas as lembranças se sucedendo até mesmo no dia do seu casamento. Casamento com a noiva bonita, com quem tinha assumido compromissos. Com quem jura viver na alegria e na tristeza, até que a morte os separe.

Crescidos os filhos, aos poucos se dá conta da fragilidade da vida conjugal, mas empurra. A profissão o absorve. Em nome da sua crença religiosa, a mulher rejeita a separação. Também ele hesita, teme pelo nome profissional, e tem pleno conhecimento das seqüelas dos divórcios, tantas as vezes em que lidara com eles. Compensa com banais encontros clandestinos... E com a bebida. Aos poucos, um vício... Lembra-se da mocinha debutante, sabe que se casara, mora longe... O que a movera? E o telefonema, o encontro no hotel... Era preciso retroceder, dar seqüência ao que poderia ter sido... Sem dramas de consciência. Não há almas bem ou mal formadas apenas pelo livre arbítrio, a vida não é um tabuleiro de xadrez com jogadores decidindo o deslocar das peças... De algum modo, forças se conjugam e tecem os destinos.

Despedida

Vê sua saída com a mala, fechando a porta, mas voltando silenciosa ao quarto, deitando-se por momentos a seu lado. É ainda bonita, o tempo a poupara. Generosa, fez sua parte. Acompanha todos os movimentos da sua silenciosa despedida, a liturgia do adeus. Finge dormir, facilitando as coisas. Sequer conseguira amá-la, um fracasso, mais um.

E a vê partindo, sempre silenciosa... Levanta para um trago, seu café da manhã. Sabe que voltará mudada ao lar, sonhos desfeitos, sonhos dourados de uma vida, descendo enfim pelo ralo do esquecimento. The End. O fim

Ajeita os pertences, sai, paga o hotel, chama um táxi. Mas, no saguão, à espera, está a esposa.

Vesúvio

De Roberto de Carli a Dr. Ferdinand Mc Gregor

“Caro Doutor Ferdinand, atendendo ao que nos solicitou, propomos como roteiro de viagem, o Sul da Itália, que nos parece adequado a suas expectativas e ao seu pouco tempo. Poderá visitar a Ilha de Capri e a Gruta Azul, passando pelo famoso Vesúvio, depois visitar Sorrento, de tantas belas canções, as ruínas de Herculano e Pompéia, entre outros admiráveis pontos turísticos. Hospedagem em pousada de elite, que chamamos agora de “Casa do Autor”. Nenhum risco de erupção vulcânica. Estamos ultimando um pequeno e seletivo grupo de turistas para a região. Aguardamos sua manifestação com urgência. Restam dois lugares. Fará parte do grupo, como guia turística, Letícia dos Santos, que acompanhou o mesmo grupo de que fez parte quando do último Congresso Médico em Madri. Atenciosamente,

Roberto de Carli/Viagens/Tur.”

De Letícia a Ferdinand

“Nando querido, prepare a mala e solte as emoções, está proposta a viagem, Sul da Itália, lá pelos lados do... Vesúvio!!! Acalme-se, não, não vamos nos atirar no oco do vulcão em nome do nosso tresloucado amor... Nada disso, tudo será feito com calma, muita calma, desfrutando cada segundo de nossas presenças, do nosso amor eterno... Claro, eterno, sempre se repetindo num círculo vicioso, como disse o filósofo alemão, a perder de vista... E que seja então de momentos prazerosos, ai, ai, já me emocionando demais, só de imaginar a paisagem, os encontros, sob um céu meio enevoado, mas de lua plena, jardim antigo, alas de hibiscos nas cores fortes, vermelho sangue arterial, amarelo icterícia e que tais,

pessegueiros no auge da floração, nunca podados, mas preciso conferir se mês de junho é mesmo a época de florada deles na Itália, o que deve ser lindo de cair de joelhos... E se não for, é assim que os veremos, perfumando tudo, mesmo que sem perfume nenhum, ah, meu amor, perco os limites quando lhe escrevo... E hospedados em pousada de elite, que chamam agora de "casa do autor", tudo vindo a calhar, você sabe, sou talentosa autora, embora o mundo ainda não me tenha descoberto, mas vai descobrir, tarde demais, eu sei, estarei morta, renascida nas formigas, sem poder sorrir do alto da fama num formigueiro, mas, quem é que sabe? Quem garante que formigas, larvas e toda a trupe não sorriem das passadas configurações humanas? Ah, mas lá estará você também, figurão himenóptero. Sabia que formigos têm o hipopígio (hahahaha, cada nome que esses biólogos inventam...) em espinho voltado para cima? E eu lá, formiguinha operária, uma intocável, ai de mim, dia após dia transportando larvas de uma câmara para outra, assegurando adequada temperatura aos figurões da casta superior, você entre eles, deitando falação do alto da sua sapiência, proferindo seu demagógico discurso favorito, comuno/doutrinário, repetindo como tudo neste mundo se mescla, até bandido e santo, basta discriminar os constituintes da personalidade, e lá está o bandido bem escondidinho no santo mais puro, na presunção, orgulho, ciúme, lascívia... E lá o santo, atrás do bandidão-mor, na esmolinha ao velhinho ali da esquina, poupando criancinha em tiroteio, chorando a filha prostituída, ocultando compaixão, que o mundo não o veja no seu lado "fraco"... Todos iguais, todos feitos do mesmo barro... Sei que vai repetir tudo isso, bandido desnaturado, me tem a seus pés, e eu sei, e aceito, porque é preciso ter momentos de destempero, de loucura pra escapar da chaticice desta vida, antes de passar à forma formiga...

Mas, voltando à Casa do Autor – só pra fazer você salivar feito o cão do Pavlov – à claridade de um sol indeciso, tons de azul e cinza no horizonte, de repente... Lá estará ele... O Vesúvio!!! Paisagem que apreciaremos à moda Settembrini, o adorável tísico da Mágica Montanha, louvando a beleza, o amor, a vida, lembra-se? Ah, meu querido, vamos exorbitar nesses dias gloriosos, andorinhas chilreando, gatos tentando caçá-las na eterna cadeia alimentar, e nós também na cadeia dos sentidos excitados, sou caça, você caçador, ou o contrário, quem é que sabe de tal modo nos queremos?

O resto é o que vai acontecer nessa calorosa viagem, longe de olhos xeretas, mas calor solidário, conforme a segunda lei da termodinâmica, lembra, querido? Se não lembra, enforcou aulas de física, vai lá nas velhas apostilas, enfim, pra alguma coisa vão servir agora, além de alimentar traças...

Mas, meu amor, e se o Vesúvio explodir, assim, de surpresa? Arriscamos morrer sob as lavas, enquanto outro vulcão mais violento vai estar em plena erupção, pois não? Emocionante, coerente, digno do nosso louco amor... Pensou? Por séculos estaríamos ali nessa nova Pompéia de todos os amores, soterrados, petrificados, nos amando, até que... Até que algum pesquisador xereta nos encontre e tente nos separar para não escandalizar os visitantes das ruínas. Claro, mais fácil reduzir a cacos os dois amantes petrificados que separar os que o amor, a lava, as cinzas e o tempo uniram, como diria aquele barroco Gregório, Boca de Inferno, mas de onde saíam também versos tão lindos. Beijos vulcânicos. Lê."

Reflexões de Letícia

Talvez não entenda tal discurso fantasioso... Carece de imaginação, sempre senhor dos sentimentos, das emoções, um gentleman, cavalheiro, se ruboriza qual mocinha puritana, me inibe, o bandido... Quando sóbrio... Ah... Mas não depois de al-

guns uísques, como na última viagem... Saravá, meu pai... Que metamorfose... O Médico e o Monstro... Morra o médico! Viva o Monstro! Melhor nada escrever? Pode zangar-se, suspender a viagem, ficar em casa ao lado da coroca rabugenta, sorte não gostar de viagem, bom que fique com seus gatos, cuidado do marido, ai, meu pai do céu, que homem, que desperdício...

De Roberto de Carli a Dr Ferdinand Mc Gregor

“Caro Dr. Ferdinand, confirmadas as reservas para o senhor e sua esposa. Certamente vão desfrutar do agradável clima e da bela paisagem italiana nos arredores do Vesúvio, entre outros admiráveis locais. Estamos anexando a descrição detalhada do programa com algumas sugestões do que poderão acrescentar no transcorrer da viagem. Estamos às ordens para dirimir eventuais dúvidas. Atenciosamente,

Roberto de Carli/Viagens/Tur.”

De Letícia a Ferdinand

“Nando, meu querido, não, meu amor, não posso acreditar nessa barbaridade que acabo de saber aqui na agência. Parece coisa do Marquês de Sade... A coroca vai mesmo junto? Já foi até reservada a passagem? Que negro pecado eu cometi, meu pai do céu? Vão mesmo os dois? Engano nenhum? Madame vai deixar os gatos queridos nas mãos de funcionários desalmados? Quem vai banhar, perfumar, botar fitinha cor-de-rosa na Liloca? Fazer cafuné no Romeu? Alisar os longos pelos do Cetim? Fazê-los ronronar? Me responda urgente, diga que errou, passagem reservada é pra outra pessoa, ou vou me enfurecer, sou capaz de passar sobre ela de carreta carregada de barras de aço, de envenenar todos os bichanos, sou capaz de... Lê.”

De Alicia Mc Gregor à amiga,

“Luzia, minha querida, homens são mesmo todos uns mascarados, como você, sempre sábia, costuma dizer. Não dá pra confiar. Quanto lamentei não ter podido acompanhar o Ferdinand naquele Congresso na Espanha, lembra? Lamentei por ele, tão longe, sua primeira viagem internacional sem mim, sozinho. Mas, como poderia ter deixado nossos animaizinhos desamparados, mamãe doente, a festa de noivado da prima Nitinha, tanta coisa... Pois é, noto-o diferente desde a volta, mais descontraído, alegria disfarçada, como se tivesse descoberto algum tesouro e quisesse esconder, mas coisa boa, sei que não é. Pelo menos pra mim, cara amiga. Receio que tenha encontrado algum tesouro, sim, mas de saia, ou biquíni, ou pelado mesmo, quem é que sabe. Pois não é que o sem-vergonha, cara de santo, interior de capeta assanhado, me conta agora que precisa descansar alguns dias, anda estressado, reservou passagem. Imediatamente avisei que vou também, que vou contratar alguém de confiança pra cuidar dos animaizinhos. Felizmente, mamãe está bem. O descarado se surpreendeu, me perguntou as razões, expliquei secamente que quero ir e pronto. Sei lá o que pensou, coisa boa não foi, aprendi a ler na cara dele. Mas concordou, reservou minha passagem, vamos à Itália, estarei de olho nele vinte e quatro horas por dia, até dormindo. Depois mando notícias. Certamente o traidor, pois só pode ser mesmo traição, nem em sonhos imagina o real motivo da minha decisão: vigilância total e irrestrita.

Beijo, querida, Alicia.”

De Letícia a Ferdinand

“Nando, meu querido, mulheres são todas consumistas, de roupas, sapatos, jóias, de homens assim como você, um *sir*.

Como a coroca adora gatos, vou descobrir butiques de bichanos, madame vai lá, você escapa, ganharemos anos em momentos, escondidinhos, mesmo que numa encosta do Vesúvio, lá onde ninguém se atreve a ir... Lê."

Manchetes

"A súbita erupção do Vesúvio pegou a Itália de surpresa, ou quase. Alguns vulcanólogos já suspeitavam, e preveniam as autoridades de que erupções poderiam ocorrer. Interesses turísticos impediram que fossem tomados todos os cuidados devidos. Felizmente, não houve vítimas, apenas duas pessoas desaparecidas- mas que certamente serão ainda encontradas- graças à rápida ação dos bombeiros que, aos primeiros sinais de erupção, retiraram os habitantes das vizinhanças, inclusive turistas de hotéis e pousadas próximas. Camadas de larva desceram pelas encostas, chegando em alguns lugares a três metros de altura."

De Alícia à amiga

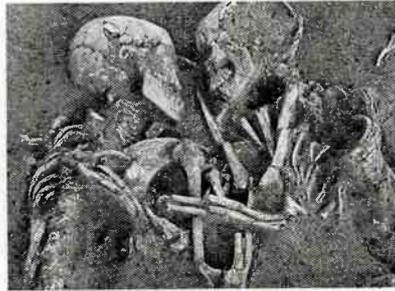
"...não, minha querida amiga, nenhuma notícia do meu marido, e pensar que três anos se passaram. Sei ainda apenas que depois que o deixei descansando, a pedido dele, pra ir a Sorrento fazer compras para os gatinhos, Ferdinand foi visto pela última vez saindo sozinho da pousada..."

De Vulcanólogo ao colega,

"...então, quando eu pesquisava na encosta sul do Vesúvio, encontrei as ossadas sob a lava, um quadro impactante: dois esqueletos agarrados, mas tão agarrados e ligados pela cola de lava, que foi impossível separá-los... Procurei dar a cada corpo a merecida integridade. Não consegui.. Pensei no que poderia ter acontecido: certamente se amavam e de tal modo apaixonados e entregues a si mesmos no ato de amor, qual vulcão em erupção, que não se

deram conta dos sinais de que outra erupção acontecia... Emocionante. Por anos estiveram aqui nesta nova Pompéia de todos os amores, soterrados, petrificados, se amando, até que eu chegasse e tentasse separá-los para não escandalizar os visitantes das ruínas... Mas, é mais fácil reduzir a cacos os dois amantes que separar os que o amor, a lava, as cinzas e o tempo uniram. Grande abraço.

Marco Antônio."



A Festa de Maria de Lurdes

Naquele tempo, a família de Maria de Lurdes não era ainda a potência dos transportes rodoviários em que se transformaria anos depois. A velha “jardineira” de Seu Paulinho apenas interligava nossa pequena cidade às vilas, sítios e fazendas da redondeza. As passagens eram de baixo preço, muitas as quebraadeiras de peças, lucro quase nenhum. Moravam todos – pai, mãe e a penca de filhos – em velha casa de madeira, na periferia da cidade. Era conhecida a pobreza da família e daí a surpresa quando a menina, Maria de Lurdes, dez anos, convidou todos os coleguinhas de sala para sua festa de aniversário.

Minha família não era rica, meus irmãos, embora novos, trabalhavam com meu pai, não nos faltavam modestos presentes no Natal, mas festa de aniversário era diferente, era mágico, inflava a imaginação infantil, era a chegada de crianças com presentes em embalagens caprichadas, amarradas com fitas de ouro, como assim nos pareciam, bolo coberto de glacê com florezinhas coloridas, balas que derretiam na boca. Eu nunca tinha tido uma, amigas também não, ó inveja de Maria de Lurdes... O fato de uma família pobre dar uma festa de aniversário nenhuma estranheza despertava em nós, crianças de coração puro.

Queria levar a minha amiga um presente digno de sua festa. Minha mãe acabou dando um par de meias de lã, que deveria ser meu, mas, de momento, nada tinha de mais importante. Fiz e desfiz a embalagem, usando papel de embrulhar manteiga, fita tirada da gaveta da máquina de costura de minha avó, mas nada me agradava, até que minha irmã ajudou e conseguiu o que considerei à altura dos acontecimentos.

À noite, juntei-me às amigas e lá fomos nós, vestidas com nossos melhores vestidos, calçadas com nossos melhores sapatos, cabelos cacheados, tranças com fitas... Já estava escurecendo, mas, nesse tempo, ladrões não atacavam meninas para roubar

seus pequeninos pertences, mesmo embalados em papel de sonhos e fitas de ouro.

Entregamos solenes nossos presentes a uma enfeitada Maria de Lurdes no seu melhor vestido, duro de tão engomado, palpitando de felicidade, rindo até as orelhas... Havia dezenas de crianças, de repente uma caía, sujava na terra a roupa de festa, comprada só Deus sabe com que enormes sacrifícios. Mas, mamãe não estava lá para ralhar ou algo mais, ninguém ligava, a alegria era geral. Algumas meninas cochichavam pelos cantos, meninos se davam trança-pés, outros corriam adoidados nas brincadeiras, enquanto a casa permanecia fechada. Estavam certamente terminando de preparar a festa. Crescia a nossa expectativa...

E o grito: - Venham todos!

Voamos pela porta agora aberta, gritando, ansiosos... E lá estava a festa: uma tigela com doce de mamão, pires e pequenas colheres. Só. E a ordem: - Sirvam-se

Atacamos como gafanhotos em searas... O empurra-empurra foi geral, só os mais fortes conseguindo acesso ao doce, que desapareceu em minutos, restando apenas pedaços caídos nas roupas e cabelos dos menores. Consegui experimentar um bocadinho, oferecido por amigo de classe, a quem eu costumava ajudar nas lições de desenho. Posso dizer que jamais voltei a comer doce igual àquele. Não era apenas de mamão, açúcar e cravo-da-índia, tinha também ingredientes especiais, nossas fantasias, a expectativa, o clima, a parcimônia, a luta por ele, tudo se somava.

Claro, voltamos frustrados, alguns xingando, outros com a roupa melecada, alguém falando até em exigir o presente de volta...

O tempo passou, mudei da cidade, mas volto sempre em visita a meus irmãos. É inevitável associar a atual mansão da família de Maria de Lurdes à minha primeira participação numa festa de aniversário com seu doce de mamão, fantasias, frustração... A que agora acrescento também uma terna saudade...

Alessandra

Quando o diretor da escola entrou na sala e apresentou a “nova” professora, já sabíamos quem era e até um apelido já tinha: “Vovó”. Passava dos cinquenta anos, precisando ganhar a vida, já que o marido pusera tudo a perder e se fora pelo mundo com mocinha sirigaita. Sem bens, sem filhos, sem parentes e amigos que pudessem ajudá-la, Vovó, que fora um dia moça rica, estudara e se formara em Letras, nunca tinha exercido a profissão. Premida pelas dificuldades, prestara o concurso para professor de Ensino Médio, Língua e Literatura Portuguesa, estudando muito e sendo aprovada com brilhantismo. Escolhera nossa escola ao acaso, vinha de longe, morava numa pensão de professoras.

E ali estava, alta e muito magra, os olhos azuis nos fitando por trás das grossas lentes. Algumas alunas se preocupavam, eu entre elas, as CDFs, como nos chamavam os colegas. Gostávamos das aulas de Português, de literatura principalmente. E me perguntava se a velha professora teria pulso para controlar aquela turma endiabrada. Por antecipação, sentia piedade, conhecedora da capacidade dos colegas de caçoar dos professores, de irritá-los com suas gracinhas. Podia imaginar quanto sofreria nas garras deles. Um prato cheio para aqueles marmanjos do terceiro colegial.

Ela fez a chamada, ignorou as risadinhas cúmplices, olhou cada um de nós como querendo gravar as fisionomias,
- Perguntem agora o que desejam saber sobre mim.

Ninguém perguntou nada. Silêncio. Quebrado de repente pelo estrondo de um espirro. Risadas gerais. Ela esperou o fim dos risos e continuou imperturbável,

- Vamos à aula. Só se aprende realmente uma língua ouvindo e falando. Isso vocês já sabem. Uma língua guarda possibilidades infinitas de uso através da fala. Que a escrita

reproduz, sem a mesma riqueza. Conforme já sabem também. Quanto mais treinarem os usos lingüísticos, melhor poderão se comunicar. Pensar e submeter nossas idéias a outros é uma das melhores formas para se desenvolver uma comunicação eficiente e filtrar nossos pensamentos. Hoje, vamos discutir a assertiva *trinta por cento da humanidade são lixo*, preparo para um trabalho escrito. Vocês têm quinze minutos para pensar nos candidatos à lixeira. Falar ou escrever sem pensar bem é um vício que temos que aprender a combater.

O assunto pegou todos de surpresa. As risadinhas deram lugar à seriedade. Ninguém queria, de cara, se enquadrar naqueles trinta por cento de lixo. Aos poucos, fomos entrando no esquema dela, pensar e pensar antes de qualquer manifestação. E começamos: os assassinos, os ladrões, os seqüestradores, os terroristas, os estupradores, os corruptos, os exploradores, os demagogos, os mentirosos, os maus profissionais, os avarentos, os esbanjadores, os fanáticos, os hipócritas, os corintianos...

Muitas as risadas por conta daquele *corintianos*. Ela nos olhou séria,

- Alguns certamente são *lixentos*, mas não todos.

A relação ficou longa, íamos descobrindo que o lixo humano era muito mais rico do que imaginávamos. Continuamos discutindo a inclusão dos *lixentos*, os porquês se sucedendo, permitidas as discordâncias, desde que fundamentadas. As discussões se alongavam, a mentira podia ter suas razões, os avarentos tinham defensores e por aí afora... Pontos de vista muito diferentes e argumentos inesperados enriqueciam a discussão.

Ficamos surpreendidos, quando ouvimos o sinal, o tempo tinha voado. Ela já estava se retirando, quando um dos alunos, dos mais extrovertidos, se levantou, pediu licença pra falar e, para surpresa de todos nós, mais uma naquela manhã, disse sério.

- Alessandra, é assim que quero chamá-la. De agora em diante é minha professora e minha amiga. Todos gostaram muito de sua aula. E de você. Muito obrigado.

Foi aplaudida. Tinha entrado Vovó, candidata à chacota, saía Alessandra, com todo respeito e admiração.

As aulas seguiam-se, sempre interessantes. Um dia, numa aula de Literatura, pediu que escrevêssemos um poema, com o tema "Eu". Protestos gerais. Ninguém era poeta. Sorriu diante da reação. Ela sabia como despertar interesses. Explicou que poema era a forma, as linhas. Já poesia era beleza, emoção, o íntimo, a interpretação emocionada do mundo, interior ou exterior. Se os poemas contivessem poesia, seria ótimo. Foi surpreendente como alguns deles resultaram carregados de auto-conhecimento sob um ponto de vista poético.

Três meses depois, para frustração geral, Alessandra se removeu para sua cidade. Naquelas poucas aulas, tínhamos aprendido a importância de pensar, de discutir os muitos aspectos de uma procurada verdade, da disciplina como requisito da própria liberdade, da importância de pensar sem preconceitos, de respeitar a opinião alheia fundamentada, entre tantas outras atitudes éticas. Até a nos vermos sob surpreendentes aspectos poéticos. Ela não era apenas a professora de Português, era também a amiga querida e respeitada, como nenhum professor tinha sido antes.

E possivelmente, depois daquelas aulas, alguns de nós podem ter-se desviado de caminhos que os levariam ao lixo humano.

As Meninas

Eram meninas de classe média, meio alta, bonitas e felizes, nada lhes faltava e, entre outras boas coisas que o destino dá aos privilegiados, boas escolas. Que levavam a sério, mas na medida em que não atrapalhassem as paqueras, as festas, os bailes, sempre muito lindas, sempre na moda, inteligentes e bem humoradas... Como diz o povo, a vida lhes sorria, o futuro se mostrava brilhante à frente delas, namorados faziam fila...

E assim, foram chegando os vestibulares, mas as meninas não estavam “nem aí” pra medicina, engenharia, física e que tais, cujos vestibulares exigiam sacrifícios imensos, o debruçar-se dias e noites sobre livros, resolver problemas de equações mil, ler os longos romances dos nossos enfadonhos romancistas, como assim lhes pareciam... E depois? Depois o trabalho exaustivo em hospitais, correndo risco de pegar doença tenebrosa, ou construindo pontes em distantes regiões cheias de mosquitos sanguínários, cobras e lagartos gigantesco espreitando; ou passar a vida olhando o céu, ficando até vesgas de tanto observar o firmamento pra ver se o espaço é mesmo curvo, esses “trecos” que tiram a graça da profissão, elas, hein? Optaram por carreiras mais leves, uma decidindo-se por Fisioterapia, pois aparelhos fariam o trabalho pesado, enquanto ela, elegantemente de branco e perfumada, poderia papear com os clientes. Outra optou por Biologia, sonhando com pesquisas em campos de grande beleza paisagística, onde assistentes trabalhariam, enquanto ela em parolagens com o namorado, apreciaria a natureza. A mais falante decidiu-se por Direito, trabalharia em banca famosa, defendendo com fluência e graça, os réus inocentes e injustiçados, sem nada cobrar por isso, de algum modo viveria com os caraminguás da justiça gratuita. Por fim, a quarta optou por Turismo: uma agente turística bem formada, voando linda e leve por todos os espaços, Paris, Nova Iorque, Roma, Madrid, o charme do charme do mundo...

E ei-las mais lindas do que nunca em festas de formatura, diplomas chegando em canudos dourados, família e amigos festejando, champanhe, luzes, câmera, ação, fotos, brindes ao sucesso que virá a galope...

Mas, sucesso que não vem a galope, sequer ao ritmo de lesma preguiçosa... Aos poucos, vão descobrindo que por enigmáticas razões, enquanto passavam pelas faculdades, fisioterapeutas se multiplicavam, biólogos desaguavam até nos shoppings pra vender bijuterias, advogados trombavam nos corredores da Justiça, agentes de turismo se resignavam a vender passagens nos guichês de agências e aeroportos...

Que fazer com seus diplomas?

As meninas não esmoreceram. Voltaram à escola, venerariam com seus mestrados, esperança se renovou, o futuro voltou a brilhar qual imenso sol de verão...

Mas sol que aos poucos foi enfraquecendo, se apagando... E agora? Melhor engavetar os diplomas, desistir da carreira gloriosa, encontrar marido bem sucedido, casar, criar filhinhos adorados, decorar a casa, violetas e cortininhas rendadas nas janelas, clima caloroso até no inverno, um gato, melhor dois gatos, um felino ronronante e um humano, ronronante também, este, claro, o próprio marido bonito.

Mas, por razões outras, não menos enigmáticas, que discutem em reuniões que atravessam madrugadas, tal a importância, faltam candidatos a casamento. "Ficar", namorar, dormir eventualmente sob o mesmo teto, tudo bem, eles topam de imediato, soltos e risonhos... Mas casar? Assinar papel em cartório, enfrentar o padre, ouvir sermão? Aí complica... E vão tirando o corpo, têm mil razões, *mamãe não vive sem minha companhia, a pobrezinha, melhor dar um tempo* etc, etc e etc...

Mas, se você pensa que as meninas sofrem diante de tais insucessos, engana-se. Encontram-se com frequência, vão a festas, falam da longa procura de empregos e maridos... E riem de si mesmas. São encantadoras. Torço pela felicidade delas...

E o circo chegou...

Com exceção das velhinhas e crianças que adoravam seus gatos, e que eram caçados por moleques pobres e trocados por ingressos, a pequena cidade vibrava com a chegada do Gran Circo, vendo o elefante que chutava bola, dançava e até delicadamente levantava com a tromba a jovem trapezista. E havia também o tigre e o casal de leões arreganhando os dentes, os devoradores dos gatos. E os que mais nos encantavam, palhaços hilariantes, o jovem e bonito engolidor de fogo, o mágico e a dançarina que se equilibrava num fio com sua sombrinha aberta. Apresentavam também dramas comoventes que levavam a platéia às lágrimas. Aquele circo era a certeza de diversão, alegria, emoção, encanto...

Meu pai tinha um terreno baldio que cedia a ele. Na verdade, eram tantas as “permanentes” – ingressos que davam direito à entrada franca a todos os espetáculos – que a cessão acabava mais do que paga, pois que lá ia minha família inteira, parentes e amigos. Até um pintor, compadre de meu pai, o Carmo, dado a bebidas, que, assustado, despençou uma noite do alto da arquibancada, quando o palhaço deu um tiro para o alto. Rolou por cima de várias pessoas, as gargalhadas foram gerais, milagrosamente ninguém se machucou. Muita gente achou que era coisa combinada entre ele e os palhaços. Não era.

Então aconteceu que a Semana Santa se aproximava, iam apresentar o drama da Paixão de Cristo, mas precisavam de uma criança para o papel de anjo, o que anunciava à Virgem que Jesus tinha ressuscitado. Fui convidada, meu pai autorizou, fui lá ensaiar, eu só tinha que dizer: *Maria, é hoje o terceiro dia, teu filho ressuscitou!* Mais nada. Mas era enorme a preocupação, daí que passei a repetir a frase o dia todo, à minha mãe, irmãos, avó, quem quer que aparecesse à frente. Levantava a

cabeça e o braço direito, impostava a voz, repetia a frase já famosa, todo mundo ria, mas me animavam. Afinal, eu só tinha oito anos, tamanha responsabilidade me deixava aflita, tinha medo de esquecer as palavras. E aconteceu que minha irmã, juvenzinha, mas já namoradeira, e o engolidor de fogo iniciaram namoros escondidos, encontrando-se do jeito que dava. Aproveitavam minha condição de “artista” pra levar e trazer recados, um risco enorme, dado que meu pai era bravo, bastava me olhar meio atravessado para eu tremer. Minha irmã comprava minha boa vontade me elogiando, *um dia vai ser famosa*, e o engolidor prometia papéis importantes em mais dramas, o circo ia ficar bastante tempo na cidade.

Passei então a me preocupar mais ainda com a dupla responsabilidade de não errar a fala da Paixão de Cristo e os recados da outra paixão, a cada dia mais fogosa.

E chegou o momento da grande apresentação, circo lotado, eu lá vestida de Anjo, esperando minha vez de entrar e anunciar o mil vezes repetido, *Maria, é hoje o terceiro dia, teu Filho ressuscitou!* Entrei no palco e, no exato momento da anúncio, vi meu pai na platéia olhando feio para minha irmã ao lado, que ria para o engolidor de fogo no palco, vestido de soldado romano, de saiote e capacete. Atrapalhei-me toda, esqueci o final da frase,

- *Maria, é hoje o terceiro dia...*

O “ponto” tentava ajudar, repetindo, *Maria, é hoje o terceiro dia, teu filho ressuscitou...*

Atrapalhei-me mais ainda, repetindo feito papagaio engasgado, *Maria, é hoje o terceiro dia... Terceiro dia... Terceiro dia...*

Incapaz de anunciar o resto, saí correndo do circo, fui pra casa, chorando. Levei pito de meu pai, mas minha mãe me consolava, o drama tinha seguido, meu mau desempenho não tinha comprometido a peça, todo mundo sabia mesmo como tinha sido a paixão de Cristo.

A peça continuou nos dias seguintes com outro Anjo, uma menina calma, certamente sem o terrível encargo de levar e trazer mensagens proibidas de irmã assanhada e seu namorado engolidor de fogo. Ó inveja! Culpava minha irmã pelo desastre, mas meu pai nunca ficou sabendo o real motivo da minha trapalhada naqueles dias inesquecíveis de Anjo cruzando mensagens de diferentes paixões.

Semanas depois o circo se foi, minha irmã esqueceu o engolidor, mas eu jamais esqueci que foi no terceiro dia que o Anjo anunciou a Maria que Jesus ressuscitara.

Infância

Naqueles tempos ditosos, como dizia o poeta, o príncipe dos meus sonhos era o Toinho, que rondava o restaurante de meu pai, se aproximava do caixa onde freqüentemente eu trabalhava, malgrado a idade, doze anos, orgulhosa da responsabilidade, fazendo contas, dando trocos, vendendo fósforos e cigarros, dando esmolos e, o mais emocionante, de olho no príncipe.

Funcionava no mesmo estabelecimento a sorveteria, onde as amigas tomavam sorvete sem pagar, minha grande prova de amizade, meu pai de nada desconfiando. Ai se... E havia ali ainda a pastelaria do Chinês, onde trabalhava Zé Bezerra, menino alto e magro, vermelho, engolidor de ovos crus, o que me enojava, quase me dando engulhos. O descarado sabia e caprichava, quebrando cuidadoso o ovo e mal eu olhava, virava-o inteiro, garganta abaixo. Que nojo! Mas, era o mesmo Zé Bezerra quem me levava pastéis personalizados, preparados por ele próprio com recheios criados pela sua imaginação exuberante, presunto, pedacinhos de frango, de ovo cozido, de goiabada, fritos naquele mesmo óleo negro de tantas mil frituras, mas, naqueles tempos inocentes, sequer se ouvia falar de colesterol, gorduras saturadas, fantasmas a expulsar tanta coisa gostosa da minha vida futura. Pastéis que eu adorava até o dia em que por malvadeza do destino, ou coisa propositada, um pequeno gafanhoto acompanhou o recheio. Zé Bezerra jurava inocência, claro, ninguém acreditou.

Eu e meus irmãos José, Luís e Isabel freqüentávamos a mesma escola, levávamos os mesmos lanches de pão e mortadela, tínhamos os mesmos professores, brincávamos nas poças e enxurradas após a chuva, pegávamos os mesmos piolhos nunca se sabendo como, até parecendo geração espontânea. Éramos crianças felizes, estudando, trabalhando, comparti-

lhando responsabilidades no sustento familiar desde a infância. Nenhum estatuto nos protegia, e nem era preciso, tínhamos pais honestos e trabalhadores e que desejavam o melhor aos filhos, sabendo dosar suas vidas. E havia também o moço Lula que ajudava meus irmãos Júlio e Gabriel no restaurante, sempre mal humorado, exigindo rapidez nas contas no caixa. Me atrapalhava, pensava nos nomes feios que sabia muito bem, mas não dizia, ai de mim se alguém ouvisse... Lula e meus irmãos brigavam, chegavam a pegar-se na ausência de meu pai, minha mãe se desesperava, fregueses saíam correndo do restaurante, aproveitavam pra não pagar, mas reinava entre todos nós um silêncio mafioso, ninguém denunciava ninguém a meu pai... Nem mesmo a cozinheira Adriana, uma grande fofqueira, mas que me ajudava a tratar da franga Florzinha, presente da mulher do ajudante do foguista alemão, Seu Henrique. Florzinha, que encontrei um dia na panela ao voltar da escola. Minha mãe não podia entender a dor que me tomou, ninguém podia, era coisa só minha, não se transferia nem se dividia, mas, condoído, Adão, meu irmão mais velho, apareceu uma tarde com outro presente de penas, um periquito, que substituiu a franguinha no coração infantil. Até que o gato Chim Preto, também cria minha, o alcançasse e reduzisse a um triste montinho de peninhas verdes. Viver podia ser mesmo perigoso, como disse num momento inspirado um grande escritor.

Dinâmico e empreendedor, meu pai tinha também bicicletaria. Quanto mais velhas as bicicletas, mais enfeitadas... Ele sabia como fazer dinheiro, sua psicologia de negócios vindo e se enriquecendo através das gerações, via Península Ibérica, desde os antepassados fenícios... E havia o Serviço de Alto-falante com muita publicidade, retransmissão de notícias, músicas freqüentemente piegas, que namorados dedicavam às namoradas, um grande sucesso de fim de semana, motivo de infundáveis caçoadas de meu irmão Júlio, o administrador do

Serviço. E o rinko de patinação, onde rapazes caprichavam nos volteios velozes, entre eles meus irmãos Luiz e Gabriel, com suas piruetas fantásticas, agitando o coração das meninas, mas muitas as quedas e risadas, eu e amigas torcendo pra que eles caíssem... E o moinho, que permitia aos mais pobres trocar o milho em grão pelo fubá, ingrediente de broas, sopas, bolos, que até ensinavam como fazer...

Tantas outras atividades havia ainda, venda de leite, de frutas, até um cinema ao ar livre, também de meu pai, aonde eu ia com irmãos e amigas, levando travesseiro e cobertor, quando o inverso chegava. Às vezes chovia, tínhamos que sair correndo pra casa.

Quando Mana, minha irmã, casou, meu pai não fez por menos: entre outras mortandades, mandou matar cinqüenta frangos. Vieram parentes de longe, muitos amigos, uma dupla foi contratada pra animar a festa e pela noite adentro se cantava a traição feminina, nunca a masculina, nas vozes chorosas dos dois... Todo mundo aplaudia entusiasmado aquele festival de dor de cotovelo, algumas mulheres chegavam a chorar. Chegavam muitos presentes, cobriam camas, se destacava a quantidade de licoreiras... Me perguntava curiosa o porquê da preferência... Todo mundo adorava licor, só eu não sabia? Licoreiras que passariam a constituir futuros presentes, eis o mistério decifrado. Eram lindas, mas quase ninguém usava, então iam passando de um para outro casamento. Povo sabido... Para mim, o melhor da festa foi um filhote de jaguatirica que a noiva rejeitou, morria de medo, e meu irmão passou pra mim.

Os anos escorriam, eu já tinha meu emoldurado diploma de 4º ano, mas faltava na cidade uma escola que respondesse aos meus projetos profissionais... Que eram altos. Mas, todos se uniram, Mana e Isabel fizeram meu caprichado enxoval e num dia de misturadas alegrias e tristezas, parti pra longe, muito

longe, com aquele pai severo, pai que nada dizia, só Deus sabia no que pensava, mas cujas ações diziam o que ele calava, seu profundo amor à filha, o desejo de que realizasse seus sonhos. Sonhos que também tivera, mas, menino pobre, nunca pudera realizar. Foram muitas horas viajando num trem comprido, chegando a uma cidade grande, onde fiquei estudando interna, entre estudantes e professores desconhecidos, tudo tão diferente, outra a realidade. Sofria saudade angustiante, a vida se arrastava... Um dia, anunciaram,

- Tem visita pra você, apronte-se.

Vesti o que chamavam roupa de gala, um informe branco de linho, cheio de pregas bem passadas, sapatos lustrosos. O coração se acelerava. Era apenas o dono da padaria vizinha à minha casa, tinha vindo à cidade para tratamento dos olhos e me visitava a pedido da família. Mas, aquele velho homem, Seu Minári, com quem jamais tinha conversado, amigo de meu pai, tornara-se de repente a expressão do meu mundo, das pessoas e coisas que eu amava, o mensageiro da alegria... Chorei quando ele se foi...

Os anos escorreram... Um dia, o triste acontecimento: meu pai, o homem dinâmico e empreendedor, se paralisara, vítima de um derrame, vindo a falecer. Meses antes, tinha falecido Adão, o que me trazia periquito e jaguatirica da floresta... Depois foram indo minha mãe, Júlio e Gabriel. A vida feita de luzes e sombras, conforme disse o Buda...

O tempo passou, Isabel e José moram ainda na cidade da minha infância, Mana e Luís em diferentes cidades, amigos queridos se dispersaram pelo mundo, Lula, Adriana, Toinho... Zé Bezerra, imagino, se tornou granjeiro. Personagens todos daqueles tempos ditosos, como dizia o poeta.

Pizzaria

Trabalhavam na área da Saúde, ele, médico e ela, dentista. Ambicionavam para as filhas, não riqueza e glória, mas uma profissão que lhes desse o devido apoio financeiro, através de trabalho honesto e bem realizado. Infra-estrutura necessária a uma vida feliz, assim pensavam. E porque a aptidão profissional vem pelos genes, ou por influência do meio, ou ambos, ou por outra razão qualquer, (quem é que sabe?) uma delas acabou se formando dentista e a outra médica, mas veterinária. Formadas, papai e mamãe não mediram gastos, zeraram as poupanças e foram à montagem dos consultórios, que elas queriam modernos, muito bem aparelhados, coerentes com os longos anos de estudo, despesas e altos ideais. Arquitetos e decoradores foram contratados. E assim, devidamente equipadas, passaram a aguardar os sortudos clientes das respectivas especialidades que certamente fariam longas filas à espera da vez.

Mas, horas, dias, semanas, meses rolavam sem que os “sortudos” aparecessem, pois dentistas inexplicavelmente surgiam da noite para o dia em qualquer esquina, centenas e centenas se mandando para Portugal e outras plagas em busca de trabalho. Que aqui não havia, um contraste com os milhares de desdentados, conforme se podia ver perfeitamente quando, por algum motivo, eram entrevistados na TV e riam sem constrangimento, mostrando as gengivas desdentadas. Era aguardar até que melhores ventos soprassem...

Também o consultório dos bichos aguardava, pois com exceção dos mosquitos, sempre sem cerimônia, nenhum outro animal aparecia. Nada. Nenhum gato de rabo pisado ou de olho ferido nos embates dos telhados disputando as fêmeas. Nenhum luluzinho gripado, nenhuma mimosa bassê precisando de socorro, engravidada por vira-lata atrevido, pulador de muros. Exceção apenas do boiadeiro que chegou um dia cheirando a qualquer coisa que a menina veterinária preferia não nomear

por não combinar de jeito nenhum com o refinado consultório, querendo que ela inseminasse seus bois nos confins de Mato Grosso. Convite prontamente recusado.

Como melhores ventos não soprassem, sequer uma ligeira brisa, fizeram o que meninas recém-formadas fazem mesmo nessas situações problemáticas: voltaram à escola, em busca de mais diplomas. Dentista, sim, mas especializada em gatos e cachorros; veterinária, sim, mas só de pequenos animais, coisa de gente fina e bem pagante.

Fundidos os consultórios, diplomas das especialidades emoldurados e afixados às paredes, panfletos distribuídos, anúncios em jornais de grande circulação, voltaram a aguardar com as esperanças renovadas.

Então o fazendeiro apareceu com seu enorme cão rosnando para o mundo, trazido pela coleira, querendo saltar sobre a delicada veterinária. Que com ajuda de um bombeiro chamado às pressas, detectou uma cárie lá no último dente molar, que a irmã, após anestesia geral, obteve. Estava inaugurada gloriosamente a clínica, precisavam festejar com o jovem, bonito e corajoso bombeiro, na companhia do patrocinador, o também jovem e bonito fazendeiro. E assim fizeram.

Se você pensa que, como nas historinhas românticas, as carreiras e os namoros começaram ali, casaram e foram felizes e bem sucedidas para sempre, engana-se. Nada de casamento, coisa careta, fora de moda, segundo a opinião masculina vigente. Namoraram, sim, Não casaram, não. E nada de novos clientes, boiadeiros ou não. Então, contra a vontade de papai e mamãe, as meninas venderam os petrechos do consultório, montaram uma pizzeria num bairro populoso da cidade, contrataram um gordo e eficiente pizzarolo italiano, com quem não namoram de jeito nenhum, e estão se dando muito bem, freguesia não falta. Ou todo mundo adora pizza, só papai e mamãe não sabiam, ou a fome fala mais alto que tudo neste mundo, muito acima do amor aos pequenos animais e dentaduras...

Professor de Geografia

Quando entrou na sala pela primeira vez, sorridente e simpático, de cara gostamos dele. Era efetivo no ensino básico, mas, na falta de outro especializado, vinha dar aulas no então curso ginásial. E entusiasmado, fez o que sabia: desenhou o estado do Amazonas e o rio do mesmo nome. Depois ditou os nomes dos afluentes, lendo num pedacinho de papel, meio disfarçado na mão. Nomes que tínhamos que decorar, aí de nós, como se lá fôssemos morar um dia e disso dependesse nossa sobrevivência entre índios, flechadas, sucuris... Ditaria depois os nomes das capitais nacionais e européias, sempre com seu papelzinho disfarçado, que igualmente decorávamos, vá que um dia a gente se perdesse em Paris, Bruxelas, Londres, sem saber sequer o nome da cidade... A seguir, passou aos acidentes geográficos, que cuidadosos desenhávamos, continente, península, golfo, ilha...

Ilha era então uma porção de terra cercada de água por todos os lados, ensinava ele, mas nossas ilhas desenhadas não tinham água do lado de cima, e sim passarinhos, árvores, vulcões, rolos de fumaça... Mas, se o professor assim dizia, aceitávamos, nem ele nem nós raciocinávamos, faltava o hábito.

Ensinados os afluentes, capitais e acidentes, esgotou-se o conhecimento do simpático professor. Então ficava sentado esperando o tempo passar, talvez até engolindo algum mosquito, enquanto batíamos uns papinhos entre nós. Um dia, o menino mais estudioso da sala, um nerd, perguntou se cavando um buraco fundo na terra, ele acharia japoneses do outro lado, conforme lhe dissera o pai.

- Dúvida nenhuma, respondeu, japoneses estão até construindo um túnel que em breve chegará ao Brasil, a S.Paulo, vai ser a maior festa do século...

Ninguém duvidava, pedíamos detalhes, ele inventava, seria a princípio um longo trem, levando café e açúcar daqui e trazendo seda e gente de lá.

Por mais de um ano, foi nosso professor preguiça/ pinóquio, ganhando seu imerecido salário, tomando levemente nosso tempo, um símbolo da falta de aptidão profissional.

Até que um dia, foi substituído por uma jovem professora que interpretava nosso currículo de geografia de modo diferente, enchendo nossas aulas de revelações e sonhos, falando do espaço sideral, das galáxias, do nascimento e morte das estrelas, do Sol, estrela de quinta grandeza e fonte de vida, dos rios longínquos aos quais só o homem primitivo tinha ainda acesso, das dádivas da Natureza... Uma noite, munida de binóculos, nos reuniu para observar estrelas e constelações, mostrou a Via Láctea, nossa pátria sideral, declamou sonetos de Bilac, "Ora (dizeis), ouvir estrelas, certo perdeste o senso (...) Amai para entendê-las, pois só quem ama pode ter ouvido, capaz de ouvir e de entender estrelas". Momentos de cultura e encantamento... Visitávamos praças, jardins e parques agrícolas para observar os sinais da estação em curso, o cultivo do bicho-da-seda nas amoreiras, a florada dos laranjais, a colheita do café, o trabalho numa represa em construção, nas fábricas e nas ruas, despertando a sensibilidade para a Natureza e valorizando as variadas atividades humanas.

Professores comentavam que ela "matava" aulas, penso que era dor-de-cotovelo, incapazes de iniciativas pioneiras como as dela.

Não guardei os nomes de todas as capitais européias e afluentes amazônicos, também não me fizeram falta. E devo àquela jovem professora de geografia alguns dos melhores momentos da minha vida escolar.

Sobre Guernica

“Era uma 2ª feira, dia de feira-livre na pequena cidade da Biscaia. Das redondezas chegavam às suas estreitas ruas os camponeses do vale de Guernica, no país dos bascos, trazendo seus produtos para o grande encontro semanal. A praça ainda estava bem movimentada quando, antes das cinco da tarde, os sinos começaram os seus badalos. Tratava-se de mais uma incursão aérea. Até aquele dia fatídico - 26 de abril de 1937 - Guernica só havia visto os aviões nazistas da Legião Condor passarem sobre ela em direção a alvos mais importantes, situados mais além, em Bilbao. Mas aquela 2ª feira foi diferente. A primeira leva de Heinkels-11 despejou sua bombas sobre a cidadezinha precisamente às 16:45 horas. Durante as 2 horas e 45 minutos seguintes os moradores viram o inferno desabar sobre eles. Estonteados e desesperados saíram para aos arredores do lugarejo onde mortíferas rajadas de metralhadora disparada pelos caças os mataram aos magotes. No fim da jornada, contaram-se 1.654 mortos e 889 feridos, numa população não superior a 7 mil habitantes. Quase 40% haviam sido mortos ou atingidos”.

História de los españoles, vol. II, Grijalbo, Barcelona

O terrível massacre se expressou pela arte-dor na tela mais famosa de Pablo Picasso, que se compõe de figuras desesperadas, corpos em pedaços, fragmentos multiformes em cores sombrias- preto, branco, cinza... Expressão da tecnologia, enquanto esmagadora do homem, além da compreensão dos que lutam por um mundo melhor. Lutam... registram... pintam... Não deixam as lágrimas virarem pó. Lastram tons, tintas, palavras... Reproduzindo na capa a tela do artista, a autora destes contos presta sua homenagem ao grande pintor que com arte e talento immortalizou a dor de um tempo, um povo, um local. O grito parado no ar convida a reflexões sobre uma paz humana e uma harmonia além das tintas tristes dos homens. O preto em branco se faz preto e pranto. É o sonho da Arte como libertação, como sonhou Manuel Bandeira. Mentes brilhantes deixam testemunhos de seu tempo. Denunciam, quando os homens perdem a sensibilidade. A Arte afoga a alma de seu dono ALÉM DOS SENTIDOS?

Presente ainda o amor romântico, pois, como disse Dante, *o amor move o céu e as estrelas*: no fatal encontro numa aldeia medieval; na estranha noite de todos os amores na catedral de Bruges, entre santos barrocos e o apagar das velas; no imprevisível encontro de um Anjo mensageiro com uma Moça Gentil...

Não foram esquecidos os temas científicos: a recuperação de Sócrates pela clonagem de partículas na poeira do espaço-tempo; a vacina anti-paixão; o encontro amoroso na bizarrice do mundo quântico...

Entre os temas diversos, o destino ditado pelo acaso, numa tarde outonal; a chuva decidindo rumos; a quebra da rotina, na rotina das caminhadas de Madalena; a corrupção configurada num carro milionário; os miados proféticos dos gatos no telhado...

Entre tantos outros. Em Além dos Sentidos, deu-se preferência a contos curtos. Como escreveu o poeta Silas Corrêa Leite, *“sorte do leitor, que pode assim dispor de um livro de contos de temas diversos, atraentes, de fácil leitura e de ótima qualidade literária para suas horas de ócio”*.

Contatos:

maria-13@uol.com.br
Rua Itaporanga, 52
18460-000 Itararé/SP
Fone: (15) 3531-2065

“... partiram em direção ao fundo da gruta, dois vultos se esgarçando, desaparecendo do nosso olhar atônito, rumo certamente ao infinito de um amor que o ligava para sempre. Nossa perplexidade comovida nos paralisava, nenhuma palavra dizíamos, mudos de espanto. Até que desapareceram...” (A Gruta Azul)

“O mesmo pão-oferenda todo dia, uma espera sem limites, um olhar fixo e esquisito, no qual uma pessoa mais atenta poderia ver vestígios de sonhos de uma mulher perdida em seu próprio desvario esquizofrênico...” (À Espera)

“Aquele velho homem, Seu Minári, com quem jamais tinha conversado, amigo de meu pai, tornara-se de repente a expressão do meu mundo, das pessoas e coisas que eu amava, o mensageiro da alegria... Chorei quando ele se foi...” (Infância)

“Acordei ouvindo vozes dolorosas trazidas pelo vento, como se as mágoas todas do mundo se condensassem naqueles lamentos. Era de arrepiar. Senti compaixão, senti muito medo. Diego me chamou... As vozes vinham do sítio arqueológico.” (O Enigma dos Rupestres)

“O caso transcendia qualquer explicação, já que não só mergulhava no passado dos mortos, como por vezes o fazia com precisão assustadora, revelando fatos sombrios perante a família e a sociedade estupefatas.” (A Face dos Mortos)

“E nos decidimos por Sócrates, pela dignidade com que conduziu a vida e a morte. E, identificadas na poeira do tempo as partículas que o tinham constituído, as clonamos, reconstituindo a identidade somática, mental e síquica do filósofo.” (Sócrates: a busca)

“Ah, então a engraçadinha ainda brincava com ele, plagiando a fala do Fico de Dom Pedro? A atrevida culpava o pobre Gaspar pelas desordens? Pois haveria de saber com quem estava lidando, a bandida, desgraçada, ela e seu cão vira-lata.” (A Guerra dos Vizinhos)